



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UFPA
LICENCIATURA EM TEATRO

PAULA ADRIANNA BARROS DA CRUZ

CORPO DEVIR: as afecções de uma mãetriz e palhaça

BELÉM
2021

PAULA ADRIANNA BARROS DA CRUZ

CORPO DEVIR: as afecções de uma mãetriz e palhaça

Trabalho de conclusão de curso - TCC apresentada, como requisito para obtenção do grau de graduação em licenciatura Plena em Teatro à Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará.

Orientador (a): Cláudia do Socorro Gomes da Silva.

Coorientador (a): Priscila Romana Moraes de Melo.

BELÉM
2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da ETDUFPA/UFPA-Belém-PA**

C957c Cruz, Paula Adrianna Barros da
Corpo Devir: as afecções de uma mãetriz e palhaça / Paula Adrianna
Barros da Cruz -- 2021.

Orientadora Prof^ª Dr^a Cláudia do Socorro Gomes da Silva.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de
Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de Licenciatura em Teatro,
Belém, 2021.

1. Teatro – Processo de criação. 2. Corpo como suporte da arte. 3. Palhaço.
4. Artistas circenses. I. Título.

CDD - 22. ed. 791.33

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



ATA Nº 279 / 2021 - ICA (11.31)

Nº do Protocolo: 23073.087727/2021-01

Belém-PA, 11 de março de 2021.

ATA DE AFERIÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 10 dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e um, às 10h (dez horas), reuniu-se via plataforma Google Meet, a Banca Examinadora composta pelos docentes: Prof.^a Ma. Claudia do Socorro Gomes da Silva (Orientadora e Presidente de Banca), Prof.^a Ma. Priscila Romana Moraes Melo (Coorientadora), Prof.^a Ma. Alana Clemente Lima (Avaliadora Externa) e Prof.^a Dr.^a Patrícia Mara de Miranda Pinheiro (Avaliadora Interna), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria da discente PAULA ADRIANNA BARROS DA CRUZ, intitulado: "CORPO DEVIAR: as afecções de uma mãe e pai".

Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado: O trabalho foi APROVADO com conceito EXCELENTE com as seguintes observações: Necessita fazer revisão gramatical e normativa em conformidade com a ABNT. Após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, foi assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

Belém, 10 de março de 2021.

Prof.^a Ma. Claudia do Socorro Gomes da Silva - Orientadora e Presidente de Banca

Prof.^a Ma. Priscila Romana Moraes Melo - Coorientadora

Prof.^a Ma. Alana Clemente Lima - Avaliadora Externa

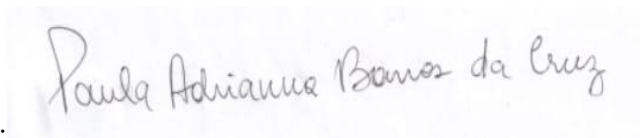
Prof.^a Dr.^a Patrícia Mara de Miranda Pinheiro - Avaliadora Interna

(Assinado digitalmente em 22/03/2021 18:04)
CLAUDIA DO SOCORRO GOMES DA SILVA
PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR
ICA (11.31)
Matrícula: 21.76292

(Assinado digitalmente em 25/03/2021 14:11)
PATRICIA MARA DE MIRANDA PINHEIRO
PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR
ATUOPPA (22-02.06)
Matrícula: 2508994

Para verificar a autenticidade deste documento entre em
<https://sipac.ufpa.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **279**, ano: **2021**, tipo: **ATA**, data de emissão: **11/03/2021** e o código de verificação: **c688d5173f**

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

A handwritten signature in black ink, reading "Paula Adrianna Barros da Cruz". The signature is written in a cursive style and is positioned above the printed name.

Assinatura:

Paula Adrianna Barros da Cruz

Local e Data: 10/04/2021

DEDICATÓRIA

Dedico as mulheres que me auxiliaram na construção de mim e do meu corpo/trajeto com o teatro e na vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente em memória a minha avó materna Oneide Caldas que me acalentou, regou e cuidou a semente para brotar a flor que sou hoje. A minha mãe DeJane Barros com ela e por ela aprendi a SER forte. As pequenas/grandes meninas – Catarina e Helena que gerei, que cuido e compartilho todo meu amor, dedicação e tempo de existir.

As que me dedicaram tempo e acolhimento: Cláudia e Romana.

A Ana Paula Castro quem esteve e está junto a mim na batalha da maternidade, me acolhendo, apoiando e dando todo esforço e dedicação possível.

As mães que juntas compartilhamos angústias, choros, dores, superamos batalhas e nos acolhemos, graças a elas e com elas nossas lutas políticas e garantia dos nossos direitos ecoaram através dos muros de nós mesmas e que fizeram história nesse espaço normatizado e endurecido que é a ETDUFPA: Ana Luíza Aragão (Analú); Bárbara Viana; Sidiane Nunes; Letícia Moreira; Adrielle Santana; Silvia Teixeira; Faye Melo; Joyce Carvalho. Aquelas que me afetaram e afectam no processo de construção de mim: Wanessa Sêmola; Dayanne Santos; Dani Nunes; Larissa Latif; Wlad Lima; Alana Lima; Josilene Nascimento; Raissa Ribeiro (Ylla); Clévia Dantas; Corina Nascimento (em memória); Ana Paula Nascimento; Cléia Nascimento; Leilane Beatriz; Kati Oliver e sua companheira Carol.

E, aos homens corajosos que aturam e aturaram os processos e fases de Ser quem sou: Ao meu grande pai/avo Air Nestor Barros (em memória); Jefferson Nascimento; e Edson Fernando. Minha gratidão por cada estado de afetação, troca, palavras, puxadas de orelha e força.

Com afecto,

Paula Barros.

REGISTRO DO ENCONTRO COM OS CORPOS

P.

Figura 1 – Trabalho de parto da Catarina.....	13
Figura 2 – Quatro meses de gravidez da Helena	13
Figura 3 – Imagem-força do corpo em construção.....	25
Figura 4 – Poema o que eu sou.....	27
Figura 5 – I Seminário de Serviço social -FAPAN.....	27
Figura 6 – Dia da aprovação no vestibular.....	31
Figura 7 – Dia de apresentação do pré-projeto.....	34
Figura 8 – Dia de estágio supervisionado II – ministrando aula.....	44
Figura 9 – Depois de chegar de uma animação.....	46
Figura 10 – Amamentação antes da apresentação do espetáculo.....	47
Figura 11 – Eu e Clévia nos 2 anos da Catarina na Santa Casa.....	51
Figura 12 – Ação Grupo Voluntarização na Santa Casa.....	52
Figura 13 – Dia de curso de extensão	60

RESUMO

Este é um processo criativo em arte. Ele nasce em um movimento de observação das afecções atravessadas em meu corpo, a partir, da maternidade e da minha vida que permeia a Universidade e o Teatro. Em uma dialética com meu SER e com pensadores da Linguagem Teatral como Augusto Boal (1931-2009) e Antonin Artaud (1896-1948) que são minha "rede de apoio" no pensar a cena do meu corpo e fazer a cena com o Teatro e a educação. E, em consonância com a trajetória deste corpo ao encontro e descoberta do Si, encontro com os pensadores Gilles Deleuze (1925-1975) e Benedicto de Espinosa (1632-1677) sobre os estados de afecção destes corpos EU: mãe, atriz e palhaça. Desse modo, descobrindo a ação na escrita e nas mídias da vida corpo eu que existe. O objetivo desta pesquisa é relatar minha vivência materna em formatos de cartas, onde se inicia um novo ciclo de construção sobre mim, pela pessoa que fui, que sou e das relações que tenho construído nesse espaço do Teatro com a maternidade. O método utilizado surgiu a partir do encontro que tive com a primeira gestação, pois a relação da maternidade a linguagem teatral, juntamente com a necessidade de envolver o "Corpo em Construção" em pesquisa que pudesse contribuir nas relações dos estados de afecções do meu corpo com o mundo. Os materiais utilizados foram cartas e vídeos, nos quais são a concretização do meu desejo de formar-me educadora sobre a condição humana que o Teatro há séculos se expressa e vive. A demonstração da vivência retrata o corpo/materno com a palhaçaria, no qual foi construído através de cenas e cartas, proporcionando encontros com outros corpos, permitindo afecionar com Teatro. As sensações e experiências do corpo em construção que sou "eu", paralelo aos pensadores e fazedores dessa arte, reforça o decurso do Corpo/Devir, no qual enfatiza que sou como uma criança recém-nascida que desde o primeiro momento da sua geração vai recebendo os estímulos externos e vai dando "luz" as suas sinapses. Considerando as devidas aproximações da minha vivência materna em formatos de cartas, narrei a construção sobre mim, mais especificamente as relações que tenho construído nesse espaço do Teatro com a maternidade. Concluir que o Corpo faz parte do nosso cotidiano e a maternidade se torna um mundo a partir do momento que descubro que um ser cresce dentro de mim. Fortificando a verdadeira natureza do "Corpo em Construção" em conjunto com as partes vivas que construir.

Palavras-chave: Afecção. Corpo. Teatro. Palhaçaria.

ABSTRACT

This is a creative process in art. It is born in a movement of observation of the affections crossed in my body, from, of the maternity and of my life that permeates the University and the Theater. In a dialectic with my BEING and with thinkers of the Theater Language like Augusto Boal (1931-2009) and Antonin Artaud (1896-1948) who are my "support network" in thinking the scene of my body and making the scene with the Theater and education. And, in line with the trajectory of this body towards the encounter and discovery of the Self, I meet with the thinkers Gilles Deleuze (1925-1975) and Benedicto de Espinosa (1632-1677) about the states of affection of these bodies EU: mother, actress and clown . In this way, discovering the action in writing and in the media of life that exists me. The objective of this research is to report my maternal experience in letter formats, where a new cycle of construction begins over me, for the person I was, who I am and the relationships I have built in this space of the Theater with motherhood. The method used arose from the encounter I had with the first pregnancy, because the relationship between motherhood and theatrical language, together with the need to involve the "Body in Construction" in research that could contribute to the relationships between the states of my body's conditions with the world. The materials used were letters and videos, which are the fulfillment of my desire to become an educator on the human condition that the Theater has been expressing and living for centuries. The demonstration of the experience portrays the body / mother with the clownery, in which it was built through scenes and letters, providing encounters with other bodies, allowing to be affected with Theater. The sensations and experiences of the body under construction that is "me", parallel to the thinkers and makers of this art, reinforces the course of the Body / Becoming, in which it emphasizes that I am like a newborn child who, from the first moment of his generation, goes receiving the external stimuli and giving its synapses "light". Considering the proper approximations of my maternal experience in letter formats, I narrated the construction about me, more specifically the relationships that I have built in this space of the Theater with motherhood. Conclude that the Body is part of our daily lives and motherhood becomes a world from the moment I discover that a being grows inside me. Fortifying the true nature of the "Body in Construction" together with the living parts you build.

Keywords: Affection. Body. Theater. Clown.

LISTA DE DESTINATÁRIOS

P.

1 FECUNDAR.....	12
1.1 CARTA DE DESCRIÇÃO AO LEITOR.....	12
1.2 MOTIVAÇÃO.....	13
1.3 OBJETIVO.....	15
2 DEMONSTRAÇÃO DA VIVÊNCIA.....	15
2.1 O ESTADO DA AFECÇÃO: CARTA PARA ESPINOSA.....	15
2.1.1 O Estado da afecção.....	21
2.1.2 De onde você vem? Carta para Wlad Lima.....	27
2.1.3 Encontros e (des)encontros: carta para Ivone Xavier	36
2.1.4 Afeto x Afecção: Papo entre mulheres. Carta para Larissa Latif	40
2.1.5 Criando Soluções: Carta para Andréia Flores.....	50
2.1.6 Ação Cretina: Construindo relações: carta para Edson Fernando.....	56
3 PARIR.....	61
3.1 CORPO PALHAÇO: CONSTRUÇÃO DE UM CORPO PALHAÇA.....	61
3.1.1 Corpo Afeto: videoarte.....	62
3.1.2 Caos e Corpo: videoarte.....	62
REFERÊNCIAS.....	63
ANEXO.....	65
APÊNDICE	161

1 FECUNDAR

1.1 CARTA DE DESCRIÇÃO AO LEITOR

Belém, um dia como outro qualquer de um mês chuvoso de um ano que inicia encharcado.

Hoje parece ser um dia normal, primeiro um sol de rachar, depois aquele toró (muita, mas muita chuva mesmo) em Belém do Pará. Ruas alagadas, pessoas escondidas em suas sombrinhas, algumas sombrinhas coloridas, outras criativas cheias de babados e floridos, não sei bem o porquê, mas esse ano estou otimista! Ando dizendo que estou encharcada de coisas para dizer, sentir e viver, como estou em Belém, nada mais justo que um encharcado regional, pois esse cenário me contagia nem sempre de coisas boas, mas é o lugar ou diria é uma das cidades do meu trajeto/corpo da vida, ora Belém, ora Marituba. Atualmente resido no município de Marituba-Pará. Porém, grande parte do meu tempo fico em Belém, pois é nesse lugar que se encontra o espaço do Teatro que frequento e que vivenciei boa parte do meu trajeto/corpo. Nesses lugares há dois estados de afecção do meu corpo - A maternidade e o Teatro. E é sobre eles que venho escrever.

Agora escrevo daqui de um ônibus lotado (atravessando de um lugar a outro), por sorte estou sentada, pois está sentada e sozinha é raro! Por quê? Vou me apresentar.

Sou Paula Barros tenho 28 anos, sou atriz, palhaça, pesquisadora do meu fazer artístico, universitária, educadora e tenho o maior e mais árduo de todos os “trabalhos” - Sou mãe! Trabalho? sim! pois, quem é mãe sabe do que estou falando. É um trabalho constante de alimentar, educar, limpar, criar, cuidar, dar, doar. São muitos verbos (ações) dentro de um cotidiano de vinte quatro horas por dia, sete dias por semana, trinta dias no mês e trezentos e sessenta e cinco dias no ano, sem direito a férias, folga, descanso. E, quando por algum momento do dia, você pensa em se sentir “livre”, logo você escuta: “mãeeeeee”. Então, o que dizer sobre os últimos cinco anos?

Nas imagens a cima estou grávida da Catarina na sala de parto e já com contrações há três dias, Socorro minha sogra quem tirou a foto. A debaixo é a barriga da Helena depois de uma dança circular no Hotel Sagres promovido por uma mãe, Marluce Araújo, quem fez o registro do momento foi minha mãe, assim que cheguei do evento para buscar a Catarina que havia deixado na casa dela. Ambas são do meu arquivo pessoal.

- **ESTIVE GRÁVIDA!**

Figura 1 – Trabalho de parto da Catarina.



Fonte: Narciza do Socorro, 2015.

Figura 2 – Quatro meses de gravidez da Helena.



Fonte: DeJane Barros, 2016.

1.2 MOTIVAÇÃO

Esse trabalho nasce do encontro que tive com a primeira gestação. Pois, na relação com meu bebê sentir a necessidade de envolver-me numa pesquisa que pudesse através da linguagem teatral contribuir na relação inicial da família com a chegada do bebê. No entanto,

no decorrer do tempo e do processo de pesquisa uma nova e inesperada gravidez dá novos rumos e novas visões de se olhar a vida e tudo que implica na vida, neste caso - a minha.

O Teatro contribuiu para minha formação acadêmica, pessoal e profissional, pois, têm sido o ponto de encontro das relações e dos estados de afecções do meu corpo com o mundo. Para esclarecer melhor o lugar de onde falo, reporto-me alusão de Flávio Desgranges (2003, p.19), que utilizou o ponto de vista de Bernard Dort sobre como o espectador ler uma obra teatral: “O centro da Gravidade teatral mudou: ele não está mais na cena ou na obra somente, ele se situa de alguma maneira no ponto de intersecção da cena com a sala, ou melhor ainda no encontro do Teatro com o mundo”.’

Então, decido hoje escrever para você que lerá essas cartas e verá os vídeos que unidas são a concretização do meu desejo de formar-me educadora da linguagem Teatral e que está impregnado de afecções. Para tanto, além da apresentação que fiz de mim, preciso esclarecer sobre a decisão de escrever cartas, assim como a estética apresentada nesta organização, onde a melhor nomenclatura para ela é: Corpo em Construção.

Corpo porque primeiramente o Teatro trabalha com o corpo, depois porque penso, descrevo e transcrevo o trajeto e as afecções sentidas pelo meu corpo de mãe, atriz e palhaça no espaço do Teatro e com a linguagem do Teatro. Também porque é sobre a Condição humana que o Teatro há séculos se expressa e vive.

Tenho este não somente como um Trabalho de Conclusão de Curso, mas como uma representação estética do meu corpo/trajeto nesse lugar do Teatro, ele significa não somente uma obrigação acadêmica, mas sim, é uma das formas possíveis de comunicar sobre o que é esse meu corpo/devir de mãe, atriz e palhaça em estado de Afecção. Não se pode compreender esse corpo em construção como meu corpo na sua formação de cabeça, troncos e membros, ele está implicado em um conceito de abstração do sujeito para além do corpo, porém eu corpo quanto estrutura é parte integrante deste corpo em construção, logo, ele participa e comunica neste.

E, entende-se aqui sobre corpo: substâncias materiais, imateriais, orgânicas e/ou inorgânicas. Para reforçar este pensamento sobre substância parto da ideia, Benedicto de Spinoza (1632 – 1677), diz que: “Entendo por substância o que é em si e se concebe por si: isto é, aquilo cujo conceito não tem necessidade do conceito de outra coisa” (ÉTICA, pef. III).

Primeiro neste corpo escrito, o encontro parte da linguagem Teatral com meu corpo no tempo da vida. O mundo é criado de duas maneiras: Real e ficcional. O Teatro se mistura ao meu corpo materno, de atriz e palhaça em estado constante de transformação, seja em cena com

a palhaçaria que se torna a ação dos corpos em transformação ou na descrição real do que vivenciei nesses espaços da maternidade e do Teatro.

Então, como falar desse corpo, que é matéria ao mesmo tempo abstração do sujeito? E aí surgem as dúvidas: Como este corpo da mãe, atriz e palhaça é afetado pelo mundo/teatro? Como essas afecções se costuram e atravessam por mim para a construção de mim mesma? Como trabalhar esses afetos do corpo/eu para o corpo em construção da escrita?

1.3 OBJETIVO

- Relatar minha vivência materna em formatos de cartas, onde se inicia um novo ciclo de construção sobre mim, pela pessoa que fui, que sou e das relações que tenho construído nesse espaço do Teatro com a maternidade.

2 DEMONSTRAÇÃO DA VIVÊNCIA

2.1 O ESTADO DA AFECÇÃO: CARTA PARA ESPINOSA

Dito isso, parto para as afecções.

Afecção é um conceito de Benedicto de Spinoza (1632 – 1677) em sua obra *Ética*, que obtive acesso a partir do *Anti -Édipo* de Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992), do qual minha orientadora Cláudia Gomes me apresentou. De acordo com Spinoza (2009, p.111) Afecção é: “A modificação de um corpo causada pelo encontro com outro corpo”.

Posso, portanto, dizer que, afecção é o corpo sendo afetado pelo mundo, um encontro entre dois corpos que se relacionam e que sofrem alterações, fazendo com que o corpo entre em um processo de transição, mudança, portanto - o *Devir*, deriva de acordo com o dicionário português online da palavra *Devenire* (latim) que significa: “Vir a ser; tornar-se, transformar-se”. E para a filosofia é: “o Movimento permanente e progressivo pelo qual as coisas se transformam”. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/devir/>. Acesso em: 10/03/2019.

O *Devir* na minha compreensão acredito que posso dizer que são duas coisas: Encontrar e Mudar. Parto do pressuposto da alteração do comportamento, ou seja, passo a mudar o meu modo de olhar e me comportar a partir das afecções geradas pelo encontro (DELEUZE; GUATTARI, 2011).

Exemplo seria na palhaçaria, onde uma cena cotidiana da minha maternidade como a ação de retirar brinquedos do chão que naturalmente não gosto de fazer e meu corpo faz isso no estado “automático” - Operando sem minha vontade com movimentos repetitivos, que quando vivenciada e experimentada na cena ela se torna outro estado de alteração do corpo, logo, muda meu olhar e meu comportamento a partir dessa vivência, sendo possível tornar-se uma cena risível, e/ou poética e cômica.

Exemplificando a partir de Spinoza é aqui o afecto expressando a mudança do estado de agir do corpo a partir de outro corpo, logo, o Devir presente no corpo.

Para rir de uma cena cotidiana e real da minha vida o encontro com a palhaçaria e a vivência nos espaços e com a linguagem teatral me conduzem a descobrir a minha própria natureza de SER, reinventando assim outros modos de olhar a mesma vida. Para ser mais precisa assista o vídeo que fiz como resultado da oficina com Ricardo Puccetti oferecido em 2019 pelo Maloca de palhaças com Fita Crepe filmes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qdTMXNsJ8o8&t=595s>. Como é um “Clownbaré” que é uma apresentação com vários números de palhaçaria vocês também verão vários outros números de palhaços, nesse caso o meu será o segundo.

É com esse Teatro da palhaçaria e da maternidade, que escrevo para os que fazem parte desses encontros, penso encontro, não somente com os corpos, mas também aquelas afecções sentidas, atravessadas, fruídas no meu Corpo/Ser pelas sinapses acerca dos pensadores, fazedores da linguagem teatral como os já citados e os lidos e “devorados” para o “parir” dessa escrita. Lembrando que estamos falando de um corpo em Afecto e isso implica na imanência do ser que faz parte do Devir!

Outros pensadores que neste corpo marcam encontro teórico da pesquisa e que aportam em como essas afecções atravessam na construção do meu corpo/devir são: Augusto Boal (1931-2009), Antonin Artaud (1896-1948) Félix Guattari (1930-1992) Gilles Deleuze (1925-1995), com as obras respectivamente: “Jogos para atores e não-atores” (2007, 10ªed); “O Teatro e seu duplo” (2012) e “Anti-Édipo” (2011, 2ªed.); “Espinosa e o problema da expressão” (2017).

Acabo por trazer conceitos filosóficos bastante complexos. Portanto, a primeira carta apresentada é para Espinosa na intenção ou não de compreensão do meu corpo/ser/materno. Confesso que não discuto em si os conceitos trazidos por esses autores, mas, busco compreendê-los partindo do meu corpo afeto em Devir.

Compreendo tudo sendo interligações de Corpos/Eus/pensantes formando grandes rizomas do pensamento. Logo, a estrutura do corpo seja o corpo em construção ou o corpo da mãe, atriz e palhaça buscam formas de expressão e de encontro com o Si, parindo a escrita e os videoartes.

Os videoartes são materiais que construir a partir da qualificação, pois, percebi com a avaliação da banca que precisava sentir e (re)viver, e (re)construir essas ideias desses corpos. Depois, porque Larissa Latif escreveu na capa do meu trabalho sua avaliação como: “rizomas do pensamento” e me questiona: “cadê a palhaça exausta?”, ela rabisca coisas como: “Experiência – Devir 3 corpos – multiplicidade – experimentar o corpo – experimentar o Teatro no corpo – experimentar o corpo grávido no Teatro – experimentar o corpo parido no Teatro”. Resolvo então, experimentar e filmar as experimentações, surge o “caos e o corpo” primeiro, depois o parir a escrita (corpo em construção) que considero o vídeo: “corpo afeto” e por fim o “construção de um corpo palhaça” mostrando as cartas que já havia escrito da Paula para a Nanna e da Nanna para Paula.

Com toda a certeza a palhaça não é a exaustão! Ela é a potência. Ela é a essência da Paula, ela transforma a exaustão em oportunidade de criar e gerar ações/verbos. Um exemplo seria no vídeo criado para o projeto de pesquisa e extensão: “Clown Nosso de cada dia” enquanto planejava o que faria com a Nanna Chorona, Catarina e Helena brincavam. A ideia do vídeo era elaborar várias situações vivenciadas em casa com as meninas, porém, nada saiu como planejei, mas a Nanna fez o que parecia ser nada certo para mim, virar alguma coisa: pequenas ações no ato de brincar com as meninas viraram um vídeo leve e com vida. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CCZmfKCBdoc/>.

Dito isso, voltemos agora para a estética, de como esse corpo/eu se configura no corpo em construção: Este é o corpo em estado de alteração. Ele se encontra em processo de inquietação ao qual ele precisou ser colocado. Como assim? O formato que você lerá aqui é apenas um fragmento de trabalho do corpo em construção, pois sendo uma instituição acadêmica precisava deixar meu corpo de acordo com o formato de pesquisa academicista, me refiro as normativas da ABNT. Sendo assim, o leitor poderá escolher permanecer neste arquivo ou se direcionar ao Apêndice que é a organização desse corpo que nomeio: Corpo em Construção.

No entanto, se quiser prosseguir neste formato você precisa entender que as referências que faço são ao corpo em construção do apêndice, e que escolhi deixar desse modo como forma de protesto a desconstrução e organização do meu próprio corpo.

Então, para chegar à estética apresentada nesta organização, eu e minhas orientadoras percorremos os caminhos mais diversos da escrita. Desde gravar a minha fala para transcrever, até colocar a escrita na formalização acadêmica – me refiro a pesquisa em que nos colocamos distante do objeto. De acordo com Sylvie Fortin e Pierre Gosselin (2014, p. 05) podemos chamar de: positivista/quantitativo.

Portanto, este é marcado por encontros e para falar deles, “encontro” com Sylvie Fortin (2014), que aborda sobre metodologias de construção da pesquisa em arte. Ela menciona sobre *bricolagem* que conseqüentemente encontro no livro *A Personagem Palhaço* (2007, p. 15) de Andréia Pantano esta menciona a origem do que é: “Bricolage: noção de estética de Claude Lévi-Strauss no livro *Pensamento Selvagem* que significa submeter uma estrutura os mais diversos elementos”. E não poderia faltar Deleuze e Guattari no *Anti-édipo* (2010, p. 11) que também falam sobre essa bricolagem só que no corpo sendo um grande *Bricouler* de conexões e tubos, tornando-se assim as máquinas desejantes.

A ideia de *Bricouler* é a ideia desse corpo em construção acoplado e me permitindo as colagens e os links estabelecendo essa pesquisa de um corpo em constante transformação no tempo em que existe, me possibilitando caminhos para a construção de um *bricouler*/trabalho tornando-se grandes rizomas dos pensamentos EU.

Para tanto, a estética da escrita das cartas vem interposto por *Bricolagens*, e podemos entender não só os links, como as datas das cartas, pois elas são parte desse estado de afecção do corpo, as sensações, sentimentos, pensamentos e descrição do momento fruído pelo meu corpo. Assim como as referências aos autores. Sendo cartas, como poderia fazer referências de modo normativo? Encontrei no *bricouler* estético da criação do meu corpo a forma de apresentação desejada por mim, em diálogo com os autores, portanto, tudo aquilo em que não sou eu quem digo, faço destaque no texto em itálico e negrito.

Quando lerem, imaginem a página do meu próprio caderno e que dou destaque com uma cor diferente, como um diário que damos destaque para aquilo que consideramos importante.

Temos ainda as imagens que compunham o corpo em construção, algumas delas são imagens da Catarina que desenha enquanto escrevo boa parte da monografia, exemplo é imagem da seção FECUNDAR. Ela fez enquanto lia o texto do “Quem somos nós” que vocês também podem ler na carta 1.3 página (1), por fim ela me deu dizendo para colocar no meu TCC porque era eu e ela.

Como só havia uma pessoa na imagem dela, indaguei: - E cadê você? Ela respondeu: - “Dentro da sua barriguinha mamãe”. Ali decidi que aquela imagem faria parte do meu corpo em construção, e de início para representar a fecundação deste.

Outro exemplo é a imagem da lista de destinatários um rabisco da Romana Melo em um dos nossos encontros para correção da monografia, ela desenhou no canto de uma das páginas que estávamos lendo juntas, portanto, considero fragmentos dos corpos/eus, ao ver e ler reconhecemos o nós! Logo recorro ao que diz Deleuze, (2017, p. 240): "A estrutura de um corpo é a composição da sua conexão. O que pode um corpo é a natureza e os limites do seu poder de ser afetado”.

Essa imagem de fundo de caderno é do meu próprio caderno de escritas, pois antes de passar para o Word, elas foram escritas a mão. E, acredite era assim que queria que fosse meu trabalho - escrito a mão. Loucura? Talvez. Mas, logo fui orientada a perceber a impossibilidade dessa forma, já que seriam muitas cópias, por isso, escolhi essa forma e letra que é a que mais corresponde a minha. Em meio as escolhas também foi me sugerido pela orientadora o trabalho que apresento para a entrega na Biblioteca da instituição, pois a última me impossibilita pela normativa acadêmica estabelecer minhas próprias regras de construção desse corpo. Mas, eu e Cláudia juntas vamos encontrando as “linhas de fuga” para a construção do Si.

Então, essa *bricolagem*, vem possibilitar novas formas de se pensar e construir a pesquisa em arte, bem como, me dando o direito de “gozar” das licenças poéticas que me são permitidas para falar desta vida/corpo que afeta e é afetada por outras vidas/corpos.

A escrita de cartas. Ela inicia na infância quando escrevia os diversos “Eu te amo” para a minha mãe e que se tornou sério a partir dos doze anos, quando escrevo na madrugada juntamente com duas queridas amigas do Teatro infanto-juvenil da Escola de Teatro e dança da UFPA, a Larissa e a Raissa, foi um dia juntas com compartilhamento e confissões de adolescentes, onde ao fim do dia decidimos escrever uma para a outra para registrar o encontro. Assim, começo a escrever pequenas cartas e pensamentos com mais frequência, como receber também. E, no fim do 2º grau (ensino médio) percebo que tenho uma coleção de cartas que escreveram para mim e de coisas que pensava acerca de mim e da vida. Como também os pensadores que convido ao encontro deste, por parte de suas vidas trabalhavam seus conceitos e discutiam as relações deles através da escrita de cartas.

E porque minha orientadora, no início do processo da escrita me sugeriu isso, porém, demorou mais de um ano para a concretização desta, foi uma busca pessoal de tentar expressar o que é esse corpo, de como ele poderia ser o corpo/devir, sem deixar de ser a pesquisa de

conclusão de curso acadêmico, como dito antes foi um processo de “construção”. e, que ao fim deste no verbete: “construção’ vocês podem ver esse processo, uma espécie de “*making off*” do espetáculo do corpo.

Sendo assim, vocês irão encontrar com o corpo/Ser/palavra que vai se construindo nos espaços criados e conquistados pelo tempo da vida.

Por último, friso que as cartas são escritas em tempos diferentes, umas esse ano, outras anos atrás, algumas iniciadas há muito tempo e finalizadas só para a concretização desta.

Os verbetes! Os verbetes são esses verbos em destaque vermelho nos textos e que compunham a separação dos três capítulos do trabalho, bem como, são os verbetes do devir/Eu e é ideia da professora Ivone Xavier que na disciplina TCC I da graduação em Licenciatura em Teatro, percebeu que escrevia verbos em destaque vermelhos e por felicidade minha, deu essa sugestão, que fazem parte do Devir e que utilizo agora para significar cada tempo da escrita e da afecção do meu corpo materno (que é a maior afecção sentida) e da construção desse corpo estético, logo, também é uma bricolagem do corpo em construção.

O verbo são as ações do corpo no processo de mudanças pelo qual este corpo/SER/mulher passa, é um movimento contínuo de criar e (re) criar a mim mesma, é a mudança do que existe para o que é ou está sendo, é o aqui e agora. São verbetes comunicadores do SER EU. Tem ainda, a paginação simulando o nariz vermelho da palhaça, na verdade é uma inspiração do Livro “O palhaço tá solto” de Rodrigo Robleño.

As cartas se não forem para você, provavelmente terão coisas que diz respeito aos corpos afecionados a partir do encontro, logo, só o destinatário entenderá, porém, como diz Patrick Pessoa sobre a arte da crítica que Pessoa (jul/dez. 2016, p. 82) sobre a arte da crítica que: “Nenhum realizador tem controle total da reverberação de sua obra ou da infinidade de possíveis camadas que ela pode ter”. Portanto, antes de tirar qualquer carta, pense em um encontro, vá para algum lugar mais calmo, tome um café ou qualquer outra coisa que lhe agrade o paladar, permita afectar-se e boa leitura.

Com Carinho, desta mãe, atriz e palhaça

Paula Barros.

2.1.1 O Estado da afecção.

Marituba, um dia tranquilo de sol e vento de um ano que termina nem tão encharcado assim. Com efeito, retira-se a ideia de corpo - potência - essência - afetação - corpo (modo finito) - natureza - conexões - afecções – corpo - ser - corpo - afetos - existência - modo - corpo - estado - potências - corpo. "As afecções são as maneiras pelas quais as partes do corpo humano e, conseqüentemente, o corpo inteiro, é afetado" *Ética* II, 28. Apud. Espinosa e o problema da expressão (p.240).

Estou agora, sentada na mesa da minha cozinha, com um notebook para a escrita deste - pela primeira vez, depois de um período de quase um ano. Pensando nas possibilidades de escrever sobre as afecções atravessadas pelo meu corpo, a partir do que consumi de leitura sobre esse estado de afetação, sobre o que construiu e constrói meu corpo/ser e este meu corpo em construção.

Sou Paula Barros, tenho vinte oito anos de idade, duas filhas, faço universidade de licenciatura plena em Teatro e tenho consumido livros, artigos e vídeos que falem sobre afecção para concluir meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Cheguei a baixar no meu celular teu livro "Ética" – E, até tinha uma versão impressa conquistada em um sebo quando cursava Serviço Social, mas emprestei para um amigo e nunca mais recuperei. Confesso que li uma boa parte, compreendi algumas coisas, outras nem tanto.

Por isso, fui de encontro com alguns autores que explanam e compreendem tua obra. Me permiti afetar por esses autores - como Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992). Não poderia escrever este, se não tivesse no mínimo discorrido os olhos e a mente em, pelo menos, umas cinquenta a sessenta páginas da *Ética* ou se não tivesse lido Deleuze e seu livro "Espinosa e o problema da expressão" ou iniciado e lido fragmentos do "anti-Édipo" de Deleuze e Guattari, assim como alguns artigos acerca dos afetos possíveis (LEOPOLDO, 2017).

Não sei bem ainda como fazer isso, tenho dificuldades com a organização da escrita, do mesmo modo em que tenho dificuldades da organização do eu para comigo mesma - não à toa, que este que nomeio corpo em construção, vem tecer meu encontro e estado de afecção do meu corpo com o mundo/Teatro e da maternidade no próprio mundo.

Mundo/Teatro porque ele pode ser interpretado ou compreendido de várias maneiras. De acordo com Augusto Boal (1931- 2009), em seu livro “Jogos para atores e não-atores” na edição de 2007, são quatro: Teatro quanto à construção de um edifício idealizado para os espetáculos, shows etc. Todos os seus elementos e parafernalias teatrais, pode também ser compreendido

como o lugar em que se passam os acontecimentos de comicidade e/ou tragédia, que como espectadores assistimos de forma distanciada, podemos chamar também de Teatro os acontecimentos sociais, como exemplo nossa atual conjuntura política, econômica e social; e podemos entender também como Teatro as ações da vida que se repetem no cotidiano. Sendo assim: Mundo/Teatro!

A maternidade se torna um mundo a partir do momento que descobro que um ser cresce dentro de mim. Posso dizer que foi, quando uma outra mulher me disse que eu não conseguiria "parir", quando indaguei o porquê, ela disse que eu era "cheia de frescura" e não aguentaria a dor. Foi nesse momento que comecei a adentrar no mundo materno atrás de respostas para as minhas perguntas.

Esse mundo foi o da pesquisa, o da descoberta de cada mês uma dor nova, e essa dor era no corpo que esticava, crescia o ventre, os enjoos, o cansaço, as emoções. No início, o controle das emoções, sem dúvida, foi bem difícil. Tudo era novo, tudo ainda é muito novo.

Então, no fim a dor não se trata do ato de parir, mas o ato de descobrir a maternidade e depois que se pari, é como você de novo se tornasse criança, redescobrimo a vida, as sensações, as emoções e dentro dessa vivência do mundo materno, de acordo com Augusto Boal, posso dizer, que também é relacionado com o mundo/teatro, pois o ato de maternar está respectivamente nas ações da vida que se repetem no cotidiano.

Logo, sou a protagonista e a espect-atriz descobrimo a maternidade e o teatro, e me descobrimo humana. Podes verificar o que digo no prefácio do livro acima supracitado, mais precisamente nas páginas: XV à XX, ou podes depois verificar ao fim deste corpo construção.

De todo modo, tenho tentado fazer uma organicidade não existente de mim, para a conclusão deste. Meu corpo/afeto é um estado de caos presente seja de forma política e poética como na palhaçaria, no exercício constante da maternidade, nas cenas da vida e do palco como atriz, ou seja, em boa parte do tempo em que existo, ou como segundo Deleuze e Guatarri, em reflexão do corpo sem órgãos de Antonin Artaud (2010, p.20) posso também chamar de máquina desejanter, pois: "As máquinas desejanter só funcionam desarranjadas, desarranjando-se constantemente".

Falar do corpo sendo afetado e entendê-lo de forma racional no seu modo de existir, têm sido complicado, mas como menciona Deleuze no livro "Espinosa e o problema da expressão" (2017, p. 243), tu tornas a ideia dos afetos não como uma ideia abstrata do sistema intelectual, mas sim algo concreto na potência e variação do modo de existir e que dura enquanto este

existe, claro, não exatamente com essas palavras e tem a questão da introdução do corpo infinito e do espírito, afinal, eles coexistem, não é?

Diante desse caos em que me encontro e a tentativa de compreensão de mim, escrevo essas cartas que quando organizadas para a finalização de um trabalho estético e acadêmico, chamo de corpo em construção e a escrita delas fazem do meu corpo, um outro estado de afecção, devido ao rememorar os acontecimentos da vida, onde provocam sentimentos, trazem as afecções e os afetos e revelam a potência de um corpo em existir e o uso da cognição de forma racional para uma catarse na forma escrita do eu que existe.

Isso provoca um estado de ser ativo e de ideia adequada, contudo não sei se posso definir tudo assim. Pois, que para Artaud (1896-1948) definir um corpo é limitá-lo. Entretanto, se falamos em um corpo afetado precisamos também falar da forma corpo que existe quanto organização matéria, não é?

E, para falar dessas potencialidades e causas existentes das ideias de um corpo afetado, se precisa colocar em conversa o corpo infinito (Deus)? Pergunto isso, a partir das leituras de Gilles Deleuze 2017, p 239. Portanto, Espinosa te escrevo na intenção (ou não) de encontro comigo mesma em busca de respostas.

Para tanto, trago textos que existem no *Ética*, mas que li ou (re)li nos textos de Deleuze e Guattari nas Obras já supracitadas. Questões de afecção do corpo e das variações das potencialidades adequadas ou não do ser/corpo/eu.

Tenho algumas perguntas a te fazer, além das que já fiz, é claro! Acerca da compreensão desse corpo/potência, corpo/afeto e corpo quanto ideia do existir:

— Como uma potência aumenta ou diminui diante das afecções do mundo?

— Será que o que tece acerca destes estados do corpo é a mesma ideia que tenho a partir das leituras que fiz?

— Será que este corpo em construção realmente é uma potência diante das afecções sentidas pelo mundo?

— Será que é arriscado demais falar de uma afecção sentida por mim, em um determinado tempo da existência, tendo em vista, que as "afecções passivas (ideias inadequadas e sentimentos-paixões)" (2017, p. 244) mudam em constância? Ou será que é possível haver um *Devir* de forma adequada diante das inadequações?

Esse estado de afecção do meu corpo poderia entender por uma ideia inadequada de um sentimento passivo? são paixões decorrentes de uma não causa de existir?

Poderia dizer quanto a materialidade deste trabalho uma causa adequada da minha potência de existir? Pois, se entende como ideia adequada um sentimento do qual somos causa e essa causa sendo ação, me tornei na escrita uma espécie de ação de uma razão adequada existente?

Sabe por que te pergunto isso? Porque diante das afecções sentidas por mim, algumas delas foram passivas, porém, no momento passaram despercebidas, só que de alguma maneira, se refletiram como uma potência em agir, e este corpo em construção penso ser uma dessas potências de ação do ser que existe - EU.

E, isso tu podes ler nas cartas que compunham este corpo, assim, os dois são potência de um estado de afecção, acrescento também como a essência do meu ser que existe e age diante das realidades afetadas, logo, recorro ao que diz Deleuze (2017, p. 245): "A potência de compreender ou conhecer é a potência de agir própria da alma. Mas, precisamente, o poder de ser afetado permanece constante, qualquer que seja a proporção das afecções passivas e das afecções ativas".

Desse modo, é variável, por isso ocorrem as potências de aumentar ou diminuir um estado de afeto. Seria mesmo isso? O fato que compreendo que uma não existe sem a outra, e que precisei da inadequação e da passividade para a adequação e ação do meu modo de existir, logo, elas coexistem.

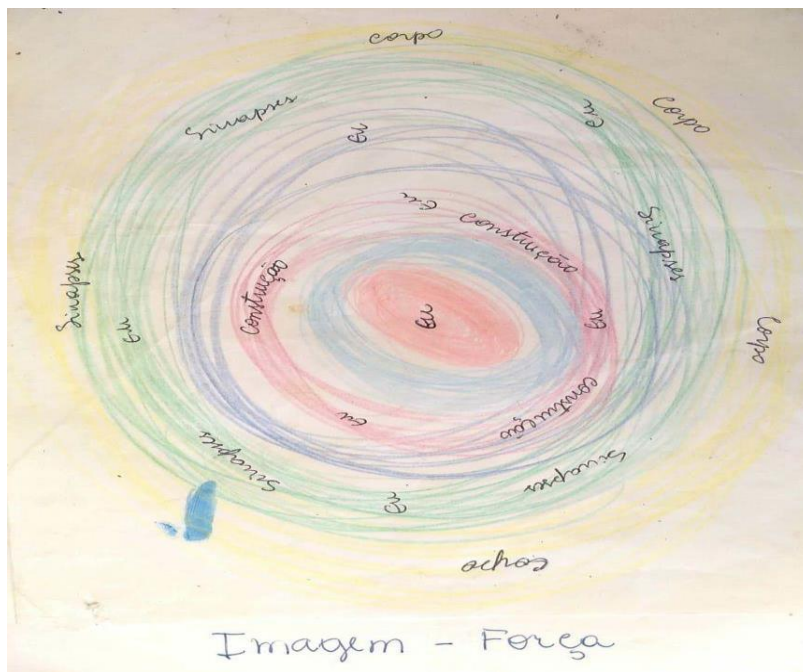
Na composição deste corpo/escrito, trago a afecção do meu corpo entre o Teatro e a maternidade, e de como este se relaciona na minha potência de agir diante das realidades do mundo, e que estas se relacionam com o social, a natureza e os outros seres como no "*Ética II*, pef. 3", assim como estes interferem e afetam diretamente aquele. Será que me faço compreender? Mesmo assim, será que tem coerência o que digo? Como saber se nem mesmo, no momento de uma afecção sentida, consigo extrair dela toda a potência real de agir, seja ela ativa ou passiva? Por mais, que pareça a realidade de transformação do eu que existe diante das situações apresentadas pela vida real na sua potência de ação, como perceber ou identificar o Devir?

E o corpo?

O corpo quanto compreensão da matéria (corpo-máquina) que eu existo, me conduz a fazer um esquema da compreensão de mim, veja: Sinapses: faz parte do corpo (máquina-corpo?), Eu: conduzo o corpo e reflito através das sinapses (corpo desejante?), Construção: É o que vou sentindo, extraindo, compondo através do corpo afetado e sobre o que o corpo é capaz de criar a partir da captação do Eu através das sinapses. (potência de agir?).

A partir da leitura do Anti-Édipo, percebi que um (corpo) pode ser o outro (eu/sinapses), como assim? são corpos sejam eles diferentes em sua definição (se é que posso colocar assim) e estado, com base nas leituras, eles coexistem. Então, pode ser a ideia do corpo sem órgãos como: corpo máquina, corpo desejante, ou pode ser o corpo finito, são corpos com potencialidades existentes sejam elas quais forem, porém não é necessariamente a matéria (corpo) que existe, apesar de ser ela que é afetada, a existência do Eu chamo neste trabalho de parte cognitiva de compreender (construção). (DUENHA, 2017).

Figura 3 – Logo demonstrando a força do corpo em construção.



Fonte: Paula Barros, 2016.

Por quê? Vou trazer para o corpo, tentando exemplificar a partir da ideia de gerar um ser. Hoje os estudos das neurociências comprovam que quando o bebê desde os primeiros momentos sendo gerado na barriga de sua mãe, seu desenvolvimento cognitivo que é associado ao processo de compreensão e aprendizagem do ser humano, está totalmente ligado aos estímulos, ou seja, ao dado momento em que um óvulo é fecundado, tudo que está na natureza seja do corpo ou da natureza externa da mãe, auxilia na criação e no desenvolvimento cognitivo, sendo fundamental a afecção ou afetação como estímulo sensorial, logo, se torna uma outra causa potente que existe.

E, as sinapses são impulsos elétricos na membrana da célula emissora, transmitindo impulsos nervosos de uma célula a outra sem as sinapses não seríamos capazes de associação e compreensão, pois não teríamos a captação das células nervosas, então podemos entender nesse corpo de acordo como menciona Carlos Augusto Peixoto (2013) sobre tua obra *Ética*, retrata a potência afetiva do intelecto.

Entendo que é o Corpo finito, presente na natureza do corpo infinito o uno no múltiplo (Deus), lembra disso? Podes também verificar no capítulo XIV do "Espinosa e o problema da expressão" sobre "O que pode um Corpo?" (2017, p.239-257). Então, assim como no Anti-Édipo ao explicar sobre o corpo sem órgãos do Antonim Artaud (1986-1948) e a trazer uma ideia de *Bricouler*, desenvolvido de formas diferentes em Deleuze e Sylvie Fortin para o corpo que construo na ideia deste corpo em construção, chamo de interligações, ou até poderia dizer ser as conexões, tubos, ou caminhos em caos existente/presente de um corpo/potência da palavra para tentar exprimir a ideia desses estados da afecção.

Trouxe os "58 indícios do corpo" de Jean Luc-Nancy para falar sobre meu corpo *bricouler*, esse que é afetado e um corpo construído de vários outros corpos, também porque existe.

E, apesar de discorrer sobre isso, tenho dúvidas de como eles são aplicados em mim, diante do caos existente que falei, como fazer uso dessas potencialidades para, de fato, um devir ativo? Será que nas realidades do que digo, das situações colocadas e como meu corpo/atriz/palhaça, assim como meu corpo da mãe vivenciaram e se potencializaram diante das ações ativas ou das inadequações passivas do Eu, elas realmente são esses estados do Devir e da transformação e adequação do existir eu?

Sabe, Espinosa, não sei se realmente me contradigo ou reafirmo as afecções deste corpo em construção, no entanto, espero manter as desordens de um corpo que age diante do mundo e que o Teatro seja o lugar para me fazer compreender ou não as realidades, potências e ações diante dos afetos ou estados de afecção, podendo eles serem ativos ou passivos, o que importa para mim é a constatação do eu quanto natureza existente (DUENHA,2017).

Se em algum acaso da vida nos encontrarmos, espero poder tecer melhor as dúvidas do meu corpo/ser, e que possamos afectar um ao outro e discorrer sobre os estados de afecção da vida.

Obrigada pela obra e obrigada por estar presente neste meu corpo em construção.

Com afeto, ou afecto

Paula Barros.

2.1.2 De onde você vem? Carta para Wlad Lima.

Belém, o sol encoberto por nuvens de um tempo duvidoso das coisas que se sucedem, de um ano encharcado.

Figura 4 – Narrativa do gênero épico “o que eu sou”.



O que eu sou?

*Sou um ser constituído de matéria,
Um ser que sente que chora
Que emociona e se emociona
Eu sou você na versão eu.
De onde eu vim?
Da dor;
Do sonho;
Das grades do apartamento;
De um lugar;
De um deus;
Da violência;
Do preconceito;
Do amor;
Da dificuldade e da família;
Do desejo e da realização!
Eu sou nós! E quem somos nós?
Somos almas pecadoras, sonhadoras em busca da
felicidade! E onde encontramos a felicidade?
Cada um encontra para si o que busca o que deseja e
o que desejamos é o reflexo de nossas almas.*

Fonte: Autoria de Paula Barros, 2012.

Querida Wlad, quero hoje te escrever para contar e agradecer a contribuição e afecção deste corpo/ser que fala, sente afeta e é afetado. Sabes esse texto que acabaste de ler? É meu! Escrevi a partir da minha trajetória pessoal e como dirias é um “Frankenstein”, este texto foi sendo construído a partir da minha vivência no Teatro e na disciplina “trajetórias do si” da Licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Pará- UFPA. Essa construção foi baseada

no tempo e na memória e me remetem ao “baú” do Cacá Carvalho, mencionado na tua tese de mestrado que virou livro “Dramaturgia Pessoal do ator”. Esse baú vai servindo de matéria-prima para nosso trabalho como ator, e por hora ousou dizer como educador da linguagem teatral.

Quero compartilhar contigo um pouco do que foi esse trajeto/processo da escrita e da cena do jogo da vida pessoal. As primeiras escritas desse texto tiveram sua produção no início da minha jornada acadêmica, mais especificamente no ano de 2011. Foi questionando quem sou e o que queria para a minha vida, que comecei a pensar na exteriorização dos meus sentimentos e pensamentos, desse modo, construir a cena para a primeira prova de habilidades que era uma das etapas do processo seletivo para ingressar no curso de Licenciatura Plena em Teatro para UFPA. Esse é o princípio do que chamo de “descobrir”. Descobrir a mim mesma, encontrar com o que queria ser e fazer.

E nesse ano foram dois vestibulares: O Exame Nacional do ensino médio – ENEM que é o processo seletivo para ingressar nas universidades. O curso que escolhi foi a Licenciatura em Teatro na UFPA, e o outro de uma faculdade privada a Faculdade Pan-Amazônica – FAPAN. O ano de 2011 foi o primeiro ano em que prestei vestibular. A grande questão que vivenciava neste ano era sobre o que queria e o que eu era. Porque minha família (avô, avó e mãe) gostariam que tivesse segundo eles uma “profissão”, bem sabemos que ser ator é uma profissão de uma área bastante abrangente e de conhecimento, no entanto, também sabemos que por uma série de fatores históricos e sociais que ainda há preconceitos e desvalorização desses profissionais da área de artes. O caso que, por outro lado, queria exatamente isso! Queria o mundo chamado teatro!

Mundo Teatro porque ele pode ser interpretado ou compreendido de várias maneiras, de acordo com Augusto Boal (1931-2009) em seu livro jogos para atores e não-atores na versão de 2007, são quatro, e podes ler quais são na carta que escrevo para Espinosa no verbete: Fecundar, carta 1.3, página 25. Então, dois dias antes da prova de habilidades, que é uma prova prática com cena para quem se inscreve na área de artes, hoje não é mais uma exigência, naquela época, era uma avaliação eliminatória/classificatória, chorei muito trancada no banheiro de casa, pois não sabia o que apresentar e não sabia o que seria de mim se não fosse o que eles (família) queriam que fosse, dessa maneira, olhando meu reflexo no espelho perguntei: Quem somos nós? Logo, tive a atitude de sair pegar um papel e caneta, novamente tranquei-me no banheiro e sentada no vaso sanitário fechado escrevi ainda entre lágrimas: Quem somos nós? Somos almas sonhadoras, pecadoras em busca da felicidade! E onde encontramos a felicidade?

Cada um encontra para si o que busca o que deseja e o que desejamos é o reflexo de nossas almas.

Com isso, já tinha um texto e foi só complementar com o que estava me sufocando, escrevi: estou perdida, quero me encontrar! Encontrar respostas para perguntas sem respostas, pois apenas eu posso respondê-las. Já sonhei e realizei, sonho e posso realizar, por quê? Porque eu quero! Não existe céu, nem terra, nem outros, apenas eu, eu, eu, eu? O que eu quero?

Mas, ainda precisava cantar fazia parte do requisito obrigatório exigido para a construção da cena, escolhi a música “Lisbela” de Los Hermanos, não sei se conheces, mas podes procurar depois nesse link na internet: <https://www.letras.mus.br/los-hermanos/>.

Pronto! pensado a cena ainda tinha o figurino, liguei para Kevin Braga um amigo próximo, ator, cenógrafo, figurinista, diretor, um artista multi! Acredito que devas conhecê-lo, contei a ele o que pensei para a cena - queria um espelho como objeto cênico, afinal tudo começou na frente do espelho - quando era criança costumava falar comigo mesma e "interpretar" personagens da Tv na frente de um espelho. Falei para ele também do texto que falava sobre mim (que construí na noite anterior) e um batom como acessório para simbolizar o sentimento do momento dos questionamentos para a vontade de mudar.

Como ele morava próximo de casa me disse para ir até lá, então me emprestou uma calça xadrez que havia uma abertura nas laterais que transformavam a calça em outra com recortes retangulares de cores vermelho, azul e amarelo, uma espécie de "dupla face". A cena era simples na execução, tinha apenas três minutos para “conquistar” a banca examinadora, entrava com uma maquiagem cor neutra bem pálida com a calça do lado xadrez e uma regata preta, com um pequeno espelho na mão direita, dava o texto. Ao fim do texto iniciava o canto de “Lisbela”, enquanto cantava, passava um batom vermelho, trocava a blusa preta por uma vermelha e virava a calça para o lado de cores.

A apresentação foi cheia de expectativas e nervoso natural do ator, ganhei a banca e meu nome havia sido aprovado. Ainda estava no páreo da Licenciatura, porém, a comemoração foi passageira, pois, no resultado, meu nome não estava no "listão" (lista dos aprovados no vestibular), fui desclassificada porque a nota de redação não foi suficiente, mesmo tendo tirado nas outras linguagens ótimas pontuações.

Dessa forma, me contive com a aprovação na faculdade particular que me inscrevi para Serviço Social, cursei dois anos desse curso em duas faculdades diferentes na cidade de Belém, deixei a primeira (FAPAN) por não gostar da administração e de não me adaptar as disciplinas online as “famosas” EAD, pois trinta por cento do curso era online na instituição, acabando por

pedir transferência para outra, A Universidade da Amazônia - UNAMA, logo no segundo semestre.

Figura 5 – I Seminário de Serviço social Faculdade Pan-Amazônica.



Fonte: Autoria de Paula Barros, 2021.

Imagem do primeiro seminário de Serviço Social que participei na FAPAN. Meu grupo de estudos e ao meio a professora Patrícia Belo de metodologia e materiais do ensino para Serviço Social. Fotografado por algum colega de turma. E único registro que encontrei desses anos e ainda nas redes sociais da colega de turma Nádia Reis a que está ao meu lado esquerdo, desconheço o autor da foto, na verdade, não recordeo.

Sabe o que aconteceu? Não concluí. Abandonei o curso, não que não gostasse, mas ainda não preenchia, não satisfazia o meu ser, e ainda tinha que trabalhar para pagar a Universidade. Não gostava do trabalho e chegava exausta na sala de aula porque atravessava a BR-316 toda para chegar, pois o trabalho era em Ananindeua e a faculdade no centro de Belém. Com tudo isso me sentia fatigada e frustrada, foi quando contra a vontade de meus avós, resolvi abandonar o curso. Havia comunicado sobre meu desejo, no entanto, não houve aceitação. De todas as formas tentaram me dizer que “estava no caminho certo”.

Sendo assim, saía todos os dias de casa para ir ao trabalho e a aula, entretanto não frequentava mais as aulas, e o que eu fazia? saía para passear, visitar colegas, eu me sentava na praça para ler e tomar Guaraná - aquele da praça Brasil, próximo a Escola de Teatro e dança da

UFPA, que a gente mistura, frutas, cereais, leite, e amêndoas o guaraná da nossa região Amazônica. Gostava da fase de liberdade e descompromisso (isso é necessário, e foi bem necessário), e a única pessoa que sabia disso era meu atual companheiro.

Assim me mantive durante quatro meses, até que depois da inscrição e realização às escondidas do vestibular no ano de 2013, pedi demissão do trabalho de Back Office - é a pessoa responsável por fazer o cadastro das vendas no sistema da empresa de comunicação Claro, e confessei (muito feliz) para meus avós e menti que iria fazer um trancamento de matrícula, já que não poderia mais pagar a universidade.

E o ano de 2013 terminou cheio de certezas, depois de realizar o vestibular (ENEM) e a prova de habilidades do processo seletivo, onde dessa vez o texto foi a respeito da minha família, com base no espetáculo "Memórias (i)reais de uma (des) família" que o Grupo Engrenagem (Grupo de teatro da cidade de Belém que teve sua duração nos anos de: 2012 a 2018) dirigido pelo Kevin Braga e do qual era integrante. Mais uma vez o Kevin fez parte da minha apresentação, o figurino e a direção da cena também foi dele. E a apresentação foi outro fragmento de mim, por fim, tinha certeza da aprovação.

Em janeiro de 2014, uma semana antes de saber o resultado da Universidade Federal do Pará, comuniquei a minha mãe e meus avós que iria passar no vestibular, que estava confiante. Um dia antes arrumei a casa e separei a roupa para levar as “ovadas”. Minha mãe ficou indignada, pois havia comprado passagens para ela e meu avô irem para Cametá (terra natal de boa parte da minha família), ela iria fazer uma prova de outro concurso no dia seguinte, não tinha mais jeito ela teria que ir.

Figura 6 – Dia da aprovação no vestibular



Fonte: Autoria de Paula Barros, 2014.

Imagem da aprovação listão com a placa que Kevin fez, em frente da minha casa no bairro do telégrafo, não lembro quem tirou, faz parte do meu arquivo pessoal. Então, no dia esperado adivinha? Meu nome estava no "listão" e novamente foi Kevin o grande anunciador deste evento, ele foi um grande companheiro e amigo, auxiliou nos momentos necessários da minha vida, achei bem justo e como um sopro da vida ele estava também neste momento e até foi o primeiro a chegar em casa e a fazer minha placa de aprovação.

Em março de 2014 estava na Escola de Teatro e dança da UFPA - ETDUFPA, o campus que iria me abrigar pelos anos seguintes. E como que por ironia do destino, a primeira disciplina do curso foi "Trajetórias do ser" atualmente "trajetórias do Si" com base na Dramaturgia Pessoal do ator, e a primeira pergunta feita pelo professor Alberto Neto que ministrava a disciplina na época, foi: "De onde você vem?", a memória logo me induziu para o texto que havia escrito, no ano de 2011 olhando meu reflexo no espelho, e tudo que havia feito para chegar até ali.

Meus colegas de turma começaram a falar de si, e as falas foram se complementando, percebi que eles eram como eu, cada um do seu jeito com sua singularidade e história, mas os caminhos apesar de diferentes nos levaram ao mesmo destino: a licenciatura em teatro! Foi no momento da pergunta de onde você vem que pude perceber que não estava só e que ali naquele espaço existiam muitos "eus" na versão de outro, a pergunta do professor era acompanhada de contextos dos quais só nos deu indicativos do que seria a disciplina no final das respostas do "de onde você vem?" Escrevi no meu caderno da seguinte maneira: de onde você vem? conhecer o outro; perceber a si mesmo e fazer uma trajetória pelo que levou você até hoje; observação e interação; e o que eu sou?

Com isso, fiz algumas anotações acerca do que ouvi naquela noite dos colegas de turma, algumas histórias contadas mexeram mais comigo que outras, pelo enfrentamento de dificuldades e superação, também pela forma poética de como foi contado. Então, penso que "fui testemunha de depoimentos preciosos", falas isso na página 15 da Dramaturgia Pessoal do ator, recordas?

Já havia encontrado o caminho pelo qual queria seguir e achava que já havia encontrado as respostas sobre mim, ao menos o lugar onde queria estar. Então, reescrevi esse texto nessa versão que acredito abarcar as histórias dos meus colegas de turma tanto do ano de 2014 quanto das pessoas que me acolheram e estiveram comigo esses anos, adaptei o texto para compreender as verdades desses seres que somos nós. Esse texto é o resumo do que penso sobre o SER. Na verdade é a organização de palavras que se unem em uma tentativa de exprimir o que é o ser

humano e sobre meu processo de afecções sentidas nesse lugar da universidade e do Teatro. Esse momento de ingresso na Universidade foi o marco dos afetos sentidos por mim. Com esse texto que inicio minha escrita para contar e apresentar de onde venho e como este corpo da atriz é construído e afectado por essa trajetória e de como começo meus questionamentos acerca de mim e dos outros.

Também é um texto que um fragmento dele foi publicado na revista: "tribuna do cretino: revista de crítica em Teatro e dança" na edição de volume. 2 (2016. p. 14-17). E foi falando do outro, do momento de ingresso e da minha trajetória na Universidade que notei coisas, lugares, pessoas e ações da vida cotidiana que me afetaram e construíam o SER e o corpo que sou hoje.

Assim foi construído não só o texto, mas o diálogo comigo e meus pensamentos, fui encontrando pessoas que foram me auxiliando nessa caminhada artística e da educação da linguagem Teatral, uma delas foste tu, e olha que incrível ainda não te conhecia pessoalmente, mas tua obra já reverberava no meu corpo, já fazia parte da minha escuta e já ia compondo o meu "baú", o professor Alberto da Silva Neto, teu amigo e coorientando na pós-graduação e conhecedor com profundidade da tua criação, afinal, ele também era ator em "Hamlet: um extrato de nós", do qual foi objeto da tua pesquisa, ele nos fez partilhar de momentos bem particulares e poéticos uns com os outros e acredito que tenha cumprido com o "papel" de levar adiante a pesquisa de si para compor a cena e de pensar e (re) pensar a dramaturgia da cena, bem como, criar e compor novas dramaturgias ficcionais ou nem tão ficcionais assim.

De onde você vem? Impulsionou-me a iniciar a escrita a partir da vivência, e como ouvir histórias é teu foco de investigação, decidi te contar um fragmento de mim do qual fazes partes e que se transformou em cena da vida real. Depois, escrita da cena e agora é uma parte do meu "baú de memória" afectiva.

Quando te conheci já foi para a construção do pré-projeto de TCC, recordas? Na disciplina metodologia da pesquisa da Licenciatura em Teatro, ali, eu ainda estava construindo o caminho do que seria o meu trabalho de conclusão de curso, no princípio como havia acabado de tornar-me mãe e estagiava em uma academia voltada para gestantes e bebês, experimentando a linguagem do Teatro com musicalização para bebês.

Comecei a adaptar jogos teatrais para os bebês dos mil primeiros dias, e estavas comigo encaminhando esse processo junto com a Cláudia Gomes que havia acabado de chegar à Escola de Teatro, vocês foram comigo as responsáveis da materialidade para a pesquisa, e foi ali também que comecei a me entender como pesquisadora do meu fazer teatral. Hoje, a

maternidade e a pesquisa tomaram novos rumos que direcionaram meu olhar e concretizaram meu fazer, me sinto cada vez mais educadora e educanda dessa arte.

Figura 7 – Dia de apresentação do pré-projeto.



Fonte: A autoria de Paula Barros, 2015.

Essa imagem é do dia em que apresentei meu pré-projeto de TCC para ti, a Cláudia e meus colegas de turma de 2014, o título do meu pré-projeto era: Jogos teatrais para mães e bebês. Lembra disso? Fiz uma apresentação prática da minha vivência e dos jogos teatrais que adaptei com a Catarina.

Sabe Wlad, encontrei com a obra de Espinosa a partir de Deleuze e Guattari no livro “Anti-édipo” trazendo assim os conceitos de Devir e Afecção. E, com a compreensão desses conceitos começo a ter um olhar afectivo e real dos acontecimentos em torno da vida e do mundo/teatro, assim como fortalecem de forma teórica o meu fazer (LEOPOLDO,2017).

Vou caminhando na construção de mim, na disseminação do que faço e na criação da cena, das oficinas que ministro para as crianças de 2 a 6 anos de idade e para as mães com bebês de 0 a 2 anos, (pois, sim! aquele pré-projeto ganhou braços, pernas, e vida!) juntamente

construímos jogos teatrais baseados principalmente na vivência, no lugar de quem fala e de que vivenciou e vivencia com as filhas e que pouco a pouco vai aprendendo a transformar a si mesma e contribuindo para outro olhar acerca da linguagem Teatral.

E, podes ver um pouco desse trabalho nas minhas redes sociais, tem dois links que podes acessar para a constatação dessas atividades: o primeiro é na Livraria Fox, estava com minha parceira Ana Paula Castro, trabalhamos diversas vezes juntas e esse foi mais um deles ministrando vivencia Teatral para crianças de 3 a 6 anos de idade, Bernard Freire quem fez a filmagem e edição. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B1Wjju8hODR/>.

O segundo é um registro das vivencias de Teatro no Studio Levitá onde trabalhei por um ano, disponível: <https://www.instagram.com/p/B1WmxMeBhD9/>. Desse modo, vou me reconhecendo Educadora da Linguagem Teatral. Com a palhaçaria tenho criado soluções em sala de aula e realizado nos espaços sociais da vida modos de jogar e criar novos cenários para pensar a própria linguagem do Teatro, com isso, precisas ver essa “live” que são transmissões ao vivo nas redes sociais da Nanna Chorona, minha palhaça que costura esses espaços e atravessa meu corpo devir, aqui está carregado de histórias com minha parceira e educanda de Teatro: Ingrid: <https://www.instagram.com/tv/CHdukhPj7I8/> .

Este corpo/materno/devir vai construindo cenas e cartas e com a palhaçaria busco proporcionar encontros com outros corpos e me permito afeccionar com esse mundo/Teatro para falar do meu “baú” da vida e cada vez mais guardar afetos, sensações e experiências. Tenho dito que meu corpo é uma construção do que sou EU, e os encontros com pensadores e fazedores dessa arte e as minhas trajetórias pessoais vão compondo dramaturgias e criando cenas do mundo/teatro e isso são fragmentos da construção do pensamento/Eu com bases em afecções extraídas do corpo e vou compreendendo isso como menciona Deleuze e Guattari (1995, p. 21) a respeito do que é um rizoma: “(...) O pensamento como rizoma, um pensamento que se faz múltiplo, que se quer com diferentes formas, subtrair o uno da multiplicidade a ser construída”.

Poderia também fazendo analogia a esse meu Corpo/Devir/materno dizer que sou como uma criança recém-nascida que desde o primeiro momento da sua geração vai recebendo os estímulos externos e vai dando “luz” as suas sinapses que se encontram dentro de seu crânio em uma massa cinzenta e desse modo, vão construindo o Si. Compreende o que tento dizer? A verdade que gerei e criei outros seres sejam eles sujeitos reais ou ficcionais, da mesma forma que eles me afetam e sou afetada, juntos vamos criando uma rede de relações.

É desse lugar que venho Wlad! O trajeto de descobrir que me levou a Licenciatura foi o mesmo que me tornou mãe e é o que me torna esse Ser/corpo/construção. E nós? Hoje nos

reencontramos na “Clínica do sensível”, teu projeto extensionista com base na esquizoanálise, de modo sensível e com a arte, faz escuta desta vivência materna e do meu trajeto/corpo nesse lugar chamado Teatro e assim vais sendo “criadora-criatura” de “obras tecidas” a partir das “falas-retalhos” de outras histórias dos “baús” da vida e ao mesmo tempo conduzindo outros “criadores-criaturas” a construir universos ficcionais a partir de sua dramaturgia pessoal e auxiliando nas construções e/ou (re) construções de si mesmo. Por tudo aqui dito, por ti só tenho Gratidão!

Com carinho, da Criadora-criatura materna,

Paula Barros.

2.1.3 Encontros e (des) encontros

Belém, feiches de sol com cheiro de folhagem seca de um ano encharcado dos dizeres sendo concretizados.

Querida Ivone, hoje acordei com o objetivo de recordar, ou posso dizer rememorar o trajeto do meu corpo/ser pelos espaços da vida. Então, não teve como deixar passar um momento em que fizeste parte e que marcaste minhas lembranças e afeccionaste meu corpo. Sabe quando dizem que nada é por acaso? Pois é, não foste mero acaso. Imagino que deves está te perguntando como e o porquê, não é mesmo? Vou te contar.

Antes de ingressar na graduação de Licenciatura Plena em Teatro na Universidade Federal do Pará, devido a não aprovação no vestibular no ano de 2011 para o mesmo curso e a pressão familiar (mãe, avó e avô) por buscar como eles diziam uma “profissão”, decidi cursar Serviço Social em uma Universidade particular a Faculdade Pan Amazônica – FAPAN, no entanto, não gostei da administração da faculdade, nem adaptei-me as disciplinas online, pois trinta por cento do curso era disponibilizado por Educação à distância- EAD, foi quando pedi transferência para a Universidade da Amazônia – UNAMA lá pude ver como funcionava a escuta e o acolhimento de um profissional de serviço social e por fim, houve uma imersão do conhecimento.

Através dessa vivência, iniciei leituras das obras dos pensadores filósofos, sociólogos e antropólogos como Marx weber (1864-1920), Karl Marx (1818-1883), Émile Durkheim (1858-1917), como doutora em Ciências Sociais sabes da importância e contribuição destes

pensadores para a história, intervenção e formação do curso e do profissional de Serviço social. A verdade, que foi lá que iniciou o ciclo natural de conhecimento de uma graduação.

Foi lá também nos corredores da Universidade que te avistei pela primeira vez. Sempre ouvia dos educandos e até de outros educadores falarem o quanto era sabedora do teu fazer. Quando te via fumando teu cigarro e conversando próximo a rampa de saída do bloco que não lembro a letra correspondente, aquele que tem a lanchonete sabe qual é, né? Eu te observava e não sei bem o porquê, talvez pela ideia que fazia do que era ou apenas por exercício mesmo da observação, afinal, costume fazer isso de vez em quando com algumas pessoas, deve ser pelo exercício do meu fazer artístico.

Sei que começou assim, te observava de longe como um fruidor observa uma obra, tentava desvendar a pessoa por detrás do conhecimento e da profissional (hoje sei que quando exercitamos a profissão com amor, não existe separação do ser real para o ser profissional, praticamos aquilo que nos afeta e nos move para frente, na tentativa de transformações, acredito que seja assim que pensas também).

Então, foi no auditório Benedito Mufarrej que pude compreender a obra/pessoa. Não sei se recordas, mas deste uma palestra. O tema era algo relacionado à multiculturalidade e prática profissional na Amazônia, falaste sobre uma intervenção em uma comunidade ribeirinha, não recordo bem a história nos detalhes, mas sei que era relacionado ao trabalho infantil e que naquela região não havia muito que as crianças fazeres, portanto, fazia parte da rotina e até da cultura elas ajudarem a família no trabalho da subsistência.

Fizeste várias interpelações acerca do intervir nesse cotidiano e qual era a atitude correta que o profissional poderia tomar diante das circunstâncias, o fato que com a experiência que compartilhastes, poderíamos avaliar nossa atitude e o que cabe a instituição e ao Estado e até a nós mesmos quanto pessoa.

Ali soube o porquê das relações que faziam a ti, não tem hierarquia, não tem autoridade em relação ao que conheces, utilizas a fala e o conhecimento de forma horizontal, utilizas a empatia e hoje posso até dizer o “rapó” que é uma técnica de coaching para falar com grande público.

Ou mesmo posso relacionar ao encontro e estado de afecção, pois compreendo que afecção é a modificação de um determinado corpo em relação a outro corpo, desse modo, penso que a pessoa que és hoje parte da ideia desse princípio, dos encontros com outros corpos e das afecções que te atravessaram no decorrer da tua vida, posso também dizer como Silva e Gomes no periódico Sul-Americano de Filosofia e Educação - Resafe (2017, p.123): “(...) Podemos

inferir que é por meio dos encontros que se amplia a capacidade de pensar e de se movimentar; a cada encontro estabelecido, mais o corpo se afeta e produz novas imagens, logo, amplia sua consciência frente ao mundo/realidade. Com isso, é uma construção contínua no indivíduo, é um processo de vivência com encontros que produzirão novos conhecimentos ou não”. Penso também meu encontro contigo, esse modo corpo que se afeta e amplia meu olhar e conhecimento acerca do meu fazer e do meu mundo/teatro.

A verdade que falas a tua verdade (essência), és real e simples.

O que quero dizer é que te conheci antes da Licenciatura em Teatro e quando te vi pela segunda vez nos corredores da Escola de Teatro e dança da UFPA, não entendi o que fazia ali, até porque na minha pequenez e imaturidade achava que Teatro e Serviço Social não tinham nada a ver – ledor engano, são duas áreas politizadas e bastante questionadoras acerca do mundo, uma mostra, revela. A outra cuida, assessora, ambas investigam, questionam e buscam solucionar e problematizar.

Penso até que posso comparar essas áreas de conhecimento a um rizoma, pois, são multiplicidades de pensamentos, investigações e ações, ambas lidam com os corpos e encontros que sofrem alterações (afecções), que no fim quer extrair o que há de melhor desse encontro, tornando a multiplicidade um e o um o que é múltiplo. Não há fios soltos e nem sequer uma área que viva sem a outra (potências de agir e potências de compreender), assim como um ser não consegue viver isoladamente, assim as áreas de conhecimento das quais tenho me relacionado e vivido dialogam entre si, e mesmo que eu queira, durante meu percurso, a própria vida me encaminhou para áreas das quais permeio o agir social (DUENHA, 2017).

Um deles é a linguagem da palhaçaria. Que me permite adentrar os espaços da saúde promovendo uma educação transversal, do mesmo modo, em que potencializa meu corpo quanto educadora da linguagem teatral. Podes ver nesses links o meu corpo no espaço da educação promovendo arte, cuidado e potencializando o processo de pensar a educação e a linguagem do Teatro e da Palhaçaria.

O vídeo é com a Nanna Chorona em manifestação a educação. Faço referência a falas e posicionamentos violentos partindo do ministro da educação Milton Ribeiro que diz: “a vara da disciplina não pode ser afastada da nossa casa” em relação a educação de crianças com base na punição, no ano de 2020, puedes ler melhor em: <https://capricho.abril.com.br/> , e ver a Nanna em manifesto: https://www.instagram.com/tv/CCxz9Y_hEY1/?hl=pt-br.

A verdade que houve nosso encontro oficial, na sala de aula como educadora e educanda primeiro na disciplina de sociologia do teatro e no semestre seguinte TCC I e nesta última

tivemos a oportunidade de nos conhecer melhor e te apresentei meu trabalho de conclusão de curso, ali nós trocamos, falamos sobre muitas coisas uma delas a maternidade e como boa socióloga, educadora, mãe, humana voltada para a cultura e a arte do conhecimento, me apresentastes possíveis escritores e pensadores que me auxiliariam na jornada da escrita de si, um deles foi Manoel de Barros que escreve cartas e olha que para eu chegar na decisão de escrita de cartas, nós (eu e minhas orientadoras a Cláudia e a Romana) percorremos os caminhos mais diversos da escrita desde gravar a minha fala para transcrever, até colocar a escrita na formalização acadêmica— me refiro a pesquisa em que nos colocamos distante do objeto, que de acordo com Sylvie Fortin e Pierre Gosselin (2014,p.05) podemos chamar de: positivista/quantitativo.

Foi como tudo na minha vida, um processo longo e difícil, assim como a maternidade e escrever sobre isso foi mais complicado ainda, pois, a gente rememora momentos da vida, alguns bons, outros nem tanto, a gente na escrita precisa detalhar, dá a forma, a descrição, para que o leitor possa compreender do que se trata, e como falar de si e dos sentimentos carregados na mente e no corpo?

Mas, tu já enxergavas, já lia naquele pequeno sumário comentado o trajeto deste corpo materno e compartilhavas com este corpo/eu as memórias, histórias, e afecções que me atravessavam. Lembro que nosso último encontro éramos nós duas no auditório da ETDUFPA, que minha fala e lágrimas tocaram teu coração, choraste meu choro, abraçaste meu abraço e colaboraste nesta construção.

Portanto, não poderia deixar de te escrever e de enxergar, olhar para ti não só como educadora, pesquisadora, socióloga profissional que és, mas como a mãe e humana e com o grau de afecção que atravessaste na minha vida preciso te agradecer, pelos momentos partilhados e vividos juntas. Gratidão!

Falando sobre maternidade queria te contar sobre minha mãe. Quando estava nas aulas da Licenciatura em Teatro na disciplina de Dramaturgia do ator com o professor Paulo Santana, tivemos como conclusão da disciplina cenas que falavam sobre nós. O título das apresentações foi: Cicatrizes. Com isso, minha cena foi sobre o adoecimento da minha mãe que foi diagnosticada a alguns anos com bipolaridade e ela não admite tratamento nem faz uso das medicações. Também é uma afecção do meu corpo, até fiz uma experimentação desse corpo e estado de alteração da minha mãe em vídeo, vou compartilhar contigo um pouco desse corpo, disponível:https://drive.google.com/file/d/1RHYSQKi8Yg_YXZemrEa7d4xjLVb0L4S/view?usp=sharing.

No momento uma cicatriz aberta e bem dolorosa. E para construirmos essa cena lemos um artigo de Jean -Luc Nancy um professor de filosofia da universidade de Estrasburgo em Paris, o título de seu artigo é “58 indícios sobre o corpo” e destes 58, escolhi três para falar sobre a cicatriz e a afecção que minha mãe causa no meu corpo e agora escolho um para expressar a afecção causada por ti a este corpo/eu. E escolhi (2012, p.43): Um corpo não é vazio. Está cheio de outros corpos, pedaços, órgãos, tecidos, rótulas, anéis, tubos, alavancas e foles. Também está cheio de si mesmo: é tudo o que é (MACHADO, 2017)

Acredito ser este corpo cheio de mim e de muitos outros corpos que me permito afecionar, atravessar para ser uma potência que age e afeciona outros corpos. Sou educadora, mas também sou eternamente educanda, estou construindo os passos da vida e este corpo cheio de outros e de si para olhar de outra maneira para a vida. Juntos construímos presentes e futuros, pensamos e trocamos ideias, afetos, e muitas outras coisas. Então, essas afecções que transformam nosso ser que existe é o que quero! transformam? Sim! Transformam. Tenho me transformado (Devir) à medida que me afeto e quando me acolheste e me afetaste tive a oportunidade de me enxergar como um ser poético e criador de muitos outros corpo/eus.

Tu minha querida educadora e socióloga desde o momento naquele auditório percebi que não eras comum, já eras da arte! Da humanização! Da maternidade e das possíveis afecções do mundo. Sou grata a ti por olhar teus educandos como pessoas, de lhes possibilitar a liberdade de pensar e ser. Concluo com uma pequena frase de Paulo Freire e da sua pedagogia do oprimido: “ninguém educa ninguém, como tampouco educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

Por tudo dito, muita gratidão, com carinho de

Paula Barros.

2.1.4 Afeto x Afecção: Papo entre mulheres. Carta para Larissa Latif

Belém, um dia solitário de sentimentos confusos de um mês turbulento de um ano encharcado. O ritmo da vida por aqui anda devagar. Devagar porque é um tempo curto para muitas tarefas e eu procrastinando quase todas. Tenho me sentido exausta, não de tantas atividades não realizadas, mas de muitos pensamentos conturbados. E a solidão? Tem me feito “companhia”.

Sabe Larissa, estive pensando sobre muitas coisas e na verdade nem sei por onde começar a falar, ou melhor, escrever. São muitos pensamentos, sentimentos não ordenados em mim. Uma inexatidão constante, não sei se a mais difícil, mas até então esta carta foi a que mais demorei a escrever, e a que mais tenho procrastinado. Tenho tantas coisas a dizer, vou tentar ser clara e organizada nos pensamentos. Tá?

Primeiramente vou começar pelo hoje! Estou saudosa minha avó completaria 71 anos de idade. Em junho deste ano ela completou um ano de falecida, e hoje também fazem exatos um mês que sonhei pela última vez com ela. No sonho chamava atenção, na verdade, dava uma bronca real nela, dizia que ela precisava se conformar com o que tinha e que precisava mudar de atitude porque não era mais hora de reclamar, falei isso porque já havia um tempo que sonhava com ela emburrada, como sou espírita acredito na veracidade com que vivencio meus sonhos. Por que te digo isso? Porque lembro que um de nossos encontros na sala de aula te contei e dei satisfações da minha ausência, era a respeito também da minha avó e que dissesse que eu precisava fazer escolhas por mim e por essas mulheres que me cercavam, que estavam precisando de força e cuidado, mas principalmente que deveria cuidar de mim e decidi o que estava ao meu alcance.

Na verdade, isso foi o mínimo que dissesse, naquele momento tuas palavras alimentaram minha autoestima e fortaleceram minha mente e corpo, mais que isso, imagina como sendo alguém que está à beira da morte, quando seu coração está parando e precisa de uma massagem cardíaca para retornar a vida ou o desfibrilador, aquele aparelho de choque para pulsar o coração, sabe? Pois é, lembrando agora das sensações eu quase que escuto aquele aparelho medidor do pulso cardíaco apitando em uníssono.

Me sentia como se estivesse perdendo as forças, não sobravam energias, elas simplesmente esvaíam-se. Ou posso também justificar as palavras através do afectar do corpo quanto potência de existir, como aborda Gilles Deleuze (1925-1995) no livro “Espinosa e o problema da expressão” (2017, p. 93) que: “o entendimento tem tanta potência para conhecer quanto seus objetos para existir e agir; a potência de pensar e de conhecer não pode ser maior do que uma potência de existir, necessariamente correlativa” o que quero dizer com isso? Que o ato de pensar é uma afecção no corpo, e o corpo por si existe também quanto potência do conhecimento, logo, um não sendo maior que o outro, existem em correlação e se afectam pelo mundo.

Por mais, categórica que possa parecer as palavras para descrever a afecção de um mundo através de um corpo é a forma em palavra que consigo para expressar o existir e agir do

corpo/eu. E, naquele momento fortalecendo minha mente com tuas palavras, posso dizer que foste o desfibrilador a fazer meu corpo reagir. Portanto, peço desculpas por não ter tanta familiaridade com as palavras. Bom, não sei se recordas, então vou te contar um pouco do que se passava comigo naquele momento.

Havia acabado de retornar às aulas, fiquei cerca de oito meses “desblocada” do semestre da universidade devido uma segunda gestação que me “obrigou” a tomar a decisão de não ir mais as aulas, meu corpo grávido não me correspondia, ele cansava rápido demais, me dava falta de ar e prendia minhas pernas, um corpo pesado de um outro corpo, pesado de uma gravidade que insistia em lembrar que sou matéria, um corpo que tirava de si os nutrientes para suprir um outro e que não se importava se isso o levaria a exaustão ou se de fato estava sendo dividido igualmente para que se pudesse suportar as quatro luas, nove meses ou quarenta semanas, o corpo apenas nutria o outro e correspondia a cada pedaço constituído do outro: coração, pulmão, membros, a formação do ser matéria (corpo desejante?). Desse modo, desisti de lutar contra ele e mentalmente respondi e aceitei seu pedido de não poder mais subir as escadas, de ouvir as aulas que não entravam na minha mente porque biologicamente aquilo não fazia sentido a ele.

E, rememorar esse corpo agora, depois de algumas leituras me faz associar ao corpo sem órgãos de Antonin Artaud (1896-1948) e o que reflete Deleuze e Guattari no *Anti-Édipo* (2010, p. 11) sobre o corpo-máquina com acoplamentos e produção desejante: "Isso funciona em toda parte: às vezes sem parar, outras vezes descontinuamente. Isso respira, isso aquece, isso come. Isso caga, isso fode. (...) Há tão somente máquinas em toda a parte, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com seus acoplamentos, suas conexões. (...)".

O que não faz sentido a máquina, se não encaixa, não conecta, logo, não afecta.

Então, fui a secretaria, havia feito solicitação de trancamento de matrícula fora do prazo e esperava uma resposta positiva visto que a situação era delicada, se tratando de uma gravidez de risco e de que já havia feito uso do atendimento domiciliar- uma lei (Lei federal nº 6.202, aprovada em 1975) que ampara a estudante grávida, desde que apresente laudos médicos para isso.

Porém, não fui contemplada com uma resposta positiva. Devido a solicitação de trancamento fora do prazo, meu pedido foi indeferido, e naquele dia aceitei que seria reprovada e não cursaria mais. Ao menos aquele semestre. Sair da secretaria da ETDUFPA e fui direto para a Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará - FSCMP, isso em uma quinta-feira à tarde por volta das 16h30.

E na sexta-feira às 7h30 da manhã do dia 20 de janeiro de 2017, nasceu de um parto natural a Helena minha segunda filha, nesse dia fomos só eu e o olhar assustado do meu companheiro, pois parir sozinha em uma das salas do bloco “PPP” da Santa Casa de Misericórdia do Pará. O médico duvidou que estava pra ter minha bebê, porque não gritava e não manifestava os "urros" de dor, por isso deixou-me parir sozinha, quando eu fiz a última força para expulsá-la do meu ventre e eu mesma a segurei com uma das mãos, lembro que meu esposo trancou a porta do quarto dizendo ao médico que não precisava mais que a criança havia nascido, o médico em desespero correu empurrando a porta e pegando em seguida a Helena e pondo em meu colo, veio tão apressadamente que não havia luvas, tesoura, nada para cortar o cordão umbilical ou fazer os procedimentos rotineiros depois do parto.

Ali naquele pequeno espaço de tempo e de lugar percebi algo mudar em mim mesma, aceitei meu corpo e o tempo de aquele ser vir até mim, afinal, não havia nada mais a se fazer, o novo SER chegara, de uma forma natural, orgânica, expulso, cuspidor "pela fenda saiu para a terra, pesado, ausente" (Paraíso Perdido: Adaptação do texto de Jonh Milton pela turma de 2009 do Curso livre infanto-juvenil da ETDUFPA).

E aceitei que agora não era mais uma e sim duas crianças, aceitei a ocitocina - o hormônio responsável pelo trabalho de parto e de levar até as glândulas mamárias o líquido necessário que alimenta o outro ser, " O seio é uma máquina que produz leite, e a boca, uma máquina acoplada a ela" (2010, p. 11) esse hormônio altera nosso humor, fez eu sentir tanto do primeiro parto quanto do segundo uma espécie de felicidade, algo que não sei bem explicar em palavras, mas que também pode ser confundido ou interpretado com prazer!

Isso prazer! sentir prazer (estado de afecção da máquina desejante?) em está ali e ter parido sozinha - na verdade descobri que a mulher não precisa de um médico para entender o seu corpo, não precisa de alguém para lhe dizer o que precisa fazer, nesse caminho descobrir que somos capazes de nos compreender (pensar, refletir sobre os estados do corpo), e que essa tarefa de compreensão de si e a própria maternidade é algo que se vivencia na solidão e isso me faz recordar o prefácio do livro " jogos para atores e não-atores" de Augusto Boal, onde ele conta a fábula de Xuá-Xuá que aborda sobre o ato dessa maternidade de observar a si e ao mundo justificando sua pesquisa sobre o ator e espectador, vale a pena dar uma lida e se quiseres também pode ler ao fim desse trabalho no "Mãe-Terra" que fala mais um pouco sobre essa potência de existir quanto espec-ator do teatro da vida e/ou mundo.

Penso que essa compreensão de si é aos poucos descoberta na dor, no caos, no estado de conflito consigo mesmo, e isso, é um estado permanente do corpo que existe, não há uma total

compreensão, porque existe o conflito, pois como diz Deleuze e Guatarri (2010, p. 21): "Entre as máquinas desejanter e o corpo sem órgãos surgem um conflito aparente. Cada conexão de máquinas, cada produção de máquina, cada ruído de máquina se tornou insuportável ao corpo sem órgãos". Estes pensam e afirmam outras atribuições ao corpo e que nos coloca diante do outro e das relações e fatores sociais comparando ao Capital de Karl Marx (1818-1883).

Afirmam um seguinte (2010, p. 23): "O capital é, sem dúvida, o corpo sem órgãos do capitalista, ou melhor, do ser capitalista. Mas, como tal, ele não é apenas substância fluida e petrificada do dinheiro: Ele produz a mais-valia, como o corpo sem órgãos se reproduz a si próprio, floresce e se estende até nos confins do universo; encarrega a máquina de fabricar uma mais-valia relativa, ao mesmo tempo em que nela se encarna como capital fixo. E é no capital que se engancham as máquinas e os agentes, de modo que seu próprio funcionamento [17] é miraculado por ele. É objetivamente que tudo parece produzido pelo capital enquanto quase-causa".

E para tentar falar desse corpo e do que acabei de abordar, vou colocar uma foto que penso representar a ideia desse corpo, de quando precisei levar as meninas para ministrar a aula de avaliação do estágio supervisionado II, que ocorreu na Casa dos Palhaços e que a Cláudia e a professora Olinda Charone me avaliaram. Cláudia quem tirou a foto, acredite eu estava passando uma aula avaliativa do estágio e essa é só uma das fotos:

Figura 8 – Dia de estágio supervisionado II – ministrando aula



Fonte: GOMES, 2018.

Aqui podes verificar a “Mais Valia” do meu corpo em estado de Devir.

Com isso, voltei para casa no dia seguinte, no sábado dia 21, algum tempo antes de parir havia ido morar com minha mãe, avó e irmão, pois quando me deparei com a realidade de uma segunda gestação, bem perto uma da outra, pois minha primeira filha tinha apenas dez meses e havia acabado de dar seus primeiros passos, achava que não dava conta e que precisava de ajuda. No entanto, não foi bem o que aconteceu, porque minha avó acabava de perder o companheiro de quase cinquenta anos de casados e que tinha uma doença chamada enfisema pulmonar, durante um período de vinte anos foi fumante passiva ao lado do meu avô que só parou depois de uma cirurgia no coração e quando ele faleceu a doença dela piorou, sabe aquela história de que quem cuida depois adocece? pois é! ela ficou cada vez mais com falta de ar a ponto de usar bombas de oxigênio em casa, ela tentava me ajudar com a Catarina (minha primeira filha) ou tentava cozinhar, mas acabava por deixar as coisas pela metade devido as crises de falta de ar.

Ainda tinha minha mãe que a mais ou menos dez anos foi diagnosticada com bipolaridade, o grande problema é a recusa dela no tratamento, não fazia e nem faz o uso das medicações tampouco aceita o adoecimento, o que agrava o caso. Quando eu e meu companheiro aceitamos o pedido delas de retornar a casa, parecia a melhor das opções, economizaria dinheiro e teria a assistência delas, logo percebemos a insensatez da escolha.

Meu companheiro ficou desempregado e estava no último ano de faculdade e assim acabamos por depender delas financeiramente - minha avó era pensionista do meu avô e minha mãe funcionária pública concursada, mesmo com licença médica, recebia seu dinheiro, ainda tinha meu irmão estava empregado em uma empresa de logística, então, alimentação não era um problema, pagar as contas, também não, mas com quinze dias de "parida" eu já varria casa, cuidava das duas filhas, da minha avó que precisava de cuidados para fazer uso das medicações e do oxigênio, tinha minha mãe que a maioria das vezes estava em inércia, trancada até tarde no quarto, quando saía era para gritar ou brigar com alguém, falava coisas sem nexo e perturbava a minha avó dizendo que ela havia deixado ela ser estuprada quando criança, e ainda tinha o cachorro do meu irmão porque ele saía para trabalhar e estudar e o cachorro ficava pra eu alimentar, dar banho, etc.

Meu companheiro e eu éramos os empregados da casa, fazíamos as compras, o almoço, podes até dizer que é o mínimo que se espera, né? tendo em vista, que só nós não ajudávamos financeiramente, mas a questão era que ouvíamos muitos desaforos, minha mãe começou a dizer que ele estava de caso com a vizinha e a querer sem razões palpáveis e coerentes que ele

me deixasse, tudo isso não era saudável para nós e nem para nossas filhas. Não que não tivesse bons momentos, mas na grande maioria era estressante e desgastante físico e emocionalmente, precisar do outro é algo muito difícil e quando o outro não tem seu equilíbrio mental, é pior ainda.

Figura 9 – Depois de chegar de uma animação.



Fonte: imagem de BARROS, 2017.

Nesse tempo minhas linhas de fuga foi ganhar dinheiro divulgando em aplicativos, serviço de animações de festas com minha palhaça, também aceitei o convite de um amigo o Kevin Braga para fazer o espetáculo "Asas de Belém" que estava na sua terceira temporada, e que nas temporadas anteriores estava com a Catarina nos ensaios e nas apresentações, e, agora era a Helena quem participava.

Fiz dessas duas coisas motivos para não parar totalmente ou de alguma maneira me alimentar de coisas para além da maternidade e dos serviços de casa. Quando retornei por muita força de vontade, pois todos achavam que era loucura minha sair com duas crianças para a aula, os conselhos eram sempre os mesmos, que eu precisava está em casa para cuidar das minhas filhas - a questão era eu! Quem cuidava de mim? E quem se importava para o que eu queria? E o que eu realmente achava importante?

Antes do espetáculo é de uma temporada, participei com a Catarina, e coloquei para representar, porque infelizmente não tenho arquivos do tempo em que frequentei com a Helena,

ao menos não com ela no colo, penso que isso quer dizer alguma coisa. Foi um período complicado, principalmente porque parei a universidade não era o que eu desejava e nem esperava. Estou mostrando o momento mãe e filha, diante do ato de Amamentar, que ocorreu no início do espetáculo “asas de Belém”

Figura 10 – Amamentação antes da apresentação do espetáculo.



Fonte: Patrícia Zullu, 2015.

O fato foi que a matrícula abriu no sistema da universidade e decidi retornar, seja lá como fosse. Retornei em uma turma nova, com outras pessoas que pouco sabiam de mim e eu delas, tudo era desconhecido e novo novamente, estava com medo e insegura, aliás, como havia sido nos últimos oito meses, sabe aquela mudança que falei a respeito do prazer? ele foi momentâneo, ora ou outra ele aparecia, mas quando ele desaparecia e a insegurança e medo batiam a minha porta eu ficava esgotada, no sentido literal da palavra, e quem me viu nesse período, sabe do que estou falando.

Já não era a mesma de antes e nem a mesma da primeira maternidade, que conseguia administrar o tempo e conseguia levar a cria para todos os cantos, conseguia viver tranquila e decidida diante das situações difíceis. Tinha medo de deixar a minha filha mais velha com a minha mãe, tinha as minhas razões. Estava cega para fazer algo por mim e para mudar minha situação que só pensava em como eu daria conta de manter a universidade, não me atentei ao meu companheiro que finalizava o semestre e o TCC ele precisava de apoio e tudo que eu conseguia transmitir era problema e incompreensão, exigia atenção maior e que ele se importasse comigo e com o que queria, fui egoísta e irracional, estava doente e isso levou um

tempo para eu perceber. Retornei as aulas e estava com dificuldades de decidir o que fazer para manter, achava que meu companheiro tinha que deixar as aulas dele para eu ir para a minha, não queria deixar com a minha mãe, as vezes ia com as duas e as vezes me faltava a disposição para manter minha decisão.

E esse era mais ou menos a cena da vida em que eu não conseguia protagonizar para que chegasse ao fim, e quando no final da aula da disciplina exercício da cena II, em que falei contigo sobre os últimos acontecimentos, me deste um apoio da palavra, da força, me orientaste a procurar pela Andréia Flores, pois ela é terapeuta ocupacional e também poderia auxiliar na minha pesquisa de TCC, pois também te falei das metodologias criadas por mim através dos jogos teatrais com minhas filhas, e ali foi um momento crucial no meu caminho, fui encontrando forças para construir ou (re)construir a mim.

E isso, me traz também uma ideia de potência desta vez a potência de compreender, de acordo com Gilles Deleuze ainda na obra "Espinoza e o Problema da expressão", faz apanhados sobre o entendimento de expressão e ideia a partir de Espinoza e ele diz um seguinte: "(...)Vimos que a ideia da ideia se distinguia da ideia, desde que conectássemos esta, no seu formal, à potência de existir, e aquela, no seu ser objetivo, à potência de pensar. Porém, de um outro ponto de vista, a ideia tomada no seu ser formal já se conecta à potência de pensar. Com efeito, o ser formal da ideia é sua existência no atributo do pensamento. Ora esse atributo não é somente um gênero de existência, é também a condição sob a qual alguma coisa é conectada a uma potência de pensar, de compreender ou de conhecer".

Digo isso, pelo o que sou eu e do trajeto construído pelo tempo da vida seja no teatro ou no cotidiano, ou simplesmente do que chamo de mundo/teatro onde as sinapses fazem um percurso na minha vida e no corpo e de como esse corpo é afetado e construído nesses espaços da vida, logo, podemos compreender essa potência do ser que compreende a potência do existir, a partir, da potência de compreender.

Interligações de um corpo em construção digo isso também para tecer a ideia da construção da minha pesquisa de TCC e que estão conectadas ou compreendidas neste corpo Devir da mãe, atriz e palhaça. E, tudo isso não está distante do que citei também mais acima, na verdade, é quase que a mesma coisa, não é mesmo?

Depois, desse dia Larissa, me senti mais à vontade para estar em sala, deixei de me culpar pelas escolhas que fiz, aceitei a ajuda de um colega de turma bem querido o Jonilson, que me deu forças também, acredito que de uma maneira impensada, acho que faz parte dele ajudar, pois, me mandava as datas e trabalhos por mensagens de celular, me lembrava e atualizava-me

de tudo que acontecia nas aulas e sempre conversava comigo em sala, pode não parecer nada, mais ele foi quem me ajudou a não esmorecer no caminho, as vezes me sentia deslocada da turma e ele vinha, sem maldade com o coração aberto e sempre disponível quando precisava.

Quando sentia as energias um pouco recarregadas levava as duas para a aula, quando apertava a situação deixava a maior com minha mãe mesmo, ou as vezes meu companheiro não tinha aula e ficava com as duas, quando não, um levava uma e o outro levava a outra, e assim seguimos, ou melhor, nos adaptamos. Nem sempre com muita vontade e disposição, porém, com a convicção que queria me formar, hoje já não sei se isso (diploma) realmente importa, sabe? O caminho foi tão duro e o tempo o senhor das causas potentes do meu ser que agora que estou prestes a concluir de fato, me sinto mais forte, me sinto novamente inspirada a continuar seja lá como for, sei que para ti pode parecer romântico e tolo, mas o que quero dizer que esse caminho não foi um mar de rosas, no entanto, eu dei o melhor e o pior de mim, e foi ele que me fez pensar, compreender ou existir as potências das minhas escolhas.

Digo que podes achar romântico, porque me afeccionastes com tuas palavras não somente uma, mas duas vezes, lembra do dia em que fui a tua casa que a Cláudia marcou orientação comigo lá? Cláudia e eu sentamos na tua mesa, pintavas as laterais da tua escada com uma cor amarela, enquanto fazias isso, eu lia minha escrita de TCC para Cláudia, estava em outro processo, tinha outro título, mais ainda falava sobre meu corpo e minha maternidade me cortou várias vezes me dando choques de realidades, dizias que escrevia de maneira generalizada, como se fosse lindo, romântico e cheio de flores a maternidade, que estava escrevendo como se todas as mulheres devessem passar por ela para se tornarem mulheres, dissestes que não me reconhecia naquela escrita, que eu falava de um corpo sem órgãos e que isso era Antonin Artaud (1896-1948), e não era nada lindo daquele jeito, claro, não recordo tudo ao pé da letra, no entanto, me serviu bastante teus puxões de orelha, e teu olhar sobre o que escrevi.

Novamente tive uma potência de agir, diante de uma potência de compreender, logo, existir, e aqui estamos, em um modelo de carta para relatar esses encontros afeccionados, e a parte real desse corpo que existe. Tua fala me afetou e de acordo com Espinosa afetar é o estado do corpo em que ele afeta e é afetado por outro ser e dentro das ordens da natureza dos afetos possíveis estão os sentidos, afecções do que é conduzido do outro até você, resultando em alterações, mudanças no estado do corpo, desse modo, houve uma afetação na minha escrita, compreensão de mim e na minha potência de existir.

Não que já não existisse antes, sim existia, mais queria colocar na escrita a parte idealizada, aquela parte do prazer que citei antes, a parte que superamos e gostamos, não queria

mexer nas feridas, não queria que ninguém soubesse das minhas fraquezas, no entanto, quanta compreensão de um corpo sem órgãos a partir de Artaud sabemos que não é organizado de forma natural. Porém, é produção de afecção da máquina-corpo, é natureza e tem potência de criar realidades. Como ser humano é parte integrante dessa natureza, logo, também é criador. Criador não só das relações com o meio, mas também consigo mesmo.

Diante desse corpo sem órgãos existe a razão, portanto, compreendo o que disseste a respeito do meu texto, pois, ele estava em um mundo ideal, não existente, e quando se idealiza se perde a potência de existir e naquele texto havia perdido toda a potência extraída da realidade vivenciada por mim, logo, não extraia o necessário para criar uma pesquisa que se dialoga com a minha realidade do corpo em construção.

Saí da tua casa revigorada de energias para transformar a realidade em que existia minha escrita. E com dúvidas que teria que responder ou não na construção deste corpo/trabalho, são elas: Como essas afecções se costuram e atravessam por mim para a construção de mim mesma? Como trabalhar esses afetos do corpo/eu para o corpo/construção da escrita? E foi assim que fui criando a potência deste corpo em construção, a partir das cartas e das bricolagens dos afetos vivenciados por mim ao longo dos últimos cinco anos de maternidade no espaço do Teatro e com o Teatro e a palhaçaria. Uma dessas potencialidades podes verificar nesse link, onde escrevo uma carta voltada para o Dia das Mães falando sobre o que é ser mãe para mim, convidada da Conecta afeto que é uma causa voltada para empreendedorismo materno. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/B_z6bGihZWT/?hl=pt-br.

Tu és um afeto não só querido, mais sentido e transformador da minha existência.

Por ti e tuas palavras tenho gratidão, e um carinho que nem sei expressar o tamanho.

Com afeto da mãe e mulher

Paula Barros.

2.1.5 Criando soluções: Carta para Andréia Flores

Marituba, fim de tarde depois da chuva, de um dia otimista de um ano encharcado.

Querida Flores, te escrevo porque quero compartilhar contigo um pouco do que aprendi e construir a partir do nosso encontro na sala dos professores, em um dia que não lembro qual, do ano de dois mil e dezessete, também não sei se lembra, se não lembras quero te fazer

rememorar. Frequentava à Escola de Teatro e dança da UFPA, para assistir a aula, nesse dia específico fui mais cedo para concluir um trabalho, acabei indo na sala dos professores procurar por uma colega, por sorte te encontrei, e como já havia falado com a Larissa Latif, que me indicou ter uma conversa contigo.

Também foi através dela que soube que uma das tuas formações é na Terapia Ocupacional, desse modo, aproveitei o momento e sentei para conversar contigo, te contei um pouco de mim e o que estava passando em casa com minhas filhas, a dificuldade que encontrava para dar continuidade também a minha pesquisa, me falaste sobre tua irmã que tinha gêmeos e dos enfrentamentos que vivenciava um pouco com ela, ali me sugeriu ir até a Santa Casa de Misericórdia do Pará (FSCMP) vê se não havia uma forma de aproximação para continuar minha pesquisa, quem sabe uma bolsa auxílio para continuar na caminhada da universidade.

Figura 11 – Eu e Clévia nos 2 anos da Catarina na FSCMP.



Fonte: RIBEIRO, 2017.

Pois bem, foi lá que fui parar, pedi a minha mãe que estava "lotada" naquela época dentro do Comitê de Humanização da FSCMP - ela é funcionária pública concursada, para me fazer conhecer alguém que pudesse me auxiliar na minha pesquisa ou quem sabe um estágio, ela me apresentou a Clévia Dantas Terapeuta Ocupacional, coordenadora do Comitê de Humanização e membro da Câmara técnica de Humanização do Pará.

Ali não consegui um estágio, nem remuneração, muito menos dar continuidade a minha pesquisa sobre a maternidade, mas me tornei voluntária e conheci a Política nacional de Humanização — PNH, descobri meu fazer artístico como potência de transformação social, descobri que o Teatro tem mil possibilidades de atuação e intervenção, descobri o fazer do Teatro do oprimido, descobri minha potência política e humanizada.

Descobri também que o Teatro é um dispositivo tecnológico leve para se produzir saúde.

Resumidamente posso dizer que utilizamos as linguagens artísticas (dança, música, teatro, palhaçaria e artes visuais) como um caminho possível de estabelecer relações e aproximar os usuários e servidores da área da saúde para resolução de problemas existentes no ambiente hospitalar, também serve como métodos e técnicas de aprendizagem e reconhecimento dos conhecimentos específicos da Organização Mundial da saúde – OMS, um exemplo dessa técnica foi a “Hora do Mamaço” no ano de 2018, no gasômetro, onde fiz uma apresentação com o título de Nanna Show, onde representávamos um talk show teatral (uma espécie de programa ao vivo) para falar sobre a amamentação. Lá fiz minha última prática de estágio o que me rendeu duas comunicações e um relatório. Ou seja, não foi nada do que pensei ou planejei, mais foi o que era para ter sido.

Como antes da Licenciatura em teatro, cursei Serviço Social, tive a oportunidade de repensar minha vida e as escolhas que fiz, percebi que de alguma maneira o serviço social ainda reverbera no meu corpo, não como atuação profissional, mas, como atuação política e de cidadania que exerço e implicada com o meu fazer artístico, agora como educadora da linguagem teatral. E, existe o registro desse corpo da Nanna nesses espaços podes ver aqui: <https://www.facebook.com/NannaChorona/posts/246994749519192>.

Figura 12 – Ação Grupo Voluntarização na Santa Casa.



Fonte: BASTOS, 2018.

Foi com a palhaçaria que adentrei aquele espaço, é com a palhaçaria que sou reconhecida com o meu fazer, e é com ela que (re)significo aquele espaço hospitalar e por muitas vezes os da vida daquelas pessoas que transitam naquele espaço, ou como friza a PNH - a gente pensa na ambiência que é criar espaços saudáveis, confortáveis que possam proporcionar mudanças no processo de trabalho e no encontro com as pessoas.

Com as linguagens das artes, nós (voluntários do comitê de Humanização) utilizamos como um dispositivo tecnológico leve de aproximação, empatia, reconhecimento para se produzir saúde e garantir o acolhimento, gestão participativa e cogestão, ambiência, clínica ampliada e compartilhada, valorização do trabalhador e a defesa dos direitos aos usuários como preconiza as diretrizes da Política nacional de Humanização - PNH (2013). E tudo isso, também pautada na construção da personagem palhaço, dentro desse espaço e da descoberta desse corpo diante das realidades do território (dentro da saúde e da PNH assim como no Serviço Social, reconhecemos o lugar e/ou espaço como territorialidade) de como esse corpo do personagem palhaço vai reagir, improvisar diante dos desafios colocados de um espaço de dor e sofrimento e como é essa criação.

Como Andreia Pântano no livro "A personagem palhaço" (2007) aborda muito sobre a construção deste pautadas na singularidade do sujeito artista e na liberdade de criação e como essa arte tem como potencialidade de transformação da pessoa e do social me assegura a sua fala e sua abordagem histórica sobre, para me reconhecer na construção desse corpo/afeto/potência que é a Nanna Chorona no espaço da saúde e do encontro dela com os corpos que ocupam aquele território.

Então, lemos na página 18 do livro supracitado: "Dessa forma, a atividade de criação guiada pela liberdade, tornaria possível a exteriorização não apenas da realidade percebida pelo indivíduo, mas também das potencialidades das quais os indivíduos são portadores. Assim a arte permite vislumbrar a transformação dos indivíduos e/ou sociedade. Nesse sentido, a arte também assumiria seu caráter revolucionário ao sensibilizar o homem para uma mudança real das atuais condições de existência. Libertando-o da reificação que acaba por absorver sua própria subjetividade".

Como boa atriz-palhaça que és vindo de alguma maneira desse lugar da Terapia Ocupacional e agora com pesquisas que direcionam esse olhar para o cuidado de si com imersão na arte, acredito que sabes o que quero dizer. De algum modo a vida nos encaminha a trilhar um destino, e que esse destino nos é guiado através das escolhas e compreensão de si mesmo. Essa carta, por exemplo, não é só uma mera descrição da aprendizagem cognitiva de um

conteúdo, nem somente um compartilhamento dos acontecimentos da vida, mas é também como um corpo pode afetar o outro.

A Larissa me afetou com palavras de incentivo e me encaminhou a ti, e tu me aconselhaste e acalmaste a tempestade que estava em mim. Naquele dia em que fui falar contigo estava me sentindo cheia de incertezas e com tua calma e empatia, me direcionaste acalmando a tempestade que estava em mim, me afectaste! Logo, encontrei um lugar, para com a arte afetar muitos outros corpos e me permitir afetar por aquelas realidades, lá vi muitas pessoas chorar, crianças por detrás de máquinas de transfusão de sangue sorrir, lá abracei corpos doentes e esguios de desnutrição.

Além disso, olhei nos olhos de mulheres "peladas" de beleza física, escalpeladas tanto da cabeça quanto do coração, vi profissionais frios e desumanizados, também vi profissionais transformadores da realidade que lutam por uma participação efetiva social e que protagonizam sua realidade, vi mulheres e mães abdicarem de sua vida para dar a todo custo saúde aos seus filhos e ainda sorrir com isso, assim também como conheci filhos abandonados pelas mães e que hoje residem naquele lugar e que tem a equipe de enfermagem e o auxílio financeiro do Estado sua única família e possibilidade de viver.

Permitir me afetar porque tudo que está para fora de mim e faz parte do contexto da natureza e do outro de existir no mundo e do qual eu não tenho controle -O espaço hospitalar e aquelas pessoas fizeram eu perceber minha limitação humana, me causou uma alteração no meu modo de comportamento diante da vida, pois, parei mais de reclamar e comecei a pensar nas possibilidades que estavam ao meu alcance de gerir uma mudança, primeiramente em mim.

Afetar o outro porque com a linguagem da palhaçaria criei potências de pensar a realidade da gestão hospitalar, criei esquetes para falar das realidades do Sistema Único de Saúde de modo bem singular e risível, descobrir o corpo da palhaça Nanna Chorona na saúde e como esse corpo no encontro com o outro podem ser esse dispositivo tecnológico leve para produzir saúde e bem-estar como prevê a PNH.

E isso, tu podes ler tanto no meu relatório de estágio, quanto ver vídeos na minha página nas redes sociais da Nanna Chorona ou em mais um link nas redes sociais do meu trabalho: <https://www.instagram.com/tv/CAghxzwhUrZ/>. Ou simplesmente podes me convidar para com a palhaça mostrar na prática essa vivência e trocar contigo as aprendizagens de um voluntariado de dois anos.

Já é fim de tarde e tenho que ir buscar minhas filhas na creche, cumprir com o meu papel da maternidade e está de corpo presente para os dois pequenos corpos delas, pois como sabes,

elas ainda utilizam uma parte das sinapses bem primitiva e que só são ativadas através da afecção do corpo do outro.

Então, como fiz parte da oficina de animalidade do corpo contigo pela Clínica do sensível da professora Wlad Lima quero hoje te dizer que o Teatro e a palhaçaria, assim como a maternidade fazem meu corpo estarem frequentemente em estado de Devir, transformações que são ativadas com a potência de existir no mundo/teatro e que como disse mais acima, me fazem descobrir cada dia potência da minha linguagem teatral, é com Augusto Boal que quero finalizar a escrita dessa carta, porque é nele que se exprime a prática de observar e protagonizar ao mesmo tempo, e é ele que associa a maternidade como o princípio não só da humanidade, mais do Teatro!

Portanto, ele diz no seu livro "jogos para atores e não-atores" (2007) que:

"A teatralidade é essencialmente humana. todo mundo tem dentro de si o ator e espectador. Representar num "espaço estético", seja na rua ou no palco, dá maior capacidade de auto-observação. Por isso é político e terapêutico". E quero falar mais de Boal porque faço dele a água que alimenta meu corpo de Educadora, mãe, atriz e palhaça e para tanto, posso dizer que também é uma afecção desse corpo e compreendo seu dizer como práticas (potências de agir) para exercer nesse meu mundo/teatro. Logo, ainda no livro "Jogos para atores e não-atores" (2007): " Creio que o Teatro deve trazer felicidade, deve ajudar-nos a conhecer melhor a nós mesmos e ao nosso tempo. O nosso desejo é o de melhor conhecer o mundo que habitamos, para que possamos transformá-lo da melhor maneira".

E assim, finalizo essa carta quase em cima da hora de buscar as meninas, mas que não posso deixar de te agradecer pela escuta, por confiar meu trabalho a tua irmã, porque teus sobrinhos participaram das vivências teatrais que eu e a Ana Paula Castro ministramos na Livraria Fox, e foi maravilhoso conhecê-los, conversar com tua irmã e partilhar com ela as vivências maternas que nos são tão comuns, podes também ver as fotos e registro desse dia nesse corpo em construção na carta 1.3, página 49.

Por fim quero cada vez mais, mesmo que de vez em quando poder compartilhar de mais coisas contigo, seja da palhaçaria, da maternidade, da saúde ou simplesmente do cotidiano, te tenho muito apreço e graça.

Com muito amor, riso e empatia da mãe e palhaça,

Paula Barros.

2.1.6 Ação cretina: construindo relações/carta para Edson Fernando

Belém, noite de céu estrelado, de um dia que foi atropelado de um ano ainda encharcado quase transbordando de tantos não fatos. Hoje, escrevo da minha sala bem no meio da madrugada. Início especificamente às 0h19 minutos, estou em um daqueles dias que quero falar demais e nem sei por onde começar, então lembro de ti Edson, das nossas conversas pelas redes sociais das quais eram cheias de cobranças pela escrita de críticas das quais quase sempre atrasava o prazo de entrega, já era tua bolsista e “pegava no meu pé”, quase como uma assombração, alguns colegas diriam, mas como esperar outra coisa de um cretino, não é mesmo?

Esse ano me declarei dizendo que estava com saudades das tuas “esculhambações” e me vieste com a retruca de que fazes “esculhambações” online. Como boa Cretina sei que essas “esculhambações” não passam de verdades, sem máscaras, sem rodeios, sem censuras na fala ou no corpo, afinal, acredito teres deixado bem claro a frase de Nelson Rodrigues: “Ao cretino fundamental nem água”, nos periódicos “tribuna do cretino: revista de crítica em teatro e dança”, mais especificamente na revista de nº1, v 1, onde falas sobre o que consideras prática artística cretina de práticas sem fundamentação e sem critérios estabelecidos, apenas utilizando os elementos de encenação e limitados aos elementos da linguagem artísticas e que depois disso como prevenção “da arrogância e da prepotência que possa estar oculta nas entrelinhas” assumes a cretinice.

Digo corpo porque meu primeiro encontro contigo ficou marcado no meu corpo. Devido o despertar, ou o descobrir de uma cicatriz. Era 2014 e as aulas da disciplina “modos de ver”, uma das duas que tinhas de lecionar para minha turma e todos achavam um professor ruim, chato ou rígido demais já que éramos calouros, esses eram os termos falados por alguns colegas. Hoje percebo que de imaturidade e desconhecimento do mundo. A grande questão era que em uma das aulas nos levaste um documentário do Pink Floyd, tínhamos que assistir e escolher algo que nos chamou atenção e discorrer um artigo sobre.

Escolhi o Muro, um muro que agora não recordo bem, o que lembro é que o muro aparecia em meio a rosas vermelhas ao som de um piano e ruídos de vidros quebrados. Descrevi sobre o que sentia ao ver a imagem e acabou surgindo algo revelador de mim.

O MURO! Este muro que mal sabia eu da existência e negava perceber o muro do pudor do meu corpo, de expô-lo nu diante de uma plateia. Esse foi e é um grande motivo por nunca

ter escolhido fazer o curso técnico - e tu foste o mestre, o educador que sem as máscaras viraste e me disseste: “isso não é um muro é um pudor da porra! que decidiste deixar aí, por que não continua o texto? Por que para no muro, no momento, em que precisas revelar? Estás sendo econômica nas palavras”.

Confesso que até hoje tenho colocado e preservado os muros e economizado na escrita.

A Cláudia e a Romana coitadas têm sofrido comigo, tenho escondido as feridas e tento colocar curativos nas que estão muito abertas. Tenho sido cretina comigo mesma!

Mas, me sinto livre para te falar, me sinto nua e tudo bem porque um bom Cretino fala – escreve, ou como dizes na apresentação do periódico de volume 1, nº2: “seleciona, quebra, dividi, julga, faz uma análise rigorosa” e completo a partir de sua fruição, de forma contextualizada, da sua vivência de mundo, do lugar da fala!

Então, depois de surgir esse muro, sugeriste o espetáculo: “Santa pocilga de misericórdia” uma dramaturgia de Rodrigo Barata, sendo um projeto de criação/experimentação em Teatro que foi contemplado pelo edital 2014 do Instituto de Artes do Pará (IAP), que teve estreia no porão da Universidade Popular (UNIPOP). A intenção ao assistir ao espetáculo era principalmente, ver se a obra teria a ver com a nudez dos atores, e qual seria minha reação diante dos corpos despídos.

O espetáculo era feito por homens e falava sobre homossexualidade, havia falos por todos os lados. O título do meu texto foi: “ROMPER”, e coloquei o significado de acordo com o dicionário online que é: “Desfazer a integridade de algo; fazer cessar (Estado, condição, etc) Desfazer ou desrespeitar (Algum tipo de acordo, Compromisso ou relação com outra pessoa) cessar, terminar; manifestar subitamente (sentimento)”. O texto era esse: Um muro de pudor. Não sou “livre” para fazer a arte com o corpo nu, não sei exatamente como isso surgiu, pode ser por uma questão moral, que não entendo bem que seja, mas é um fato. Ou apenas um PUDOR. O que sei é que para eu fazer isso é romper-me.

Questiono, qual é a forma de teatro que vivo ou defendo? Ao meu modo de ver o teatro me serve como ferramenta (acrescento agora, que tenho ciência de que o Teatro é uma linguagem, para além da ferramenta, no entanto, era o ano de 2016. Hoje posso dizer que o teatro pode ser um dispositivo tecnológico leve, para a garantia da forma e do modo do SER, de viver na natureza e no social), ou seja, pretendo com esse conhecimento que está sendo adquirido ensinar (hoje digo: o educar, trocar, permitir) especialmente as crianças um olhar crítico (e humano) do que estamos vivenciando, para que eles possam fazer um novo amanhã, um projeto que ainda está em construção, (processo criativo do SER EU - eternamente sendo

construído) no entanto, sei o quanto todas as expressões são importantes, mesmo aquelas que são apresentadas nuas, porém ao meu olhar hoje me pergunto se isso é exagero, apelação, ou de fato uma representação pensada, para mostrar a sociedade o que ela não quer ver?, em alguns casos sim. E aí, eu? não sei até que ponto seria capaz de tirar a roupa em defesa da minha arte, e expressão, por que será que me representa? ou represento? Ou terei que representar?

Hoje reconheço esse muro sendo MUITO pudor! por dois fatos: o primeiro social. Historicamente violentado por uma colônia do falo. Vidas roubadas no silêncio ensurdecedor dos porões. Vidas afectadas por moedas de troca, compra, venda, compra, venda, compra, venda, consumo, vendo, compro, consumo. Após, muita luta e resistência, o GOLPE, tentativa de silenciar o canto, o ato, a estética, a poesia e as linguagens que falam os corpos e línguas - NÓS. Que quanto causa do existir ecoavam por entre a natureza, se fazendo potência ativa e adequada. E o ciclo parece ainda repetir o passado ao mesmo tempo em que resiste em parte para seguir o futuro.

A segunda: Familiar. Que não está distante da primeira, e é tão oprimida quanto opressora, devido a uma causa histórica e social, e, claro, a ignorância: que posso falar quanto dois significados: o de não conhecer e/ou não estar a par, e o outro, no sentido de não querer e ignorar o fato ocorrido, que só enxerga para o que está próximo, e sim, isso, penso ocorrer na minha família com alguns. Então, fui silenciada a conhecer meu próprio corpo. Quando pequena me tocar era depravação, recebia olhares de reprovação, e perguntar como nasciam os bebês era um tabu, pois, não era coisa de criança! e se dependesse dos meus avós para falar sobre sexo, com certeza eu viraria freira.

Qualquer coisa que se relacionasse no meu corpo era escondida, me colocavam muito medo para me mostrar, porque as pessoas podiam olhar, digo, que me vestia para os outros e não para mim, fui educada que devia esconder meu corpo. Minha avó reclamava, porque tinha (tenho) o peito grande, ela comprava roupas fechadas demais, para esconder meus peitos, na adolescência isso era muito visível, porque não me vestia como minhas primas, era tudo muito longo e da vontade dela, confesso que até hoje nem sei dizer exatamente qual é o meu estilo de vestir, porque não passei pelo processo de escolher minha roupa, hoje quando tenho e posso escolher sempre acabo me fechando mais, e medindo o que vestir, amo vermelho e cores, mas acabo por escolher as cores mais monocromáticas, as roupas curtas, só vieram mesmo depois da gravidez.

Biquini, só usava a parte de cima porque tinha vergonha de me mostrar, tinha vergonha de exhibir minha barriga e bunda, ficava sempre com shorts de cintura alta e com as pernas até

próximo o joelho até meu cabelo era um problema, tinha que prender sempre, porque ela dizia que ficava parece uma “monga” com o cabelo solto.

Ao crescer fui percebendo que na verdade meu cabelo era uma parte de mim que importava e definia meu rosto, era bonito e chamava muita atenção. Por isso, ela preferia que eu escondesse. No mundo em que vivo, aprendi a esconder, a suprimir meus desejos porque sou uma menina! nasci com uma VAGINA e isso é um problema, porque qualquer pedaço de mim que mostro é usado contra mim, PUTA! é o que sou quando revelo qualquer pedaço do meu corpo, porque o homem (e até mulheres) pode nos romper, rasgar, desrespeitar. Pode?

O Teatro que vivo e defendo é o da condição humana! é o de SER, exprimir, sentir, cortar, romper (com os paradigmas, crenças) e tirar a roupa? já tirei! não na concretização do despír as roupas no palco e no Teatro, mas já tirei para o outro, que me lê atriz-palhaça nos espaços da vida, já tirei para sentir prazer e romper com o pudor do sexo! dos corpos nus e disponíveis um ao outro. Já tirei para sentir prazer sozinha no chuveiro, já tirei para homens cuidarem do meu corpo grávido, tirei e definitivamente me arreganhei para parir, e até fiz um enfermeiro me tocar, para verificar a dilatação e hoje até faço graça disso.

Passei por uma experiencia desconfortável, achei o toque da médica abusivo, ela fez o primeiro toque para verificar os centímetros da dilatação e doeu tanto, que não deixei ela tocar de novo, quando precisei fazer de novo cerca de umas cinco horas depois, disse que queria que ele(o enfermeiro) fizesse, e ainda disse que era pra ele fazer direito porque nem meu companheiro havia me tocado como ela, então queria que de alguma forma eles me fizessem sentir prazer em está ali “escancarada”, nem sei da onde pensei em dizer isso, mas disse. Já me despi tanto que nem sei mais dizer o que é revelar, desnudar, está nu. aqui neste corpo que construo estou nua, tanto, que nem posso pensar na reverberação da causa disso no eu que existe.

Edson, digo as coisas mesmo sabendo que vais me dá muitos motivos e razões para te odiar depois, vais fazer mil interrogações sobre cada frase que escrevo, vais fazer todas as correções ortográficas do meu texto, vais ser o Edson. E tudo bem porque depois que a tempestade passa a mansidão do oceano faz a gente enxergar o horizonte.

O ano de 2014, a primeira escrita do muro e o encontro contigo foram o despertar de mim mesma. E o início de um afeto e carinho imenso (imenso mesmo! Deixa a porra desse adjetivo aí o texto é meu! Mas se preferir podes colocar imensurável, tá?). Ou posso dizer que esse afeto extraído dos nossos encontros no espaço da Universidade agiu no meu modo de existir como educadora em formação, aumentando minha potência de existir, a começar pelas

publicações nos periódicos da TRIBUNA, que de acordo, com Novikoff e Cavalcante (2015) tu expandiste minha potência da mente por meio das ideias, tornando assim meu corpo Devir um estado ativo.

Ou mesmo através das retóricas muitas vezes me deixando as dúvidas sobre mim mesma ou algo, para jorrar a semente da pesquisa ou da procura por mim nesse lugar do Teatro. Teus caminhos metodológicos posso comparar ao que diz Novikoff e Cavalcante (2015, p.102): “(...) desenvolveu práticas pedagógicas que favorecem a aprendizagem e o conhecimento, de modo, que os alunos se fortaleçam efetivamente, aprimorando suas relações com o mundo, o que para Spinoza (2009) implica encontros que favorecem ao homem perseverar no seu ser”. A verdade que escrevo para agradecer todas as “esculhambações”, a confiança, o apoio, o aplauso no dia da comunicação no Seminário de pesquisa em Teatro, quando fui fazer a defesa oral do artigo que fizemos juntos: “CRETINO EM AÇÃO: coleta de dados das duas edições da revista: TRIBUNA DO CRETINO revista de crítica em Teatro e dança”.

Quero dizer que foi muito importante para mim teu acolhimento com a Catarina em sala de aula e com a minha gestação da Helena durante a vigência da bolsa. Tuas palavras são um gatilho que reverberam na minha potência de agir diante das situações, sempre penso em ti não só como um educador que quer ver seu educando alçando voo no céu do conhecimento, mas como aquele ente, familiar querido, que cuida, protege e que quer o melhor para sua cria.

Figura 13 – Dia de curso de extensão.



Fonte: BASTOS, 2018.

Arrisco a dizer que és um “Pãe” uma mistura da maternidade com a paternidade, pois és homem de uma delicadeza materna, sem ter as neuras específicas dos hormônios femininos, és

uma boa mistura dos dois, o carinho, o acolhimento ao mesmo tempo que a sinceridade e a racionalidade das coisas e das situações.

Mesmo afirmando que não sabes lidar com essas situações sentimentais e de relações, sei que te afetas por elas. Te afeta, porque te importa, assim como te importaste comigo desde o momento que me aprovaste para o curso de Crítica em Teatro até o último momento de entrega do relatório final da bolsa de extensão e sei que não é só porque teu nome estava em jogo. Não poderia deixar de comentar sobre os nossos encontros na tua casa que marcamos para que eu pudesse te entrevistar para a minha pesquisa de TCC, no fim, aquela entrevista serviu para guardar na memória como um encontro afectivo.

Afectivo porque tenho desenvolvido elas com o conceito de afecção de Espinosa a partir do Devir de Deleuze e Guattari e com as lembranças e marcas deixadas no meu corpo e no meu Ser das vivências no espaço do Teatro, porque dentro do processo de construção da pesquisa, minha escrita mudou, e agora ela se configura assim, na escrita de cartas, no entanto, a ideia das perguntas que fiz na entrevista norteiam o corpo construção que é como nomeio este corpo no formato escrito. Tenho tentado de alguma maneira transferir para a escrita da pesquisa em arte, uma fruição poética do meu corpo para fazer valer meu processo dentro desse espaço do “Cretino”.

De todo modo só tenho Gratidão! Seguiremos como “os malditos das quebradas do mundaréu” carregados de cretinices sejam elas jornalísticas, fruidoras, ensaística ou poética sempre teremos esse dever para com nós mesmos e a nossa arte.

Com carinho, da “cretininha”

Paula Barros.

3. PARIR

3.1 CORPO PALHAÇO: CONSTRUÇÃO DE UM CORPO PALHAÇA.

Esta seção é o corpo de encontro com o mundo. São meus corpos de maetriz e palhaça. São três vídeos marcando o tempo de existência e o parir dos corpos/eus presentes na vida. Esse primeiro é o nascer da Nanna Chorona - a palhaça, onde escrevo uma carta para ela e ela escreve para mim potencializando nossos corpos no encontro com o mundo do corpo em construção

exposto ao chão. Essa construção iniciou no processo da Oficina da Romana Melo na Casa das Artes que se intitulou: “O poder que a palhaça tem” no ano de 2018. Quando estou no chão em posição fetal, é em referência ao criar, entrando em processo de gerar o SER palhaça e um dos exercícios na sala com Romana.

3.1.1 Corpo afeto: videoarte

Este é o que considero o “parir” da escrita, onde revela o processo construção do corpo em construção. As páginas no chão revelam os “pródomos” – para gestante é quando começa a sentir as primeiras dores do parto, para o escritor são as primícias da escrita. Portanto, exponho aqui no espaço de casa o caminho para o parto da pesquisa/eu que existe, potencializando o corpo escrito, no modo ativo do meu corpo/ser.

3.1.2 Caos e corpo: Videoarte

O caos é o estado presente em que vive meu corpo. Nele vocês veem meu corpo (máquina-corpo) em constante desajuste, na tentativa de ajuste consigo mesmo. Para a ideia do corpo encontro com Jean-Luc Nancy revelando os pedaços, foles, cabeça, e a ideia da ideia do existir/eu. Configura também o nascer para a vida, pois é no caos presente que se (re)significa e se (re)cria esse corpo. Para tanto, o que quero revelar é a existência/eu quanto corpo/devir/ideia na potência e ativação do meu SER. E, antes de ir para o link de acesso aos corpos/eus que existe. Te convido a ler esse fragmento do Livro de Augusto Boal. Que me revela a essência desse SER/eu matriz que existo. Faço questão de ter a cópia desse prefácio, visto que é um corpo/bricouler, considero neste corpo em construção essencialmente importante a reprodução dessa leitura para um afectar o leitor.

REFERÊNCIAS

- _____. Lei nº 6.202, de 17 de abril de 1975. Atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 1969, e dá outras providências. **Diário Oficial {da} República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 17 abr. 1975. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-6202-17-abril-1975-357541-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acessos em: 03 de janeiro de 2021.
- ARTAUD, A. O Teatro e seu duplo/ Antoine Artaud. 3º tiragem. **Rev. Moisés Limonad**. Editora Max Limonad Ltda., São Paulo, p.1987-226.
- BOAL, A. **Jogos para atores e não-atores**. 10 ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 368 p. 368, 2007.
- BRASIL. Ministério da Saúde. HumanizaSUS: Política Nacional de Humanização: a humanização como eixo orientador das práticas de atenção a gestão em todas as instâncias do SUS [manual na internet]. Brasília: Ministério da Saúde 2004. Disponível em: http://bvsaws.saude.gov.br/bus/publicacoes/humanizasus_2004.pdf. Acesso em: 04 de julho de 2019.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. HumanizaSUS - Política Nacional de Humanização: a humanização como eixo orientador das práticas de atenção e gestão em todas as instâncias do SUS. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politicanacional_humanizacao_pnh_folheto.pdf. Acesso em: 09 de julho de 2019.
- CRUZ, P. A. B. Espetáculo: Pelos Olhos Dela - Pelos Meus Não Olhos. Tribuna do cretino: Revista de crítica em teatro e dança/ UFPA/ICA, Belém, v. 2, n. 3, p. 12-14, 2016.
- DELEUZE, G., 1925-1995. Espinosa e o problema da expressão / Gilles Deleuze; tradução de GT Deleuze - 12; Coordenação de Luiz B. L. Orlandi. - São Paulo: Editora 34, 2017 (1ª edição). 432 p. (coleção TRANS)
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, p. 560, 2011. Trabalho original publicado em 1972.
- DESGRANGES, F. A pedagogia do espectador/ Flávio Desgranges. - São Paulo: Hucitec, 2003. il; (Teatro; 46).
- DUENHA, M. L.; NUNES, S. M. Presença que não se Faz Só: potências de afecto no ato de com-por entre corpos. **Rev. Bras. Estud. Presença**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, pág. 99-122, abril de 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artext&pid=S2237-26602017000100099&lng=en&nrm=iso. Acessos em: 03 de janeiro de 2021.
- FORTIN, S.; GOSSELIN, P. Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico. ARJ – Art Research Journal/**Revista de Pesquisa em Artes; V. 1, M. 1, p. 1-17, 4 de maio 2014.**
- FUGANTI, L. A. Aula em vídeo: **Pensar e transformar**. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCPnSfzGsEF1s2opJQ56h5UQ>. Acesso em: 12 de out. 2018.

GIACOIA JUNIOR, O. O poder dos afectos. (Vídeo). Café Filosófico, CPFL Cultura. 2015. 94 min. Disponível em: <http://www.institutocpfl.org.br/cultura/2015/09/15/o-poder-dos-afetos-com-oswaldo-giacoia-jr-integra/>. Acesso em: 18 de julho 2020.

LEOPOLDO, R. Análise d'O anti-Édipo: críticas de Deleuze e Guattari a Sigmund Freud. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v.17, n. 39, p. 293-303, ago. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200008&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 03 de janeiro de 2021.

MACHADO, M. V. Dobras sobre o corpo barroco e mestiço. **Algazarra**, São Paulo, n.4. p.53-71, 2017.

PANTANO, A. A. A personagem palhaço|Andreia Aparecida Pantano. **Editora UNESP**, São Paulo, 2007.

RAYEL, M. L. Gesto, afeto e arte em Espinosa. **Algazarra**, São Paulo, n.5, p. 196-214, nov.2017.

ROBLEÑO, R. Viralata: o palhaço tá solto! / Rodrigo Robleño. Belo Horizonte, 1 ed. - 2015.

SILVA, E. F. S. Tribuna do cretino: Revista de Crítica em Teatro e Dança, UFPA/ICA/Escola de Teatro e dança, Belém, v.1, n.1, p. 64, 2015.

SILVA, E. F. S. Tribuna do cretino: Revista de Crítica em Teatro e Dança, UFPA/ICA/Escola de Teatro e dança, Belém, v.1, n.2, p. 100, 2015.

SILVA, E. F. S. Tribuna do cretino: Revista de Crítica em Teatro e Dança, UFPA/ICA/Escola de Teatro e dança, Belém, v.2, n.4, p.94, 2016.

SILVA, E. F. S. Tribuna do cretino: Revista de Crítica em Teatro e Dança, UFPA/ICA/Escola de Teatro e dança, Belém, v.2, n.3, p. 97, 2016.

TSALLIS, A. C. PALHAÇOS: uma possível reflexão para a Gestalt-Terapia. Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ. Ano 9, n.1. p. 137-149, 1º semestre de 2009. Disponível em: <http://www.revipsi.uerj.br/v91//artigos/pdf/v9n1a11.pdf>. Acesso em: 04 de julho de 2019.

ULPIANO, C. Aula em vídeo: **Pensamento e liberdade em Espinosa**. Acervo Cláudio Ulpiano. Aula filmada no outono de 1988, no Rio de Janeiro. 109 minutos. Publicado em 3.9.2017. Disponível em: <https://acervoclaudioulpiano.com/2017/09/03/pensamento-eliberdade-em-espinosa/>. Acessos em: 03 de janeiro de 2021.

RESUMO

Este é um processo criativo em arte. Ele nasce em um movimento de observação das afecções atravessadas em meu corpo, a partir, da maternidade e da minha vida que permeia a Universidade e o Teatro. Em uma dialética com meu SER e com pensadores da Linguagem Teatral como Augusto Boal (1931-2009) e Antonin Artaud (1896-1948) que são minha "rede de apoio" no pensar a cena do meu corpo e fazer a cena com o Teatro e a educação. E, em consonância com a trajetória deste corpo ao encontro e descoberta do Si, encontro com os pensadores Gilles Deleuze (1925-1975) e Benedicto de Espinosa (1632-1677) sobre os estados de afecção destes corpos EU: mãe, atriz e palhaça. Desse modo, descobrindo a ação na escrita e nas mídias da vida corpo eu que existe.

Palavras-chave: afecção; corpo; Teatro; Palhaçaria.

Gratidão

Primeiramente em memória a minha avó materna Inide

com a palavra SER forte para a nota de

gratidão para a família e amigos

que me ajudaram a superar a perda

de minha avó Inide com amor e carinho

de todos os dias e momentos

que compartilhamos juntos

com a palavra CUIDO

para a família e amigos

que me ajudaram a superar a perda

de minha avó Inide com amor e carinho

de todos os dias e momentos

que compartilhamos juntos

com a palavra CONSTRUÇÃO

para a família e amigos

que me ajudaram a superar a perda

LISTA DE DESTINATÁRIOS

1. FECUNDAR:

- 1.1. Carta de descrição ao leitor;
- 1.2. O estado da afecção: Carta para Espinosa
- 1.3 De onde você vem? Carta para Wlad Lima;
- 1.4. Encontros e (des)encontros. Carta para Ivone Xavier;
- 1.5. Afeto x Afecção: Papo entre mulheres. Carta para Larissa Latif;
- 1.6. Criando soluções. Carta para Andréia Flores;
- 1.7. Ação Cretina: Construindo relações. Carta para Edson Fernando.

2 PARIR:

- 2.1 CORPO PALHAÇO: Construção de um corpo palhaço.
Paula/Nanna; Nanna/Paula - videoarte
- 2.2 CORPO AFETO - videoarte
- 2.3 CAOS E CORPO -Videoarte

4 APENDICE DO APENDICE CONSTRUÇÃO

6

FECUNDAR



1.1 Carta de descrição ao Leitor

Belém, um dia como outro qualquer de um mês chuvoso de um ano que inicia encharcado.

Hoje parece ser um dia normal, primeiro um sol de rachar, depois aquele toró (muita, mas muita chuva mesmo) em Belém do Pará. Ruas alagadas, pessoas escondidas em suas sombrinhas, algumas sombrinhas coloridas, outras criativas cheias de babados e floridos, não sei bem o porquê, mas esse ano estou otimista! Ando dizendo que estou encharcada de coisas para dizer, sentir e viver e como estou em Belém, nada mais justo que um encharcado regional, pois esse cenário me contagia nem sempre de coisas boas, mas é o lugar ou diria é uma das cidades do meu trajeto/corpo da vida, ora Belém, ora Marituba.

Atualmente resido no município de Marituba-Pará. Porém, grande parte do meu tempo fico em Belém, pois é nesse lugar que se encontra o espaço do Teatro que frequento e que vivenciei boa parte do meu trajeto/corpo. Nesses lugares há dois estados de afecção do meu corpo - A maternidade e o Teatro. E é sobre eles que venho escrever.

Agora escrevo daqui de um ônibus lotado (atravessando de um lugar a outro), por sorte estou sentada, pois está sentada e sozinha é raro! Por quê? Vou me apresentar.

Sou Paula Barros tenho 28 anos, sou atriz, palhaça, pesquisadora do meu fazer artístico, universitária, educadora e tenho o maior e mais árduo de todos os "trabalhos" - Sou MÃE! Trabalho? sim! pois,

quem é mãe sabe do que estou falando. É um trabalho constante de alimentar, educar, limpar, criar, cuidar, dar, doar. São muitos verbos (ações) dentro de um cotidiano de vinte quatro horas por dia, sete dias por semana, trinta dias no mês e trezentos e sessenta e cinco dias no ano, sem direito a férias, folga, descanso. E, quando por algum momento do dia, você pensa em se sentir “livre”, logo você escuta: “mãeeeeee”. Então, o que dizer sobre os últimos cinco anos?

ESTIVE GRÁVIDA!

Trabalho de parto da Catarina



FOTO: NASCIMENTO, 2015

Quatro meses de gravidez da Helena



FOTO: CALDAS, 2016.

Na imagem à esquerda estou grávida da Catarina na sala de parto e já com contrações há três dias, Socorro minha sogra quem tirou a foto. A direita é a barriga da Helena depois de uma dança circular no Hotel Sagres promovido por uma mãe, atriz, educadora e amiga, Marluce Araújo, quem fez o registro do momento foi minha mãe, assim

que cheguei do evento para buscar a Catarina que havia deixado na casa dela. Ambas são do meu arquivo pessoal.

Esse trabalho nasce do **encontro** que tive com a primeira gestação. Pois, na relação com meu bebê sentir a necessidade de envolver-me numa pesquisa que pudesse através da linguagem teatral contribuir na relação inicial da família com a chegada do bebê.

No entanto, no decorrer do tempo e do processo de pesquisa uma nova e inesperada gravidez dá novos rumos e novas visões de se olhar a vida e tudo que implica na vida, neste caso - a minha.

Portanto, é um relato da minha vivência materna que é onde inicia um novo ciclo de construção de mim, pela pessoa que fui, que sou e das relações que tenho construído nesse espaço do Teatro com a maternidade, de como o Teatro tem contribuído com minha formação acadêmica, pessoal e profissional, na verdade, o Teatro têm sido o ponto de encontro, das relações e dos estados de afecções do meu corpo com o mundo, para esclarecer melhor o lugar de onde falo, trago Flávio Desgranges (2003, p.19) com uma citação de Bernard Dort sobre como o espectador ler uma obra teatral:

“O centro da Gravidade teatral mudou: ele não está mais na cena ou na obra somente, ele se situa de alguma maneira no ponto de intersecção da cena com a sala, ou melhor ainda no encontro do Teatro com o mundo”.

Então, decido hoje escrever para você que lerá essas cartas e verá os vídeos que unidas são a concretização do meu desejo de formar-me educadora da linguagem Teatral e que está impregnado de *afecções*.

Para tanto, além da apresentação que fiz de mim, preciso esclarecer sobre a decisão de escrever cartas, assim como a estética apresentada nesta organização, onde a melhor nomenclatura para ela é: *Corpo em Construção*.

Corpo porque primeiramente o Teatro trabalha com o corpo, depois porque penso, descrevo e transcrevo o trajeto e as afecções sentidas pelo meu corpo de mãe, atriz e palhaça no espaço do Teatro e com a linguagem do Teatro. Também porque é sobre a Condição humana que o Teatro há séculos se expressa e vive.

Tenho este não somente como um Trabalho de Conclusão de Curso, mas como uma representação estética do meu corpo/trajeto nesse lugar do Teatro, ele significa não somente uma obrigação acadêmica, mas sim, é uma das formas possíveis de comunicar sobre o que é esse meu corpo/devir de mãe, atriz e palhaça em estado de Afecção.

Não se pode compreender esse corpo em construção como meu corpo na sua formação de cabeça, troncos e membros, ele está implicado em um conceito de abstração do sujeito para além do corpo, porém eu corpo quanto estrutura é parte integrante deste corpo em construção, logo, ele participa e comunica neste.

E Entende-se aqui sobre corpo: substâncias materiais, imateriais, orgânicas e/ou inorgânicas.

Sobre substância parto da ideia de Benedicto de Spinoza (1632 - 1677), que diz:

"Entendo por substância o que é em si e se concebe por si: isto é, aquilo cujo conceito não tem necessidade do conceito de outra coisa."
(ÉTICA, pef. III)

Então, como falar desse corpo, que é matéria ao mesmo tempo abstração do sujeito? E aí surgem as dúvidas: Como este corpo da mãe, atriz e palhaça é afetado pelo mundo/teatro? Como essas afecções se costuram e atravessam por mim para a construção de mim mesma? Como trabalhar esses afetos do corpo/eu para o corpo em construção da escrita?

Primeiro neste corpo escrito, o encontro parte da linguagem Teatral com meu corpo no tempo da vida. O mundo é criado de duas maneiras: Real e ficcional. O Teatro se mistura ao meu corpo materno, de atriz e palhaça em estado constante de transformação, seja em cena com a palhaçaria que se torna a ação dos corpos em transformação ou na descrição real do que vivenciei nesses espaços da maternidade e do Teatro.

Dito isso, parto para as afecções.

Afecção é um conceito de Benedicto de Spinoza (1632 - 1677) em sua obra *Ética*, que tive acesso a partir do *Anti-Édipo* de Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992), do qual minha orientadora Cláudia Gomes me apresentou. De acordo com Spinoza (2009, p.111) Afecção é:

“A modificação de um corpo causada pelo encontro com outro corpo”.

Posso, portanto, dizer que, afecção é o corpo sendo afetado pelo mundo, um encontro entre dois corpos que se relacionam e que sofrem alterações, fazendo com que o corpo entre em um processo de transição, mudança, portanto - o *Devir*.

Devir deriva de acordo com o dicionário português online (<https://www.dicio.com.br/devir/> <último acesso em: 10/03/2020) da palavra *Devenire* (latim) que significa:

“Vir a ser; tornar-se, transformar-se”

e para a filosofia é:

“o Movimento permanente e progressivo pelo qual as coisas se transformam”

Como cito *Devir* a partir de Deleuze e Guattari a partir da minha compreensão acredito que posso dizer que são duas coisas:

ENCONTRAR e **MUDAR**. Parto do pressuposto da alteração do comportamento, ou seja, passo a mudar o meu modo de olhar e me comportar a partir das afecções geradas pelo encontro.

Exemplo seria na palhaçaria, onde uma cena cotidiana da minha maternidade como a ação de retirar brinquedos do chão que naturalmente não gosto de fazer e meu corpo faz isso no estado "automático" - operando sem minha vontade com movimentos repetitivos, que quando vivenciada e experimentada na cena ela se torna outro estado de alteração do corpo, logo, muda meu olhar e meu comportamento a partir dessa vivência, sendo possível tornar-se uma cena risível, e/ou poética e cômica.

Exemplificando a partir de Spinoza é aqui o afecto expressando a mudança do estado de agir do corpo a partir de outro corpo, logo, o Devir presente no corpo.

Para rir de uma cena cotidiana e real da minha vida o encontro com a palhaçaria e a vivência nos espaços e com a linguagem teatral me conduzem a descobrir a minha própria natureza de **SER**, reinventando assim outros modos de olhar a mesma vida. Para ser mais precisa assista o vídeo que fiz como resultado da oficina com Ricardo Puccetti oferecido em 2019 pelo Maloca de palhaças com Fita Crepe filmes.

<https://www.youtube.com/watch?v=qdTMXN5J8o8&t=595s>

Como é um "Clownbaré" que é uma apresentação com vários números de palhaçaria vocês também verão vários outros números de palhaços, nesse caso o meu será o segundo.

É com esse Teatro da palhaçaria e da maternidade, que escrevo para os que fazem parte desses encontros, penso encontro, não somente com os corpos, mas também aquelas afecções sentidas, atravessadas, fruídas no meu Corpo/Ser pelas sinapses acerca dos pensadores, fazedores da linguagem teatral como os já citados e os lidos e "devorados" para o "parir" dessa escrita. Lembrando que estamos falando de um corpo em Afecto e isso implica na imanência do ser que faz parte do Devir!

Outros pensadores que neste corpo marcam encontro teórico da pesquisa e que aportam em como essas afecções atravessam na construção do meu corpo/devir são: Augusto Boal (1931-2009), Antonin Artaud (1896-1948) Félix Guattari (1930-1992) Gilles Deleuze (1925-1995), com as obras respectivamente: "Jogos para atores e não-atores" (2007, 10ªed); "O Teatro e seu duplo" (2012) e "Anti-Édipo" (2011, 2ªed.); "Espinosa e o problema da expressão" (2017)

Acabo por trazer conceitos filosóficos bastante complexos. Portanto, a primeira carta apresentada é para Espinosa na intenção ou não de compreensão do meu corpo/ser/materno. Confesso que não

discuto em si os conceitos trazidos por esses autores, mas, busco compreendê-los partindo do meu corpo afeto em Devir.

Compreendo tudo sendo inter-ligações de Corpos/Eus/pensantes formando grandes rizomas do pensamento. Logo, a estrutura do corpo seja o corpo em construção ou o corpo da mãe, atriz e palhaça buscam formas de expressão e de encontro com o si, parindo a escrita e os videoartes.

Os videoartes são materiais que construir a partir da qualificação, pois, percebi com a avaliação da banca que precisava sentir e (re)viver, e (re)construir essas ideias desses corpos.

Depois, porque Larissa Latif escreveu na capa do meu trabalho sua avaliação como: "rizomas do pensamento" e me questiona: "cadê a palhaça exausta?", ela rabisca coisas como: "Experiência - Devir 3 corpos - multiplicidade - experimentar o corpo - experimentar o Teatro no corpo - experimentar o corpo grávido no Teatro - experimentar o corpo parido no Teatro"

Resolvo então, experimentar e filmar as experimentações, surge o "caos e o corpo" primeiro, depois o parir a escrita (corpo em construção) que considero o vídeo: "corpo afeto" e por fim o "construção de um corpo palhaça", mostrando as cartas que já havia escrito da Paula para a Nanna e da Nanna para Paula.

Com toda a certeza a palhaça não é a exaustão! Ela é a potência. Ela é a essência da Paula, ela transforma a exaustão em oportunidade de criar e gerar ações/verbos. Um exemplo seria no vídeo criado para o projeto de pesquisa e extensão: "Clown Nosso de cada dia" enquanto planejava o que faria com a Nanna Chorona, Catarina e Helena brincavam. A ideia do vídeo era elaborar várias situações vivenciadas em casa com as meninas, porém, nada saiu como planejei, mas a Nanna fez o que parecia ser nada certo para mim, virar alguma coisa: pequenas ações no ato de brincar com as meninas viraram um vídeo leve e com vida: <https://www.instagram.com/tv/CCZmfKCBdoc/>

Dito isso, voltemos agora para a estética, de como esse corpo/eu se configura no corpo em construção, penso ser importante comentar sobre essas colagens por detrás dos textos nas cartas, eles partem de dois princípios: O primeiro como sendo um corpo construído em arte, penso essa construção uma estética do sensível em imersão artística, partindo do pressuposto que é uma Licenciatura em TEATRO.

E, o segundo sobre meu "encontro" com Sylvie Fortin no periódico Arj- Art Resevarch Journal/Revista de pesquisa em Artes; v.1 n.1, P. 1-17, 2014, que aborda sobre metodologias de construção da pesquisa em arte ela menciona sobre bricolagem que conseqüentemente encontro no livro A Personagem Palhaço (2007, p. 15) de Andréia Pantano esta menciona a origem do que é:

"Bricolage: noção de estética de Claude Lévi-Strauss no livro Pensamento Selvagem que significa submeter uma estrutura os mais diversos elementos".

E não poderia faltar Deleuze e Guattari no Anti-édipo (2010, p. 11) que também falam sobre essa bricolagem só que no corpo sendo um grande Bricouler de conexões e tubos, tornando-se assim as máquinas desejantes.

A ideia de Bricouler é a ideia desse corpo em construção acoplando e me permitindo as colagens e os links estabelecendo essa pesquisa de um corpo em constante transformação no tempo em que existe, me possibilitando caminhos para a construção de um bricouler/trabalho tornando-se grandes rizomas dos pensamentos EU.

Para tanto, a estética da escrita das cartas vem interposto por Bricolagens, e podemos entender não só os links, como as datas das cartas, pois elas são parte desse estado de afecção do corpo, as sensações, sentimentos, pensamentos e descrição do momento fruído pelo meu corpo.

Assim como as referências aos autores. Sendo cartas, como poderia fazer referências de modo normativo? Encontrei no bricouler estético da criação do meu corpo a forma de apresentação desejada por mim, em diálogo com os autores, portanto, tudo aquilo em que não sou eu quem digo, faço destaque no texto em itálico e negrito.

Quando lerem, imaginem a página do meu próprio caderno e que dou destaque com uma cor diferente, como um diário que damos destaque para aquilo que consideramos importante.

Temos ainda as imagens que compunham o corpo em construção, algumas delas são imagens da Catarina que desenha enquanto escrevo boa parte da monografia, exemplo é imagem da seção **FECUNDAR**. Ela fez enquanto lia o texto do "Quem somos nós" que vocês podem ler na carta 1.3 página 39, por fim ela me deu dizendo para colocar no meu TCC porque era eu e ela.

Como só havia uma pessoa na imagem dela, indaguei: - E cadê você? Ela respondeu: - "Dentro da sua barriguinha mamãe". Ali decidi que aquela imagem faria parte do meu corpo em construção, e de início para representar a fecundação deste.

Outro exemplo é a imagem da lista de destinatários um rabisco da Romana Melo em um dos nossos encontros para correção da monografia, ela desenhcou no canto de uma das páginas que estávamos lendo juntas, portanto, considero fragmentos dos corpos/eus, ao ver e ler reconhecemos o nós! Logo recorro ao que diz DELEUZE, 2017, p. 240:

"A estrutura de um corpo é a composição da sua conexão. O que pode um corpo é a natureza e os limites do seu poder de ser afetado".

Essa imagem de fundo de caderno é do meu próprio caderno de escritas, pois antes de passar para o Word, elas foram escritas a mão. E, acredite era assim que queria que fosse meu trabalho - escrito a mão. Loucura? Talvez. Mas, logo fui orientada a perceber a impossibilidade dessa forma, já que seriam muitas cópias, por isso, escolhi essa forma e letra que é a que mais corresponde a minha. Em meio as escolhas também foi me sugerido pela orientadora o trabalho que apresento para a entrega na Biblioteca da instituição, pois a última me impossibilita pela normativa acadêmica estabelecer minhas próprias regras de construção desse corpo. Mas, eu e Cláudia juntas vamos encontrando as "linhas de fuga" para a construção do Si.

Então, essa bricolagem, vem possibilitar novas formas de se pensar e construir a pesquisa em arte, bem como, me dando o direito de "gozar" das licenças poéticas que me são permitidas para falar desta vida/corpo que afeta e é afetada por outras vidas/corpos.

A escrita de cartas. Ela inicia na infância quando escrevia os diversos "Eu te amo" para a minha mãe e que se tornou sério a partir dos doze anos, quando escrevo na madrugada juntamente com duas queridas amigas do Teatro infanto-juvenil da Escola de Teatro e dança da UFPA, a Larissa e a Raissa, foi um dia juntas com compartilhamento e confissões de adolescentes, onde ao fim do dia decidimos escrever uma para a outra para registrar o encontro. Assim, começo a escrever pequenas cartas e pensamentos com mais frequência,

como receber também. E, no fim do 2º grau (ensino médio) percebo que tenho uma coleção de cartas que escreveram para mim e de coisas que pensava acerca de mim e da vida.

Como também os pensadores que convido ao encontro deste, por parte de suas vidas trabalhavam seus conceitos e discutiam as relações deles através da escrita de cartas.

E porque minha orientadora, no início do processo da escrita me sugeriu isso, porém, demorou mais de um ano para a concretização desta, foi uma busca pessoal de tentar expressar o que é esse corpo, de como ele poderia ser o corpo/devir, sem deixar de ser a pesquisa de conclusão de curso acadêmico, como dito antes foi um processo de **CONSTRUÇÃO**. E, que ao fim deste no verbete: **CONSTRUÇÃO** que é o apêndice do apêndice vocês podem ver esse processo, uma espécie de "making off" do espetáculo do corpo.

Sendo assim, vocês irão encontrar com o corpo/Ser/palavra que vai se construindo nos espaços criados e conquistados pelo tempo da vida.

Por último, friso que as cartas são escritas em tempos diferentes, umas esse ano, outras anos atrás, algumas iniciadas há muito tempo e finalizadas só para a concretização desta.

Os verbetes! Os verbetes são esses verbos em destaque vermelho nos textos e que compunham a separação dos três capítulos do trabalho,

bem como, são os verbetes do devir/Eu e é ideia da professora Ivone Xavier que na disciplina TCC I da graduação em Licenciatura em Teatro, percebeu que escrevia verbos em destaque vermelhos e por felicidade minha, deu essa sugestão, que fazem parte do Devir e que utilizo agora para significar cada tempo da escrita e da afecção do meu corpo materno (que é a maior afecção sentida) e da construção desse corpo estético, logo, também é uma bricolagem do corpo em construção. O verbo são as ações do corpo no processo de mudanças pelo qual este corpo/SER/mulher passa, é um movimento contínuo de criar e (re) criar a mim mesma, é a mudança do que existe para o que é ou está sendo, é o aqui e agora. São verbetes comunicadores do SER EU.

Tem ainda, a paginação simulando o nariz vermelho da palhaça, na verdade é quase que uma inspiração do Livro "O palhaço tá solto" de Rodrigo Robleño.

As cartas se não forem para você, provavelmente terão coisas que diz respeito aos corpos afecionados a partir do encontro, logo, só o destinatário entenderá, porém, como diz Patrick Pessoa sobre a arte da crítica que Pessoa (jul/dez. 2016, p. 82) sobre a arte da crítica que:

"Nenhum realizador tem controle total da reverberação de sua obra ou da infinidade de possíveis camadas que ela pode ter".

Portanto, antes de tirar qualquer carta, pense em um encontro, vá para algum lugar mais calmo, tome um café ou qualquer outra coisa que lhe agrade o paladar, permita afectar-se e boa leitura.

Com Carinho, desta mãe, atriz e palhaça

Paula Barros.

1.2. O Estado da afecção

Marituba, um dia tranquilo de sol e vento de um ano que termina nem tão encharcado assim.

corpo - potência - essência - afetação - corpo (modo finito) - natureza - conexões - afecções - corpo - ser - corpo - afetos - existência - modo - corpo - estado - potências - corpo.

"As afecções são as maneiras pelas quais as partes do corpo humano e, conseqüentemente, o corpo inteiro, é afetado" *Ética II, 28.*
Apud. Espinosa e o problema da expressão (p.240).

Estou agora, sentada na mesa da minha cozinha, com um notebook para a escrita deste - pela primeira vez, depois de um período de quase um ano. Pensando nas possibilidades de escrever sobre as afecções atravessadas pelo meu corpo, a partir do que consumi de leitura sobre esse estado de afetação, sobre o que construiu e constrói meu corpo/ser e este meu corpo em construção.

Sou Paula Barros, tenho vinte oito anos de idade, duas filhas, faço universidade de licenciatura plena em Teatro e tenho consumido livros, artigos e vídeos que falem sobre afecção para concluir meu trabalho de conclusão de curso - TCC.

Cheguei a baixar no meu celular teu livro "Ética" - E, até tinha uma versão impressa conquistada em um sebo quando cursava Serviço Social, mas emprestei para um amigo e nunca mais recuperei. Confesso que li uma boa parte, compreendi algumas coisas, outras nem tanto.

Por isso, fui de encontro com alguns autores que explanam e compreendem tua obra. Me permiti afetar por esses autores - como Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992). Não poderia escrever este, se não tivesse no mínimo percorrido os olhos e a mente em, pelo menos, umas cinquenta a sessenta páginas da Ética ou se não tivesse lido Deleuze e seu livro "Espinosa e o problema da expressão" ou iniciado e lido fragmentos do "anti-Édipo" de Deleuze e Guattari, assim como alguns artigos acerca dos afetos possíveis.

Não sei bem ainda como fazer isso, tenho dificuldades com a organização da escrita, do mesmo modo em que tenho dificuldades da organização do eu para comigo mesma - não à toa, que este que nomeio corpo em construção, vem tecer meu encontro e estado de afecção do meu corpo com o mundo/Teatro e da maternidade no próprio mundo.

Mundo/Teatro porque ele pode ser interpretado ou compreendido de várias maneiras. De acordo com Augusto Boal (1931- 2009), em

seu livro "Jogos para atores e não-atores" na edição de 2007, são quatro:

Teatro quanto à construção de um edifício idealizado para os espetáculos, shows etc. Todos os seus elementos e parafernália teatrais, pode também ser compreendido como o lugar em que se passam os acontecimentos de comicidade e/ou tragédia, que como espectadores assistimos de forma distanciada, podemos chamar também de Teatro os acontecimentos sociais, como exemplo nossa atual conjuntura política, econômica e social; e podemos entender também como Teatro as ações da vida que se repetem no cotidiano. Sendo assim: Mundo/Teatro!

A maternidade se torna um mundo a partir do momento que descobro que um ser cresce dentro de mim.

Posso dizer que foi, quando uma outra mulher me disse que eu não conseguiria "parir", quando indaguei o porquê, ela disse que eu era "cheia de frescura" e não aguentaria a dor. Foi nesse momento que comecei a adentrar no mundo materno atrás de respostas para as minhas perguntas.

Esse mundo foi o da pesquisa, o da descoberta de cada mês uma dor nova, e essa dor era no corpo que esticava, crescia o ventre, os enjoos, o cansaço, as emoções. No início, o controle das emoções, sem dúvida, foi bem difícil. Tudo era novo, tudo ainda é muito novo.

Então, no fim a dor não se trata do ato de parir, mas o ato de descobrir a maternidade e depois que se pariu, é como você de novo se tornasse criança, redescobrimo a vida, as sensações, as emoções e dentro dessa vivência do mundo materno, de acordo com Augusto Boal, posso dizer, que também é relacionado com o mundo/teatro, pois o ato de maternar está respectivamente nas ações da vida que se repetem no cotidiano.

Logo, sou a protagonista e a espect-atriz descobrimo a maternidade e o teatro, e me descobrimo humana. Podes verificar o que digo no prefácio do livro acima supracitado, mais precisamente nas páginas: XV à XX, ou podes depois verificar ao fim deste corpo construção.

De todo modo, tenho tentado fazer uma organicidade não existente de mim, para a conclusão deste. Meu corpo/afeto é um estado de caos presente seja de forma política e poética como na palhaçaria, no exercício constante da maternidade, nas cenas da vida e do palco como atriz, ou seja, em boa parte do tempo em que existo, ou como segundo Deleuze e Guatarri, em reflexão do corpo sem órgãos de Antonin Artaud (2010, p.20) posso também chamar de máquina desejanete, pois:

"As máquinas desejanetes só funcionam desarranjadas, desarranjando-se constantemente".

Falar do corpo sendo afetado e entendê-lo de forma racional no seu modo de existir, têm sido complicado, mas como menciona Deleuze no livro "Espinosa e o problema da expressão" (2017 - 1º ed. p. 243), tu tornas a ideia dos afetos não como uma ideia abstrata do sistema intelectual, mas sim algo concreto na potência e variação do modo de existir e que dura enquanto este existe, claro, não exatamente com essas palavras e tem a questão da introdução do corpo infinito e do espírito, afinal, eles coexistem, não é?

Diante desse caos em que me encontro e a tentativa de compreensão de mim, escrevo essas cartas que quando organizadas para a finalização de um trabalho estético e acadêmico, chamo de corpo em construção e a escrita delas fazem do meu corpo, um outro estado de afecção, devido ao rememorar os acontecimentos da vida, onde provocam sentimentos, trazem as afecções e os afetos e revelam a potência de um corpo em existir e o uso da cognição de forma racional para uma catarse na forma escrita do eu que existe.

Isso provoca um estado de ser ativo e de ideia adequada, contudo não sei se posso definir tudo assim. Pois, que para Artaud (1896-1948) definir um corpo é limitá-lo. Entretanto, se falamos em um corpo afetado precisamos também falar da forma corpo que existe quanto organização matéria, não é?

E, para falar dessas potencialidades e causas existentes das ideias de um corpo afetado, se precisa colocar em conversa o corpo infinito

(Deus)? Pergunto isso, a partir das leituras de Gilles Deleuze 2017, p 239. Portanto, Espinosa te escrevo na intenção (ou não) de encontro comigo mesma em busca de respostas.

Para tanto, trago textos que existem no *Ética*, mas que li ou (re)li nos textos de Deleuze e Guattari nas Obras já supracitadas. Questões de afecção do corpo e das variações das potencialidades adequadas ou não do ser/corpo/eu.

Tenho algumas perguntas a te fazer, além das que já fiz, é claro! Acerca da compreensão desse corpo/potência, corpo/afeto e corpo quanto ideia do existir:

- Como uma potência aumenta ou diminui diante das afecções do mundo?

- Será que o que teces acerca destes estados do corpo é a mesma ideia que tenho a partir das leituras que fiz?

- Será que este corpo em construção realmente é uma potência diante das afecções sentidas pelo mundo?

- Será que é arriscado demais falar de uma afecção sentida por mim, em um determinado tempo da existência, tendo em vista, que as "afecções passivas (ideias inadequadas e sentimentos-paixões)" (2017, p. 244) mudam em constância? Ou será que é possível haver um *Devir* de forma adequada diante das inadequações?

Esse estado de afecção do meu corpo poderia entender por uma ideia inadequada de um sentimento passivo? São paixões decorrentes de uma não causa de existir?

Poderia dizer quanto a materialidade deste trabalho uma causa adequada da minha potência de existir? Pois, se entende como ideia adequada um sentimento do qual somos causa e essa causa sendo ação, me tornei na escrita uma espécie de ação de uma razão adequada existente?

Sabe por que te pergunto isso? Porque diante das afecções sentidas por mim, algumas delas foram passivas, porém, no momento passaram despercebidas, só que de alguma maneira, se refletiram como uma potência em agir, e este corpo em construção penso ser uma dessas potências de ação do ser que existe - EU.

E, isso tu podes ler nas cartas que compunham este corpo, assim, os dois são potência de um estado de afecção, acrescento também como a essência do meu ser que existe e age diante das realidades afetadas, logo, recorro ao que diz Deleuze (2017, p. 245):

"A potência de compreender ou conhecer é a potência de agir própria da alma. Mas, precisamente, o poder de ser afetado permanece constante, qualquer que seja a proporção das afecções passivas e das afecções ativas".

Desse modo, é variável, por isso ocorrem as potências de aumentar ou diminuir um estado de afeto. Seria mesmo isso? O fato que

compreendo que uma não existe sem a outra, e que precisei da inadequação e da passividade para a adequação e ação do meu modo de existir, logo, elas coexistem.

Na composição deste corpo/escrito, trago a afecção do meu corpo entre o Teatro e a maternidade, e de como este se relaciona na minha potência de agir diante das realidades do mundo, e que estas se relacionam com o social, a natureza e os outros seres como no "Ética II, pef. 3", assim como estes interferem e afectam diretamente aquele. Será que me faço compreender? Mesmo assim, será que tem coerência o que digo? Como saber se nem mesmo, no momento de uma afecção sentida, consigo extrair dela toda a potência real de agir, seja ela ativa ou passiva? Por mais, que pareça a realidade de transformação do eu que existe diante das situações apresentadas pela vida real na sua potência de ação, como perceber ou identificar o Devir?

E o corpo?

O corpo quanto compreensão da matéria (corpo-máquina) que eu existo, me conduz a fazer um esquema da compreensão de mim, veja:

Sinapses: faz parte do corpo (máquina-corpo?)

Eu: conduzo o corpo e reflito através das sinapses (corpo desejanste?)

Construção: É o que vou sentindo, extraíndo, compondo através do corpo afetado e sobre o que o corpo é capaz de criar a partir da captação do Eu através das sinapses. (potência de agir?) LOGO:

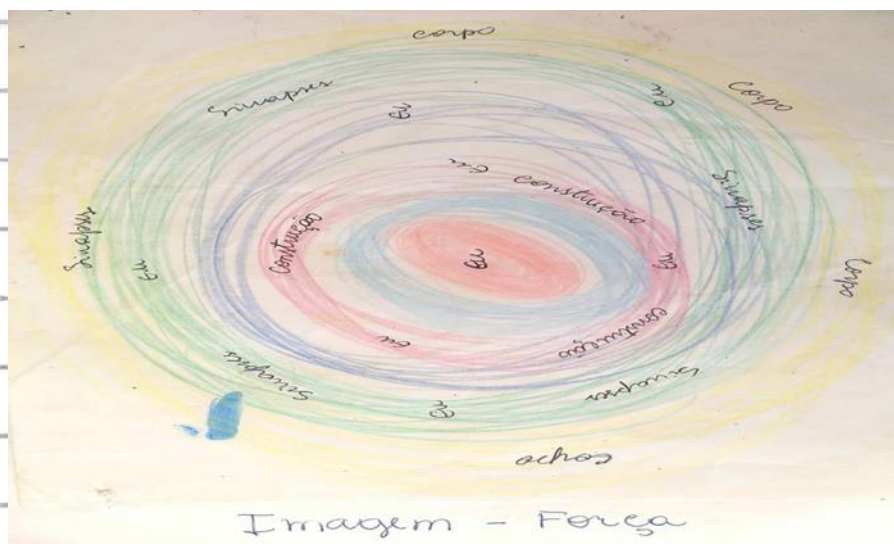


Imagem-força do corpo em construção – Paula Barros, 2016

A partir da leitura do anti-Édipo, percebi que um (corpo) pode ser o outro (eu/sinapses), como assim? são corpos sejam eles diferentes em sua definição (se é que posso colocar assim) e estado, com base nas leituras, eles coexistem.

*Então, pode ser a ideia do corpo sem órgãos como: corpo máquina, corpo desejante, ou pode ser o corpo finito, são corpos com potencialidades existentes sejam elas quais forem, porém não é necessariamente a matéria (corpo) que existe, apesar de ser ela que é afetada, a existência do **Eu** chamo neste trabalho de parte cognitiva de compreender (construção).*

Por quê? Vou trazer para o corpo, tentando exemplificar a partir da ideia de gerar um ser. Hoje os estudos das neurociências comprovam que quando o bebê desde os primeiros momentos sendo gerado na barriga de sua mãe, seu desenvolvimento cognitivo que é associado ao processo de compreensão e aprendizagem do ser humano, está totalmente ligado aos estímulos, ou seja, ao dado momento em que um óvulo é fecundado, tudo que está na natureza seja do corpo ou da natureza externa da mãe, auxilia na criação e no desenvolvimento cognitivo, sendo fundamental a afecção ou afetação como estímulo sensorial, logo, se torna uma outra causa potente que existe.

E, as sinapses são impulsos elétricos na membrana da célula emissora, transmitindo impulsos nervosos de uma célula a outra sem as sinapses não seríamos capazes de associação e compreensão, pois não teríamos a captação das células nervosas, então podemos entender nesse corpo de acordo como menciona Carlos Augusto Peixoto (2013) sobre tua obra *Ética*, como uma: "potência afetiva do intelecto".

Entendo que é o Corpo finito, presente na natureza do corpo infinito o uno no múltiplo (Deus), lembra disso? Podes também verificar no capítulo XIV do "Espinosa e o problema da expressão" sobre "O que pode um Corpo?" (2017, p.239 - 257).

Então, assim como no *Anti-Édipo* ao explicar sobre o corpo sem órgãos do Antonim Artaud (1986-1948) e a trazer uma ideia de Bricouler, desenvolvido de formas diferentes em Deleuze e Sylvie Fortin

para o corpo que construo na ideia deste corpo em construção, chamo de interligações, ou até poderia dizer ser as conexões, tubos, ou caminhos em caos existente/presente de um corpo/potência da palavra para tentar exprimir a ideia desses estados da afecção.

Trouxe os "58 indícios do corpo" de Jean Luc-Nancy para falar sobre meu corpo bricouler, esse que é afetado e um corpo construído de vários outros corpos, também porque existe.

E, apesar de discorrer sobre isso, tenho dúvidas de como eles são aplicados em mim, diante do caos existente que falei, como fazer uso dessas potencialidades para, de fato, um devir ativo?

Será que nas realidades do que digo, das situações colocadas e como meu corpo/atriz/palhaça, assim como meu corpo da mãe vivenciaram e se potencializaram diante das ações ativas ou das inadequações passivas do Eu, elas realmente são esses estados do Devir e da transformação e adequação do existir eu?

Sabe, Espinosa, não sei se realmente me contradigo ou reafirmo as afecções deste corpo em construção, no entanto, espero manter as desordens de um corpo que age diante do mundo e que o Teatro seja o lugar para me fazer compreender ou não as realidades, potências e ações diante dos afetos ou estados de afecção, podendo eles serem ativos ou passivos, o que importa para mim é a constatação do eu quanto natureza existente.

Se em algum acaso da vida nos encontrarmos, espero poder tecer melhor as dúvidas do meu corpo/ser, e que possamos afectar um ao outro e discorrer sobre os estados de afecção da vida.

Obrigada pela obra e obrigada por estar presente neste meu corpo em construção.

Com afeto, ou afecto

Paula Barros

1.3 DE ONDE VOCÊ VEM?

Belém, o sol encoberto por nuvens de um tempo duvidoso das coisas que se sucedem, de um ano encharcado.

O QUE EU SOU?

SOU UM SER CONSTITÍDO DE MATÉRIA,

UM SER QUE SENTE QUE CHORA

QUE EMOCIONA E SE EMOCIONA

EU SOU VOCÊ NA VERSÃO EU.

DE ONDE EU VIM?

DA DOR;

DO SONHO;

DAS GRADES DO APARTAMENTO;

DE UM LUGAR;

DE UM DEUS;
DA VIOLÊNCIA;
DO PRECONCEITO;
DO AMOR;
DA DIFICULDADE E DA FAMÍLIA;
DO DESEJO E DA REALIZAÇÃO!
EU SOU NÓS! E QUEM SOMOS NÓS?

SOMOS ALMAS PECADORAS, SONHADORAS EM BUSCA DA
FELICIDADE! E ONDE ENCONTRAMOS A FELICIDADE?

CADA UM ENCONTRA PARA SI O QUE BUSCA O QUE DESEJA E
O QUE DESEJAMOS É O REFLEXO DE NOSSAS ALMAS.

Querida Wlad,

Quero hoje te escrever para contar e agradecer a
contribuição e afecção deste corpo/ser que fala, sente afeta e é afetado.
Sabes esse texto que acabaste de ler? É meu! Escrevi a partir da minha
trajetória pessoal e como dirias é um "frankeinstein", este texto foi
sendo construído a partir da minha vivência no Teatro e na disciplina
"trajetórias do si" da Licenciatura em Teatro na Universidade Federal
do Pará- UFPA.

Essa construção foi baseada no tempo e na memória e me remetem
ao "baú" do Cacá Carvalho, mencionado na tua tese de mestrado que

virou livro "Dramaturgia Pessoal do ator". Esse baú vai servindo de matéria-prima para nosso trabalho como ator, e por hora ousou dizer como educador da linguagem teatral.

Quero compartilhar contigo um pouco do que foi esse trajeto/processo da escrita e da cena do jogo da vida pessoal.

As primeiras escritas desse texto tiveram sua produção no início da minha jornada acadêmica, mais especificamente no ano de 2011.

Foi questionando quem sou e o que queria para a minha vida, que comecei a pensar na exteriorização dos meus sentimentos e pensamentos, desse modo, construir a cena para a primeira prova de habilidades que era uma das etapas do processo seletivo para ingressar no curso de Licenciatura Plena em Teatro para UFPA.

Esse é o princípio do que chamo de **DESCOBRIR**. Descobrir a mim mesma, encontrar com o que queria ser e fazer.

E nesse ano foram dois vestibulares: O Exame Nacional do ensino médio - ENEM que é o processo seletivo para ingressar nas universidades. O curso que escolhi foi a Licenciatura em Teatro na UFPA, e o outro de uma faculdade privada a Faculdade Pan-Amazônica - FAPAN. O ano de 2011 foi o primeiro ano em que prestei vestibular.

A grande questão que vivenciava neste ano era sobre o que queria e o que eu era. Porque minha família (avô, avó e mãe) gostariam que tivesse segundo eles uma "PROFISSÃO", bem sabemos que ser ator é uma profissão de uma área bastante abrangente e de conhecimento, no entanto, também sabemos que por uma série de fatores históricos e sociais que ainda há preconceitos e desvalorização desses profissionais da área de artes. O caso que, por outro lado, queria exatamente isso! Queria o mundo chamado TEATRO!

Mundo Teatro porque ele pode ser interpretado ou compreendido de várias maneiras, de acordo com Augusto Boal (1931-2009) em seu livro *jogos para atores e não-atores* na versão de 2007, são quatro, e podes ler quais são na carta que escrevo para Espinosa no verbete: Fecundar, carta 1.3, página 25.

Então, dois dias antes da prova de habilidades, que é uma prova prática com cena para quem se inscreve na área de artes, hoje não é mais uma exigência, naquela época, era uma avaliação eliminatória/classificatória, chorei muito trancada no banheiro de casa, pois não sabia o que apresentar e não sabia o que seria de mim se não fosse o que eles (família) queriam que fosse, dessa maneira, olhando meu reflexo no espelho perguntei: Quem somos nós? Logo, tive a atitude de sair pegar um papel e caneta, novamente tranquei-me no banheiro e sentada no vaso sanitário fechado escrevi ainda entre lágrimas:

QUEM SOMOS NÓS?

SOMOS ALMAS SONHADORAS, PECADORAS EM BUSCA DA FELICIDADE! E ONDE ENCONTRAMOS A FELICIDADE? CADA UM ENCONTRA PARA SI O QUE BUSCA O QUE DESEJA E O QUE DESEJAMOS É O REFLEXO DE NOSSAS ALMAS.

Com isso, já tinha um texto e foi só complementar com o que estava me sufocando, escrevi:

ESTOU PERDIDA, QUERO ME ENCONTRAR! ENCONTRAR RESPOSTAS PARA PERGUNTAS SEM RESPOSTAS, POIS APENAS EU POSSO RESPONDÊ-LAS.

JÁ SONHEI E REALIZEI, SONHO E POSSO REALIZAR, POR QUÊ?

PORQUE EU QUERO!

NÃO EXISTE CÉU, NEM TERRA, NEM OUTROS, APENAS EU, EU, EU, EU?

O QUE EU QUERO?

Mas, ainda precisava cantar fazia parte do requisito obrigatório exigido para a construção da cena, escolhi a música "Lisbela" de Los Hermanos, não sei se conheces, mas podes procurar depois nesse link na internet: <https://www.letas.mus.br/los-hermanos/>

Pronto! pensado a cena ainda tinha o figurino, liguei para Kevin Braga um amigo próximo, ator, cenógrafo, figurinista, diretor, um artista multi! Acredito que devas conhecê-lo, contei a ele o que pensei para a cena - queria um espelho como objeto cênico, afinal tudo começou na frente do espelho - quando era criança costumava falar

comigo mesma e "interpretar" personagens da Tv na frente de um espelho. Falei para ele também do texto que falava sobre mim (que construí na noite anterior) e um batom como acessório para simbolizar o sentimento do momento dos questionamentos para a vontade de **MUDAR**.

Como ele morava próximo de casa me disse para ir até lá, então me emprestou uma calça xadrez que havia uma abertura nas laterais que transformavam a calça em outra com recortes retangulares de cores vermelho, azul e amarelo, uma espécie de "dupla face". A cena era simples na execução, tinha apenas três minutos para "conquistar" a banca examinadora, entrava com uma maquiagem cor neutra bem pálida com a calça do lado xadrez e uma regata preta, com um pequeno espelho na mão direita, dava o texto. Ao fim do texto iniciava o canto de "Lisbela", enquanto cantava, passava um batom vermelho, trocava a blusa preta por uma vermelha e virava a calça para o lado de cores.

A apresentação foi cheia de expectativas e nervoso natural do ator, ganhei a banca e meu nome havia sido aprovado. Ainda estava no páreo da Licenciatura, porém, a comemoração foi passageira, pois, no resultado, meu nome não estava no "listão" (lista dos aprovados no vestibular), fui desclassificada porque a nota de redação não foi suficiente, mesmo tendo tirado nas outras linguagens ótimas pontuações.

Dessa forma, me contive com a aprovação na faculdade particular que me inscrevi para Serviço Social, cursei dois anos desse curso em duas faculdades diferentes na cidade de Belém, deixei a primeira (FAPAN) por não gostar da administração e de não me adaptar as disciplinas online as "famosas" EAD, pois trinta por cento do curso era online na instituição, acabando por pedir transferência para outra, A Universidade da Amazônia - UNAMA, logo no segundo semestre.

I Seminário de Serviço social -FAPAN



FOTO: ARQUIVO REIS, 2012

Imagem do primeiro seminário de Serviço Social que participei na FAPAN. Meu grupo de estudos e ao meio a professora Patrícia Belo de metodologia e materiais do ensino para Serviço Social. Fotografado por algum colega de turma. É único registro

que encontrei desses anos e ainda nas redes sociais da colega de turma Nádia Reis a que está ao meu lado esquerdo, desconheço o autor da foto, na verdade, não recordo.

Sabe o que aconteceu? Não concluí. Abandonei o curso, não que não gostasse, mas ainda não preenchia, não satisfazia o meu ser, e ainda tinha que trabalhar para pagar a Universidade.

Não gostava do trabalho e chegava exausta na sala de aula porque atravessava a BR-316 toda para chegar, pois o trabalho era em

Ananindeua e a faculdade no centro de Belém. Com tudo isso me sentia fatigada e frustrada, foi quando contra a vontade de meus avós, resolvi abandonar o curso. Havia comunicado sobre meu desejo, no entanto, não houve aceitação. De todas as formas tentaram me dizer "estava no caminho certo".

Sendo assim, saía todos os dias de casa para ir ao trabalho e a aula, entretanto não frequentava mais as aulas, e o que eu fazia? saía para passear, visitar colegas, eu me sentava na praça para ler e tomar Guaraná - aquele da praça Brasil, próximo a Escola de Teatro e dança da UFPA, que a gente mistura, frutas, cereais, leite, e amêndoas o guaraná da nossa região Amazônica. Gostava da fase de liberdade e descompromisso (isso é necessário, e foi bem necessário), e a única pessoa que sabia disso era meu atual companheiro.

Assim me mantive durante quatro meses, até que depois da inscrição e realização às escondidas do vestibular no ano de 2013, pedi demissão do trabalho de Back Office - é a pessoa responsável por fazer o cadastro das vendas no sistema da empresa de comunicação Claro, e confessei (muito feliz) para meus avós e menti que iria fazer um trancamento de matrícula, já que não poderia mais pagar a universidade.

E o ano de 2013 terminou cheio de certezas, depois de realizar o vestibular (ENEM) e a prova de habilidades do processo seletivo, onde dessa vez o texto foi a respeito da minha família, com base no espetáculo "Memórias (i)reais de uma (des) família" que o Grupo

Engrenagem (Grupo de teatro da cidade de Belém que teve sua duração nos anos de: 2012 a 2018) dirigido pelo Kevin Braga e do qual era integrante. Mais uma vez o Kevin fez parte da minha apresentação, o figurino e a direção da cena também foi dele. E a apresentação foi outro fragmento de mim, por fim, tinha certeza da aprovação.

Em janeiro de 2014, uma semana antes de saber o resultado da Universidade Federal do Pará, comuniquei a minha mãe e meus avós que iria passar no vestibular, que estava confiante.

Um dia antes arrumei a casa e separei a roupa para levar as "ovadas". Minha mãe ficou indignada, pois havia comprado passagens para ela e meu avô irem para Cametá (terra natal de boa parte da minha família), ela iria fazer uma prova de outro concurso no dia seguinte, não tinha mais jeito ela teria que ir.

Então, no dia esperado adivinha? Meu nome estava no "listão" e novamente foi Kevin o grande anunciador deste evento, ele foi um grande companheiro e amigo, auxiliou nos momentos necessários da minha vida, achei bem justo e como um sopro da vida ele estava

Dia da aprovação no vestibular



FOTO: arquivo pessoal, 2014

também neste momento e até foi o primeiro a chegar em casa e a fazer minha placa de aprovação.

Imagem da aprovação listão com a placa que Kevin fez, em frente da minha casa no bairro do telégrafo, não

lembro quem tirou, faz parte do meu arquivo pessoal.

Em março de 2014 estava na Escola de Teatro e dança da UFPA - ETDUFPA, o campus que iria me abrigar pelos anos seguintes. E como que por ironia do destino, a primeira disciplina do curso foi "Trajetórias do ser" atualmente "trajetórias do Si" com base na Dramaturgia Pessoal do ator, e a primeira pergunta feita pelo professor Alberto Neto que ministrava a disciplina na época, foi: "De onde você vem?", a memória logo me induziu para o texto que havia escrito, no ano de 2011 olhando meu reflexo no espelho, e tudo que havia feito para chegar até ali.

Meus colegas de turma começaram a falar de si, e as falas foram se complementando, percebi que eles eram como eu, cada um do seu jeito com sua singularidade e história, mas os caminhos apesar de diferentes nos levaram ao mesmo destino: A LICENCIATURA EM TEATRO!

Foi no momento da pergunta de onde você vem que pude perceber que não estava só e que ali naquele espaço existiam muitos "eus" na versão de outro, a pergunta do professor era acompanhada de contextos dos quais só nos deu indicativos do que seria a disciplina no final das respostas do "de onde você vem?" Escrevi no meu caderno da seguinte maneira:

DE ONDE VOCÊ VEM?

* CONHECER O OUTRO;

* PERCEBER A SI MESMO E FAZER UMA TRAJETÓRIA PELO QUE LEVOU VOCÊ ATÉ HOJE;

* OBSERVAÇÃO E INTERAÇÃO;

* O QUE EU SOU?

Com isso, fiz algumas anotações acerca do que ouvi naquela noite dos colegas de turma, algumas histórias contadas mexeram mais comigo que outras, pelo enfrentamento de dificuldades e superação, também pela forma poética de como foi contado. Então, penso que "fui testemunha de depoimentos preciosos", falas isso na página 15 da Dramaturgia Pessoal do ator, recordas?

Já havia encontrado o caminho pelo qual queria seguir e achava que já havia encontrado as respostas sobre mim, ao menos o lugar onde queria estar. Então, reescrevi esse texto nessa versão que acredito abarcar as histórias dos meus colegas de turma tanto do ano de 2014 quanto das pessoas que me acolheram e estiveram comigo esses anos, adaptei o texto para compreender as verdades desses seres que somos nós. Esse texto é o resumo do que penso sobre o **SER**. Na verdade é a organização de palavras que se unem em uma tentativa de exprimir o que é o ser humano e sobre meu processo de afecções sentidas nesse lugar da universidade e do Teatro.

Esse momento de ingresso na Universidade foi o marco dos afetos sentidos por mim. Com esse texto que inicio minha escrita para contar e apresentar de onde venho e como este corpo da atriz é construído e

afectado por essa trajetória e de como começo meus questionamentos acerca de mim e dos outros.

Também é um texto que um fragmento dele foi publicado na revista: "TRIBUNA DO CRETINO: revista de crítica em Teatro e dança" na edição de volume. 2, nº.4 | jul-dez | 2016. p. 14-17.

E foi falando do outro, do momento de ingresso e da minha trajetória na Universidade que notei coisas, lugares, pessoas e ações da vida cotidiana que me afetaram e construíam o **SER** e o corpo que sou hoje.

Assim foi construído não só o texto, mas o diálogo comigo e meus pensamentos, fui encontrando pessoas que foram me auxiliando nessa caminhada artística e da educação da linguagem Teatral, uma delas foste tu, e olha que incrível ainda não te conhecia pessoalmente, mas tua obra já reverberava no meu corpo, já fazia parte da minha escuta e já ia compondo o meu "baú", o professor Alberto da Silva Neto, teu amigo e coorientando na pós-graduação e conhecedor com profundidade da tua criação, afinal, ele também era ator em "Hamlet: um extrato de nós", do qual foi objeto da tua pesquisa, ele nos fez partilhar de momentos bem particulares e poéticos uns com os outros e acredito que tenha cumprido com o "papel" de levar adiante a pesquisa de si para compor a cena e de pensar e (re) pensar a dramaturgia da cena, bem como, criar e compor novas dramaturgias ficcionais ou nem tão ficcionais assim.

De onde você vem? Impulsionou-me a iniciar a escrita a partir da vivência, e como ouvir histórias é teu foco de investigação, decidi te contar um fragmento de mim do qual fazes partes e que se transformou em cena da vida real. Depois, escrita da cena e agora é uma parte do meu "baú de memória" afectiva.

Quando te conheci já foi para a construção do pré-projeto de TCC, recordas? Na disciplina metodologia da pesquisa da Licenciatura em Teatro, ali, eu ainda estava construindo o caminho do que seria o meu trabalho de conclusão de curso, no princípio como havia acabado de tornar-me mãe e estagiava em uma academia voltada para gestantes e bebês, experimentando a linguagem do Teatro com musicalização para bebês.

Comecei a adaptar jogos teatrais para os bebês dos mil primeiros dias, e estavas comigo encaminhando esse processo junto com a Cláudia Gomes que havia acabado de chegar à Escola de Teatro, vocês foram comigo as responsáveis da materialidade para a pesquisa, e foi ali também que comecei a me entender como pesquisadora do meu fazer teatral.

Hoje, a maternidade e a pesquisa tomaram novos rumos que direcionaram meu olhar e concretizaram meu fazer, me sinto cada vez mais educadora e educanda dessa arte.

Essa imagem é do dia em que apresentei meu pré-projeto de TCC para ti, a Cláudia e meus colegas de turma de 2014, o título do meu pré-projeto era: Jogos teatrais para mães e bebês. Lembra disso? Fiz

uma apresentação prática da minha vivência e dos jogos teatrais que adaptei com a Catarina.

Sabe Wlad, encontrei com a obra de Espinosa a partir de Deleuze e Guattari no livro "Anti-édipo" trazendo assim os conceitos de Devir e Afecção. E, com a compreensão desses conceitos começo a ter um olhar afectivo e real dos acontecimentos em torno da vida e do mundo/teatro, assim como fortalecem de forma teórica o meu fazer.

Dia de apresentação do pré-projeto (eu e Catarina em sala)



FOTO: Self do arquivo pessoal, 2015

Vou caminhando na construção de mim, na disseminação do que faço e na criação da cena, das oficinas que ministro para as crianças de 2 a 6 anos de idade e para as mães com bebês de 0 a 2 anos, (pois, sim! aquele pré-projeto ganhou braços, pernas, e vida!) juntamente construímos jogos teatrais baseados principalmente na vivência, no lugar de

quem fala e de que vivenciou e vivencia com as filhas e que pouco a pouco vai aprendendo a transformar a si mesma e contribuindo para outro olhar acerca da linguagem Teatral.

E, podes ver um pouco desse trabalho nas minhas redes sociais, tem dois links que podes acessar para a constatação dessas atividades: o primeiro é na Livraria Fox, estava com minha parceira Ana Paula Castro, trabalhamos diversas vezes juntas e esse foi mais um deles ministrando vivencia Teatral para crianças de 3 a 6 anos de idade,

Bernard Freire quem fez a filmagem e edição: <https://www.instagram.com/p/B1Wjju8hODR/>.

O segundo é um registro das vivências de Teatro no Studio Levitá onde trabalhei por um ano: <https://www.instagram.com/p/B1WmxMeBhD9/>. Desse modo, vou me reconhecendo Educadora da Linguagem Teatral.

Com a palhaçaria tenho criado soluções em sala de aula e realizado nos espaços sociais da vida modos de jogar e criar novos cenários para pensar a própria linguagem do Teatro, com isso, precisas ver essa "live" que são transmissões ao vivo nas redes sociais da Nanna Chorona, minha palhaça que costura esses espaços e atravessa meu corpo devir, aqui está carregado de histórias com minha parceira e educanda de Teatro: Ingrid: <https://www.instagram.com/tv/CHdukhpj7L8/>.

Este corpo/materno/devir vai construindo cenas e cartas e com a palhaçaria busco proporcionar encontros com outros corpos e me permito afeccionar com esse mundo/Teatro para falar do meu "baú" da vida e cada vez mais guardar afetos, sensações e experiências.

Tenho dito que meu corpo é uma construção do que sou EU, e os encontros com pensadores e fazedores dessa arte e as minhas trajetórias pessoais vão compondo dramaturgias e criando cenas do mundo/teatro e isso são fragmentos da construção do pensamento/Eu com bases em afecções extraídas do corpo e vou compreendendo isso como menciona Deleuze e Guattari (1995, p. 21) a respeito do que é um rizoma:

"(...) O pensamento como rizoma, um pensamento que se faz múltiplo, que se quer com diferentes formas, subtrair o uno da multiplicidade a ser construída".

Poderia também fazendo analogia a esse meu Corpo/Devir/materno dizer que sou como uma criança recém-nascida que desde o primeiro momento da sua geração vai recebendo os estímulos externos e vai dando "luz" as suas sinapses que se encontram dentro de seu crânio em uma massa cinzenta e desse modo, vão construindo o Si. Compreende o que tento dizer?

A verdade que gerei e criei outros seres sejam eles sujeitos reais ou ficcionais, da mesma forma que eles me afetam e sou afetada, juntos vamos criando uma rede de relações.

É desse lugar que venho Wlad! O trajeto de descobrir que me levou a Licenciatura foi o mesmo que me tornou mãe e é o que me torna esse Ser/corpo/construção.

E nós? Hoje nos reencontramos na "Clínica do sensível", teu projeto extensionista com base na esquizoanálise, de modo sensível e com a arte, faz escuta desta vivência materna e do meu trajeto/corpo nesse lugar chamado Teatro e assim vais sendo "criadora-criatura" de "obras tecidas" a partir das "falas-retalhos" de outras histórias dos "baús" da vida e ao mesmo tempo conduzindo outros "criadores-criaturas" a construírem universos ficcionais a partir de sua dramaturgia pessoal e auxiliando nas construções e/ou (re) construções de si mesmo. Por tudo aqui dito, por ti só tenho Gratidão!

Com carinho, da Criadora-criatura materna,

Paula Barros.

1.3. Encontros e (des) encontros

Belém, feiches de sol com cheiro de folhagem seca de um ano encharcado dos dizeres sendo concretizados.

Querida Ivone,

Hoje acordei com o objetivo de recordar, ou posso dizer rememorar o trajeto do meu corpo/ser pelos espaços da vida. Então, não teve como deixar passar um momento em que fizeste parte e que marcaste minhas lembranças e afecionaste meu corpo. Sabe quando dizem que nada é por acaso? Pois é, não foste mero acaso. Imagino que deves está te perguntando como e o porquê, não é mesmo? Vou te contar.

Antes de ingressar na graduação de Licenciatura Plena em Teatro na Universidade Federal do Pará, devido a não aprovação no vestibular no ano de 2011 para o mesmo curso e a pressão familiar (mãe, avó e avô) por buscar como eles diziam uma "profissão", decidi cursar Serviço Social em uma Universidade particular a Faculdade Pan Amazônica - FAPAN, no entanto, não gostei da administração da faculdade, nem adaptei-me as disciplinas online, pois trinta por cento do curso era disponibilizado por Educação à distância- EAD, foi quando pedi transferência para a Universidade da Amazônia -

UNAMA lá pude ver como funcionava a escuta e o acolhimento de um profissional de serviço social e por fim, houve uma imersão do conhecimento, foi lá que iniciei leituras das obras dos pensadores filósofos, sociólogos e antropólogos como Marx weber (1864-1920), Karl Marx (1818-1883), Émile Durkheim (1858-1917), como doutora em Ciências Sociais sabes da importância e contribuição destes pensadores para a história, intervenção e formação do curso e do profissional de Serviço social. A verdade, que foi lá que iniciou o ciclo natural de conhecimento de uma graduação.

Foi lá também nos corredores da Universidade que te avistei pela primeira vez. Sempre ouvia dos educandos e até de outros educadores falarem o quanto era sabedora do teu fazer.

Quando te via fumando teu cigarro e conversando próximo a rampa de saída do bloco que não lembro a letra correspondente, aquele que tem a lanchonete sabe qual é, né? Eu te observava e não sei bem o porquê, talvez pela ideia que fazia do que era ou apenas por exercício mesmo da observação, afinal, costumo fazer isso de vez em quando com algumas pessoas, deve ser pelo exercício do meu fazer artístico.

Sei que começou assim, te observava de longe como um fruidor observa uma obra, tentava desvendar a pessoa por detrás do conhecimento e da profissional (hoje sei que quando exercitamos a profissão com amor, não existe separação do ser real para o ser

profissional, praticamos aquilo que nos afeta e nos move para frente, na tentativa de transformações, acredito que seja assim que pensas também).

Então, foi no auditório Benedito Mufarrej que pude compreender a obra/pessoa.

Não sei se recordas, mas deste uma palestra. O tema era algo relacionado à multiculturalidade e prática profissional na Amazônia, falaste sobre uma intervenção em uma comunidade ribeirinha, não recordo bem a história nos detalhes, mas sei que era relacionado ao trabalho infantil e que naquela região não havia muito que as crianças fazeres, portanto, fazia parte da rotina e até da cultura elas ajudarem a família no trabalho da subsistência.

Fizeste várias interpelações acerca do intervir nesse cotidiano e qual era a atitude correta que o profissional poderia tomar diante das circunstâncias, o fato que com a experiência que compartilhastes, poderíamos avaliar nossa atitude e o que cabe a instituição e ao Estado e até a nós mesmos quanto pessoa.

Ali soube o porquê das relações que faziam a ti, não tem hierarquia, não tem autoridade em relação ao que conheces, utilizas a fala e o conhecimento de forma horizontal, utilizas a empatia e hoje posso até dizer o "rapô" que é uma técnica de coaching para falar com grande público.

Ou mesmo posso relacionar ao encontro e estado de afecção, pois compreendo que afecção é a modificação de um determinado corpo em relação a outro corpo, desse modo, penso que a pessoa que és hoje parte da ideia desse princípio, dos encontros com outros corpos e das afecções que te atravessaram no decorrer da tua vida, posso também dizer como SILVA e GOMES no periódico Sul-Americano de Filosofia e Educação - RESAFE (2017, p.123):

"(...) Podemos inferir que é por meio dos encontros que se amplia a capacidade de pensar e de se movimentar; a cada encontro estabelecido, mais o corpo se afeta e produz novas imagens, logo, amplia sua consciência frente ao mundo/realidade. Com isso, é uma construção contínua no indivíduo, é um processo de vivência com encontros que produzirão novos conhecimentos ou não".

Penso também meu encontro contigo, esse modo corpo que se afeta e amplia meu olhar e conhecimento acerca do meu fazer e do meu mundo/teatro.

A verdade que falas a tua verdade (essência), és real e simples.

O que quero dizer é que te conheci antes da Licenciatura em Teatro e quando te vi pela segunda vez nos corredores da Escola de Teatro e dança da UFPA, não entendi o que fazia ali, até porque na minha pequenez e imaturidade achava que Teatro e Serviço Social não tinham nada a ver - ledor engano, são duas áreas politizadas e bastante questionadoras acerca do mundo, uma mostra, revela. A outra

cuida, assessora, ambas investigam, questionam e buscam solucionar e problematizar.

Penso até que posso comparar essas áreas de conhecimento a um rizoma, pois, são multiplicidades de pensamentos, investigações e ações, ambas lidam com os corpos e encontros que sofrem alterações (afecções), que no fim quer extrair o que há de melhor desse encontro, tornando a multiplicidade um e o um o que é múltiplo.

Não há fios soltos e nem sequer uma área que viva sem a outra (potências de agir e potências de compreender), assim como um ser não consegue viver isoladamente, assim as áreas de conhecimento das quais tenho me relacionado e vivido dialogam entre si, e mesmo que eu queira, durante meu percurso, a própria vida me encaminhou para áreas das quais permeio o agir social.

Um deles é a linguagem da palhaçaria. Que me permite adentrar os espaços da saúde promovendo uma educação transversal, do mesmo modo, em que potencializa meu corpo quanto educadora da linguagem teatral. Podes ver nesses links o meu corpo no espaço da educação promovendo arte, cuidado e potencializando o processo de pensar a educação e a linguagem do Teatro e da Palhaçaria.

O vídeo é com a Nanna Chorona em manifestação a educação. Faço referência a falas e posicionamentos violentos partindo do ministro da educação Milton Ribeiro que diz: "a vara da disciplina não pode ser afastada da nossa casa" em relação a educação de crianças com base

na punição, no ano de 2020, podes ler melhor em: <https://capricho.abril.com.br/>, e ver a Nanna em manifesto: <https://www.instagram.com/tv/CCxz9YhEY1/?hl=pt-br>.

A verdade que houve nosso encontro oficial, na sala de aula como educadora e educanda primeiro na disciplina de sociologia do teatro e no semestre seguinte TCC I e nesta última tivemos a oportunidade de nos conhecer melhor e te apresentei meu trabalho de conclusão de curso, ali nós trocamos, falamos sobre muitas coisas uma delas a maternidade e como boa socióloga, educadora, mãe, humana voltada para a cultura e a arte do conhecimento, me apresentastes possíveis escritores e pensadores que me auxiliariam na jornada da escrita de si, um deles foi Manoel de Barros que escreve cartas e olha que para eu chegar na decisão de escrita de cartas, nós (eu e minhas orientadoras a Cláudia e a Romana) percorremos os caminhos mais diversos da escrita desde gravar a minha fala para transcrever, até colocar a escrita na formalização acadêmica— me refiro a pesquisa em que nos colocamos distante do objeto, que de acordo com Sylvie Fortin e Pierre Gosselin (p. 05, 2014) podemos chamar de: positivista/quantitativo.

.Foi como tudo na minha vida, um processo longo e difícil, assim como a maternidade e escrever sobre isso foi mais complicado ainda, pois, a gente rememora momentos da vida, alguns bons, outros nem tanto, a gente na escrita precisa detalhar, dá a forma, a descrição, para

que o leitor possa compreender do que se trata, e como falar de si e dos sentimentos carregados na mente e no corpo?

Mas, tu já enxergavas, já lia naquele pequeno sumário comentado o trajeto deste corpo materno e compartilhavas com este corpo/eu as memórias, histórias, e afecções que me atravessavam.

Lembro que nosso último encontro éramos nós duas no auditório da ETDUFPA, que minha fala e lágrimas tocaram teu coração, choraste meu choro, abraçaste meu abraço e colaboraste nesta construção.

Portanto, não poderia deixar de te escrever e de enxergar, olhar para ti não só como educadora, pesquisadora, socióloga profissional que és, mas como a mãe e humana e com o grau de afecção que atravessaste na minha vida preciso te agradecer, pelos momentos partilhados e vividos juntas. Gratidão!

Falando sobre maternidade queria te contar sobre minha mãe. Quando estava nas aulas da Licenciatura em Teatro na disciplina de Dramaturgia do ator com o professor Paulo Santana, tivemos como conclusão da disciplina cenas que falavam sobre nós.

O título das apresentações foi: CICATRIZES. Com isso, minha cena foi sobre o adoecimento da minha mãe que foi diagnosticada a alguns anos com bipolaridade e ela não admite tratamento nem faz uso das medicações. Também é uma afecção do meu corpo, até fiz uma experimentação desse corpo e estado de alteração da minha mãe em

vídeo, vou compartilhar contigo um pouco desse corpo, clica aqui para abrir a pasta: https://drive.google.com/file/d/1RHySQKi8Yg_YXZemrEa7d4xjLVb-OL4S/view?usp=sharing

No momento uma cicatriz aberta e bem dolorosa. E para construirmos essa cena lemos um artigo de Jean -Luc Nancy um professor de filosofia da universidade de Estrasburgo em Paris, o título de seu artigo é "58 indícios sobre o corpo" e destes 58, escolhi três para falar sobre a cicatriz e a afecção que minha mãe causa no meu corpo e agora escolho um para expressar a afecção causada por ti a este corpo/eu. E escolhi (2012, p.43):

"3. Um corpo não é vazio. Está cheio de outros corpos, pedaços, órgãos, tecidos, rótulas, anéis, tubos, alavancas e foles. Também está cheio de si mesmo: é tudo o que é".

Acredito ser este corpo cheio de mim e de muitos outros corpos que me permito afecionar, atravessar para ser uma potência que age e afeciona outros corpos. Sou educadora, mas também sou eternamente educanda, estou construindo os passos da vida e este corpo cheio de outros e de si para olhar de outra maneira para a vida.

Juntos construímos presentes e futuros, pensamos e trocamos ideias, afetos, e muitas outras coisas. Então, essas afecções que transformam nosso ser que existe é o que quero! transformam? Sim! Transformam. Tenho me transformado (Devir) à medida que me afeto

e quando me acolheste e me afetaste tive a oportunidade de me enxergar como um ser poético e criador de muitos outros corpo/eus.

Tu minha querida educadora e socióloga desde o momento naquele auditório percebi que não eras comum, já eras da arte! Da humanização! Da maternidade e das possíveis afecções do mundo.

Sou grata a ti por olhar teus educandos como pessoas, de lhes possibilitar a liberdade de pensar e ser. Concluo com uma pequena frase de Paulo Freire e da sua pedagogia do oprimido:

“ninguém educa ninguém, como tampouco educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

Por tudo dito, muita gratidão, com carinho de

Paula Barros.

1.4. Afeto x afecção: Papo entre mulheres

Belém, um dia solitário de sentimentos confusos de um mês turbulento de um ano encharcado.

O ritmo da vida por aqui anda devagar. Devagar porque é um tempo curto para muitas tarefas e eu procrastinando quase todas. Tenho me sentido exausta, não de tantas atividades não realizadas, mas de muitos pensamentos conturbados. E a solidão? Tem me feito “companhia”.

Sabe Larissa, estive pensando sobre muitas coisas e na verdade nem sei por onde começar a falar, ou melhor, escrever. São muitos pensamentos, sentimentos não ordenados em mim. Uma inexatidão constante, não sei se a mais difícil, mas até então esta carta foi a que mais demorei a escrever, e a que mais tenho procrastinado. Tenho tantas coisas a dizer, vou tentar ser clara e organizada nos pensamentos. Tá?

Primeiramente vou começar pelo hoje! Estou saudosa minha avó completaria 71 anos de idade. Em junho deste ano ela completou um ano de falecida, e hoje também fazem exatos um mês que sonhei pela última vez com ela. No sonho chamava atenção, na verdade, dava uma bronca real nela, dizia que ela precisava se conformar com o que tinha e que precisava mudar de atitude porque não era mais hora de reclamar, falei isso porque já havia um tempo que sonhava com ela emburrada, como sou espírita acredito na veracidade com que vivencio meus sonhos. Por que te digo isso?

Porque lembro que um de nossos encontros na sala de aula te contei e dei satisfações da minha ausência, era a respeito também da minha avó e que dissestes que eu precisava fazer escolhas por mim e por essas mulheres que me cercavam, que estavam precisando de força e cuidado, mas principalmente que deveria cuidar de mim e decidi o que estava ao meu alcance.

Na verdade, isso foi o mínimo que disseste, naquele momento tuas palavras alimentaram minha autoestima e fortaleceram minha mente e corpo, mais que isso, imagina como sendo alguém que está à beira da morte, quando seu coração está parando e precisa de uma massagem cardíaca para retornar a vida ou o desfibrilador, aquele aparelho de choque para pulsar o coração, sabe? Pois é, lembrando agora das sensações eu quase que escuto aquele aparelho medidor do pulso cardíaco apitando em uníssono.

Me sentia como se estivesse perdendo as forças, não sobravam energias, elas simplesmente esvaíam-se. Ou posso também justificar as palavras através do afectar do corpo quanto potência de existir, como aborda Gilles Deleuze (1925-1995) no livro "Espinoza e o problema da expressão" (2017, p. 93) que:

"o entendimento tem tanta potência para conhecer quanto seus objetos para existir e agir; a potência de pensar e de conhecer não pode ser maior do que uma potência de existir, necessariamente correlativa" o que quero dizer com isso? Que o ato de pensar é uma afecção no corpo, e o corpo por si existe também quanto potência do conhecimento, logo, um não sendo maior que o outro, existem em correlação e se afectam pelo mundo.

Por mais, categórica que possa parecer as palavras para descrever a afecção de um mundo através de um corpo é a forma em palavra que consigo para expressar o existir e agir do corpo/eu. E, naquele momento

fortalecendo minha mente com tuas palavras, posso dizer que foste o desfibrilador a fazer meu corpo reagir.

Portanto, peço desculpas por não ter tanta familiaridade com as palavras. Bom, não sei se recordas, então vou te contar um pouco do que se passava comigo naquele momento.

Havia acabado de retornar às aulas, fiquei cerca de oito meses "desbloqueada" do semestre da universidade devido uma segunda gestação que me "obrigou" a tomar a decisão de não ir mais as aulas, meu corpo grávido não me correspondia, ele cansava rápido demais, me dava falta de ar e prendia minhas pernas, um corpo pesado de um outro corpo, pesado de uma gravidade que insistia em lembrar que sou matéria, um corpo que tirava de si os nutrientes para suprir um outro e que não se importava se isso o levaria a exaustão ou se de fato estava sendo dividido igualmente para que se pudesse suportar as quatro luas, nove meses ou quarenta semanas, o corpo apenas nutria o outro e correspondia a cada pedaço constituído do outro: coração, pulmão, membros, a formação do ser matéria (corpo desejanste?)

Desse modo, desisti de lutar contra ele e mentalmente respondi e aceitei seu pedido de não poder mais subir as escadas, de ouvir as aulas que não entravam na minha mente porque biologicamente aquilo não fazia sentido a ele.

E, rememorar esse corpo agora, depois de algumas leituras me faz associar ao corpo sem órgãos de Antonin Artaud (1896-1948) e o que reflete Deleuze e Guattari no *Anti-Édipo* (2010, p. 11) sobre o corpo-máquina com acoplamentos e produção desejante:

"Isso funciona em toda parte: às vezes sem parar, outras vezes descontinuamente. Isso respira, isso aquece, isso come. Isso caga, isso fode. (...) Há tão somente máquinas em toda a parte, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com seus acoplamentos, suas conexões. (...)"

O que não faz sentido a máquina, se não encaixa, não conecta, logo, não afecta.

' Então, fui a secretaria, havia feito solicitação de trancamento de matrícula fora do prazo e esperava uma resposta positiva visto que a situação era delicada, se tratando de uma gravidez de risco e de que já havia feito uso do atendimento domiciliar - uma lei (Lei Federal nº 6.202, aprovada em 1975) que ampara a estudante grávida, desde que apresente laudos médicos para isso.

Porém, não fui contemplada com uma resposta positiva. Devido a solicitação de trancamento FORA DO PRAZO, meu pedido foi indeferido, e naquele dia aceitei que seria reprovada e não cursaria mais. Ao menos aquele semestre. Sair da secretaria da ETDUFPA e fui

direto para a Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará - FSCMP, isso em uma quinta-feira à tarde por volta das 16h30.

E na sexta-feira às 7h30 da manhã do dia 20 de janeiro de 2017, nasceu de um parto natural a Helena minha segunda filha, nesse dia fomos só eu e o olhar assustado do meu companheiro, pois parir sozinha em uma das salas do bloco "PPP" da Santa Casa de Misericórdia do Pará. O médico duvidou que estava pra ter minha bebê, porque não gritava e não manifestava os "urros" de dor, por isso deixou-me parir sozinha, quando eu fiz a última força para expulsá-la do meu ventre e eu mesma a segurei com uma das mãos, lembro que meu esposo trancou a porta do quarto dizendo ao médico que não precisava mais que a criança havia nascido, o médico em desespero correu empurrando a porta e pegando em seguida a Helena e pondo em meu colo, veio tão apressadamente que não havia luvas, tesoura, nada para cortar o cordão umbilical ou fazer os procedimentos rotineiros depois do parto.

Ali naquele pequeno espaço de tempo e de lugar percebi algo mudar em mim mesma, aceitei meu corpo e o tempo de aquele ser vir até mim, afinal, não havia nada mais a se fazer, o novo **SER** chegara, de uma forma natural, orgânica, expulso, cuspidor "pela fenda saiu para a terra, pesado, ausente" (Paraíso Perdido: Adaptação do texto de Jonh Milton pela turma de 2009 do Curso livre infanto-juvenil da ETDUFPA)

E aceitei que agora não era mais uma e sim duas crianças, aceitei a ocitocina - o hormônio responsável pelo trabalho de parto e de levar até as glândulas mamárias o líquido necessário que alimenta o outro ser, "O seio é uma máquina que produz leite, e a boca, uma máquina acoplada a ela" (2010, p. 11) esse hormônio altera nosso humor, fez eu sentir tanto do primeiro parto quanto do segundo uma espécie de felicidade, algo que não sei bem explicar em palavras, mas que também pode ser confundido ou interpretado com prazer!

Isso prazer! sentir prazer (estado de afecção da máquina desejante?) em está ali e ter parido sozinha - na verdade descobri que a mulher não precisa de um médico para entender o seu corpo, não precisa de alguém para lhe dizer o que precisa fazer, nesse caminho descobrir que somos capazes de nos compreender (pensar, refletir sobre os estados do corpo), e que essa tarefa de compreensão de si e a própria maternidade é algo que se vivencia na solidão e isso me faz recordar o prefácio do livro "jogos para atores e não-atores" de Augusto Boal, onde ele conta a fábula de Xuá-Xuá que aborda sobre o ato dessa maternidade de observar a si e ao mundo justificando sua pesquisa sobre o ator e espectador, vale a pena dar uma lida e se quiseres também pode ler ao fim desse trabalho no "Mãe-Terra" que fala mais um pouco sobre essa potência de existir quanto espec-ator do teatro da vida e/ou mundo.

Penso que essa compreensão de si é aos poucos descoberta na dor, no caos, no estado de conflito consigo mesmo, e isso, é um estado permanente do corpo que existe, não há uma total compreensão, porque existe o conflito, pois como diz Deleuze e Guatarri (2010, p. 21):

"Entre as máquinas desejantes e o corpo sem órgãos surgem um conflito aparente. Cada conexão de máquinas, cada produção de máquina, cada ruído de máquina se tornou insuportável ao corpo sem órgãos"

Estes pensam e afirmam outras atribuições ao corpo e que nos coloca diante do outro e das relações e fatores sociais comparando ao *Capital* de Karl Marx (1818-1883).

Afirmam um seguinte (2010, p. 23):

"O capital é, sem dúvida, o corpo sem órgãos do capitalista, ou melhor, do ser capitalista. Mas, como tal, ele não é apenas substância fluida e petrificada do dinheiro: Ele produz a mais-valia, como o corpo sem órgãos se reproduz a si próprio, floresce e se estende até nos confins do universo; encarrega a máquina de fabricar uma mais-valia relativa, ao mesmo tempo em que nela se encarna como capital fixo. E é no capital que se engancham as máquinas e os agentes, de modo que seu próprio funcionamento [17] é miraculado por ele. É objetivamente que tudo parece produzido pelo capital enquanto quase-causa".

E para tentar falar desse corpo e do que acabei de abordar, vou colocar uma foto que penso representar a ideia desse corpo, de quando precisei levar as meninas para ministrar a aula de avaliação do estágio supervisionado II, que ocorreu na Casa dos Palhaços e que a Cláudia e a professora Olinda Charone me avaliaram. Cláudia quem tirou a foto, acredite eu estava passando uma aula avaliativa do estágio e essa é só uma das fotos:

Dia de estágio supervisionado II: ministrando aula



FOTO: GOMES, 2018

Aqui podes verificar a “Mais Valia” do meu corpo em estado de Devir.

Com isso, voltei para casa no dia seguinte, no sábado dia 21, algum tempo antes de parir havia ido morar com minha mãe, avó e irmão, pois quando me deparei com a realidade de uma segunda gestação, bem perto uma da outra, pois minha primeira filha tinha apenas dez meses e havia acabado de dar seus primeiros passos, achava que não dava conta e que precisava de ajuda, no entanto, não foi bem

o que aconteceu, porque minha avó acabava de perder o companheiro de quase cinqüenta anos de casados e que tinha uma doença chamada enfisema pulmonar, durante um período de vinte anos foi fumante passiva ao lado do meu avô que só parou depois de uma cirurgia no coração e quando ele faleceu a doença dela piorou, sabe aquela história de que quem cuida depois adocece? pois é! ela ficou cada vez mais com falta de ar a ponto de usar bombas de oxigênio em casa, ela tentava me ajudar com a Catarina (minha primeira filha) ou tentava cozinhar, mas acabava por deixar as coisas pela metade devido as crises de falta de ar.

Ainda tinha minha mãe que a mais ou menos dez anos foi diagnosticada com bipolaridade, o grande problema é a recusa dela no tratamento, não fazia e nem faz o uso das medicações tampouco aceita o adoecimento, o que agrava o caso.

Quando eu e meu companheiro aceitamos o pedido delas de retornar a casa, parecia a melhor das opções, economizaria dinheiro e teria a assistência delas, logo percebemos a insensatez da escolha.

Meu companheiro ficou desempregado e estava no último ano de faculdade e assim acabamos por depender delas financeiramente - minha avó era pensionista do meu avô e minha mãe funcionária pública concursada, mesmo com licença médica, recebia seu dinheiro, ainda tinha meu irmão estava empregado em uma empresa de logística, então, alimentação não era um problema, pagar as contas,

também não, mas com quinze dias de "parida" eu já varria casa, cuidava das duas filhas, da minha avó que precisava de cuidados para fazer uso das medicações e do oxigênio, tinha minha mãe que a maioria das vezes estava em inércia, trancada até tarde no quarto, quando saía era para gritar ou brigar com alguém, falava coisas sem nexos e perturbava a minha avó dizendo que ela havia deixado ela ser estuprada quando criança, e ainda tinha o cachorro do meu irmão porque ele saía para trabalhar e estudar e o cachorro ficava pra eu alimentar, dar banho, etc.

Meu companheiro e eu éramos os empregados da casa, fazíamos as compras, o almoço, podés até dizer que é o mínimo que se espera,

Depois de chegar de uma animação



FOTO:BARROS, 2017

né? tendo em vista, que só nós não ajudávamos financeiramente, mas a questão era que ouvíamos muitos desaforos, minha mãe começou a dizer que ele estava de caso com a vizinha e a querer sem razões palpáveis e coerentes que ele me deixasse, tudo isso não era saudável para nós e nem para nossas filhas. Não que não tivesse bons momentos, mas na grande maioria era estressante e desgastante físico e emocionalmente, precisar do outro é algo muito difícil e quando o outro não tem seu equilíbrio mental, é pior ainda.

Nesse tempo minhas linhas de fuga foi ganhar dinheiro divulgando em aplicativos, serviço de animações de festas com minha palhaça, também aceitei o convite de um amigo o Kevin Braga para fazer o espetáculo "Asas de Belém" que estava na sua terceira temporada, e que nas temporadas anteriores estava com a Catarina nos ensaios e nas apresentações, e, agora era a Helena quem participava.

Fiz dessas duas coisas motivos para não parar totalmente ou de alguma maneira me alimentar de coisas para além da maternidade e dos serviços de casa.

Antes da apresentação do espetáculo



FOTO: Patrícia Zullu, 2015

Essa foto de antes do espetáculo é de uma temporada que participei com a Catarina, e coloquei para representar, porque infelizmente não tenho arquivos do tempo em que frequentei com a Helena, ao menos não com ela no colo, penso que isso quer dizer alguma coisa. Foi um período complicado, principalmente porque parei a universidade não era o que eu desejava e nem esperava. Quando retornei por muita força de vontade, pois todos achavam que era loucura minha sair com duas crianças para a aula, os conselhos eram sempre os mesmos, que eu precisava está em casa para cuidar das minhas filhas - a questão era eu! Quem cuidava de mim? E quem se importava para o que eu queria? E o que eu realmente achava importante?

O fato foi que a matrícula abriu no sistema da universidade e decidi retornar, seja lá como fosse. Retornei em uma turma nova, com outras pessoas que pouco sabiam de mim e eu delas, tudo era desconhecido e novo novamente, estava com medo e insegura, aliás, como havia sido nos últimos oito meses, sabe aquela mudança que falei a respeito do prazer? ele foi momentâneo, ora ou outra ele aparecia, mas quando ele desaparecia e a insegurança e medo batiam a minha porta eu ficava esgotada, no sentido literal da palavra, e quem me viu nesse período, sabe do que estou falando.

Já não era a mesma de antes e nem a mesma da primeira maternidade, que conseguia administrar o tempo e conseguia levar a cria para todos os cantos, conseguia viver tranquila e decidida diante das situações difíceis.

Tinha medo de deixar a minha filha mais velha com a minha mãe, tinha as minhas razões. Estava cega para fazer algo por mim e para mudar minha situação que só pensava em como eu daria conta de manter a universidade, não me atentei ao meu companheiro que finalizava o semestre e o TCC ele precisava de apoio e tudo que eu conseguia transmitir era problema e incompreensão, exigia atenção maior e que ele se importasse comigo e com o que queria, fui egoísta e irracional, estava doente e isso levou um tempo para eu perceber.

Retornei as aulas e estava com dificuldades de decidir o que fazer para manter, achava que meu companheiro tinha que deixar as

aulas dele para eu ir para a minha, não queria deixar com a minha mãe, as vezes ia com as duas e as vezes me faltava a disposição para manter minha decisão.

E esse era mais ou menos a cena da vida em que eu não conseguia protagonizar para que chegasse ao fim, e quando no final da aula da disciplina exercício da cena II, em que falei contigo sobre os últimos acontecimentos, me deste um apoio da palavra, da força, me orientaste a procurar pela Andréia Flores, pois ela é terapeuta ocupacional e também poderia auxiliar na minha pesquisa de TCC, pois também te falei das metodologias criadas por mim através dos jogos teatrais com minhas filhas, e ali foi um momento crucial no meu caminho, fui encontrando forças para construir ou (re)construir a mim.

E isso, me traz também uma ideia de potência desta vez a potência de compreender, de acordo com Gilles Deleuze ainda na obra "Espinoza e o Problema da expressão", faz apanhados sobre o entendimento de expressão e ideia a partir de Espinoza e ele diz um seguinte:

"(...)Vimos que a ideia da ideia se distinguiu da ideia, desde que conectássemos esta, no seu formal, à potência de existir, e aquela, no seu ser objetivo, à potência de pensar. Porém, de um outro ponto de vista, a ideia tomada no seu ser formal já se conecta à potência de pensar. Com efeito, o ser formal da ideia é sua existência no atributo do pensamento. Ora esse atributo não é somente um gênero de

existência, é também a condição sob a qual alguma coisa é conectada a uma potência de pensar, de compreender ou de conhecer".

Digo isso, pelo o que sou eu e do trajeto construído pelo tempo da vida seja no teatro ou no cotidiano, ou simplesmente do que chamo de mundo/teatro onde as sinapses fazem um percurso na minha vida e no corpo e de como esse corpo é afetado e construído nesses espaços da vida, logo, podemos compreender essa potência do ser que compreende a potência do existir, a partir, da potência de compreender.

Interligações de um corpo em construção digo isso também para tecer a ideia da construção da minha pesquisa de TCC e que estão conectadas ou compreendidas neste corpo Devir da mãe, atriz e palhaça. E, tudo isso não está distante do que citei também mais acima, na verdade, é quase que a mesma coisa, não é mesmo?

Depois, desse dia Larissa, me senti mais à vontade para estar em sala, deixei de me culpar pelas escolhas que fiz, aceitei a ajuda de um colega de turma bem querido o Jonilson, que me deu forças também, acredito que de uma maneira impensada, acho que faz parte dele ajudar, pois, me mandava as datas e trabalhos por mensagens de celular, me lembrava e atualizava-me de tudo que acontecia nas aulas e sempre conversava comigo em sala, pode não parecer nada, mais ele foi quem me ajudou a não esmorecer no caminho, as vezes me sentia deslocada da turma e ele vinha, sem maldade com o coração aberto e sempre disponível quando precisava.

Quando sentia as energias um pouco recarregadas levava as duas para a aula, quando apertava a situação deixava a maior com minha mãe mesmo, ou as vezes meu companheiro não tinha aula e ficava com as duas, quando não, um levava uma e o outro levava a outra, e assim seguimos, ou melhor, nos adaptamos. Nem sempre com muita vontade e disposição, porém, com a convicção que queria me formar, hoje já não sei se isso (diploma) realmente importa, sabe? O caminho foi tão duro e o tempo o senhor das causas potentes do meu ser que agora que estou prestes a concluir de fato, me sinto mais forte, me sinto novamente inspirada a continuar seja lá como for, sei que para ti pode parecer romântico e tolo, mas o que quero dizer que esse caminho não foi um mar de rosas, no entanto, eu dei o melhor e o pior de mim, e foi ele que me fez pensar, compreender ou existir as potências das minhas escolhas.

Digo que podes achar romântico, porque me afeccionastes com tuas palavras não somente uma, mas duas vezes, lembra do dia em que fui a tua casa que a Cláudia marcou orientação comigo lá? Cláudia e eu sentamos na tua mesa, pintavas as laterais da tua escada com uma cor amarela, enquanto fazias isso, eu lia minha escrita de TCC para Cláudia, estava em outro processo, tinha outro título, mais ainda falava sobre meu corpo e minha maternidade me cortou várias vezes me dando choques de realidades, dizias que escrevia de maneira generalizada, como se fosse lindo, romântico e cheio de flores a

maternidade, que estava escrevendo como se todas as mulheres devessem passar por ela para se tornarem mulheres, dissestes que não me reconhecia naquela escrita, que eu falava de um corpo sem órgãos e que isso era Antonin Artaud (1896-1948), e não era nada lindo daquele jeito, claro, não recordo tudo ao pé da letra, no entanto, me serviu bastante teus puxões de orelha, e teu olhar sobre o que escrevi.

Novamente tive uma potência de agir, diante de uma potência de compreender, logo, existir, e aqui estamos, em um modelo de carta para relatar esses encontros afecionados, e a parte real desse corpo que existe.

Tua fala me afetou e de acordo com Espinosa afetar é o estado do corpo em que ele afeta e é afetado por outro ser e dentro das ordens da natureza dos afetos possíveis estão os sentidos, afecções do que é conduzido do outro até você, resultando em alterações, mudanças no estado do corpo, desse modo, houve uma afetação na minha escrita, compreensão de mim e na minha potência de existir.

Não que já não existisse antes, sim existia, mais queria colocar na escrita a parte idealizada, aquela parte do prazer que citei antes, a parte que superamos e gostamos, não queria mexer nas feridas, não queria que ninguém soubesse das minhas fraquezas, no entanto, quanta compreensão de um corpo sem órgãos a partir de Artaud sabemos que não é organizado de forma natural.

Porém, é produção de afecção da máquina-corpo, é natureza e tem potência de criar realidades. Como ser humano é parte integrante dessa natureza, logo, também é criador. Criador não só das relações com o meio, mas também consigo mesmo.

Diante desse corpo sem órgãos existe a razão, portanto, compreendo o que disseste a respeito do meu texto, pois, ele estava em um mundo ideal, não existente, e quando se idealiza se perde a potência de existir e naquele texto havia perdido toda a potência extraída da realidade vivenciada por mim, logo, não extraia o necessário para criar uma pesquisa que se dialoga com a minha realidade do corpo em construção.

Saí da tua casa revigorada de energias para transformar a realidade em que existia minha escrita. E com dúvidas que teria que responder ou não na construção deste corpo/trabalho, são elas: Como essas afecções se costuram e atravessam por mim para a construção de mim mesma? Como trabalhar esses afetos do corpo/eu para o corpo/construção da escrita? E foi assim que fui criando a potência deste corpo em construção, a partir das cartas e das bricolagens dos afetos vivenciados por mim ao longo dos últimos cinco anos de maternidade no espaço do Teatro e com o Teatro e a palhaçaria.

Uma dessas potencialidades podes verificar nesse link, onde escrevo uma carta voltada para o Dia das Mães falando sobre o que é ser mãe para mim, convidada da Conecta afeto que é uma causa

voltada para empreendedorismo materno. (<https://www.instagram.com/tv/Bz6bGihZWT/?hl=pt-br>) Tu és um afeto não só querido, mais sentido e transformador da minha existência.

Por ti e tuas palavras tenho gratidão, e um carinho que nem sei expressar o tamanho.

Com afeto da mãe e mulher

Paula Barros.

1.5 Criando soluções

Marituba, fim de tarde depois da chuva, de um dia otimista de um ano encharcado.

Querida Flores, te escrevo porque quero compartilhar contigo um pouco do que aprendi e construir a partir do nosso encontro na sala dos professores, em um dia que não lembro qual, do ano de dois mil e dezessete, também não sei se lembra, se não lembra quero te fazer rememorar.

Ia à Escola de Teatro e dança da UFPA, para assistir a aula, nesse dia específico fui mais cedo para concluir um trabalho, acabei indo na sala dos professores procurar por uma colega, por sorte te encontrei, e como já havia falado com a Larissa Latif, que me indicou ter uma conversa contigo.

Também foi através dela que soube que uma das tuas formações é na Terapia Ocupacional, desse modo, aproveitei o momento e sentei para conversar contigo, te contei um pouco de mim e o que estava passando em casa com minhas filhas, a dificuldade que encontrava para dar continuidade também a minha pesquisa, me falaste sobre tua irmã que tinha gêmeos e dos enfrentamentos que vivenciava um pouco com ela, ali me sugeriu ir até a Santa casa de misericórdia do Pará - FSCMP vê se não havia uma forma de aproximação para continuar minha pesquisa, quem sabe uma bolsa auxílio para continuar na caminhada da universidade.

Pois bem, foi lá que fui parar, pedi a minha mãe que estava "lotada" naquela época dentro do Comitê de Humanização da FSCMP - ela é funcionária pública concursada, para me fazer conhecer alguém que pudesse me auxiliar na minha pesquisa ou quem sabe um estágio, ela me apresentou a Clévia Dantas Terapeuta Ocupacional, coordenadora do Comitê de Humanização e membro da Câmara técnica de Humanização do Pará.

Eu e Clévia nos 2 anos da Catarina no comitê



FOTO: RIBEIRO, 2017

Ali não consegui um estágio, nem remuneração, muito menos dar

continuidade a minha pesquisa sobre a maternidade, mas me tornei voluntária e conheci a Política nacional de Humanização – PNH, descobri meu fazer artístico como potência de transformação social, descobri que o Teatro tem mil possibilidades de atuação e intervenção, descobri o fazer do Teatro do oprimido, descobri minha potência política e humanizada.

Descobri também que o Teatro é um dispositivo tecnológico leve para se produzir saúde.

Resumidamente posso dizer que utilizamos as linguagens artísticas (dança, música, teatro, palhaçaria e artes visuais) como um caminho possível de estabelecer relações e aproximar os usuários e servidores da área da saúde para resolução de problemas existentes no ambiente hospitalar, também serve como métodos e técnicas de aprendizagem e reconhecimento dos conhecimentos específicos da Organização Mundial da saúde – OMS, um exemplo dessa técnica foi a “Hora do Mamaço” no ano de 2018, no gasômetro, onde fiz uma apresentação com o título de Nanna Show, onde representávamos um talk show teatral (uma espécie de programa ao vivo) para falar sobre a amamentação.

Lá fiz minha última prática de estágio o que me rendeu duas comunicações e um relatório. Ou seja, não foi nada do que pensei ou planejei, mais foi o que era para ter sido. Como antes da Licenciatura em teatro, cursei Serviço Social, tive a oportunidade de repensar

minha vida e as escolhas que fiz, percebi que de alguma maneira o serviço social ainda reverbera no meu corpo, não como atuação profissional, mas, como atuação política e de cidadania que exerço e implicada com o meu fazer artístico, agora como educadora da linguagem teatral. E, existe o registro desse corpo da Nanna nesses espaços podes ver aqui: <https://www.facebook.com/NannaChorona/posts/246994749519192> ou aqui: <https://www.facebook.com/photo?fbid=1376989895748642&set=t.100003900276723>

Lá naquele hospital, me percebi uma artista multi, "brinquei" de ser médica, terapeuta, enfermeira, lavadeira, cozinheira, usuária do SUS - Sistema único de Saúde e com tudo isso fui a única coisa que poderia ser: PALHAÇA!

Ação Voluntarização na Santa Casa



FOTO: BASTOS, 2018

Foi com a palhaçaria que adentrei aquele espaço, é com a palhaçaria que sou reconhecida com o meu fazer, e é com ela que (re)significo aquele espaço hospitalar e por muitas vezes os da vida daquelas pessoas que transitam naquele espaço, ou como friza a PNH - a gente pensa na ambiência que é criar espaços saudáveis,

confortáveis que possam proporcionar mudanças no processo de trabalho e no encontro com as pessoas.

Com as linguagens das artes, nós (voluntários do comitê de Humanização) utilizamos como um dispositivo tecnológico leve de aproximação, empatia, reconhecimento para se produzir saúde e garantir o acolhimento, gestão participativa e cogestão, ambiência, clínica ampliada e compartilhada, valorização do trabalhador e a defesa dos direitos aos usuários como preconiza as diretrizes da Política nacional de Humanização - PNH (2013).

E tudo isso, também pautada na construção da personagem palhaço, dentro desse espaço e da descoberta desse corpo diante das realidades do território (dentro da saúde e da PNH assim como no Serviço Social, reconhecemos o lugar e/ou espaço como territorialidade) de como esse corpo do personagem palhaço vai reagir, improvisar diante dos desafios colocados de um espaço de dor e sofrimento e como é essa criação.

Como Andreia Pântano no livro "A personagem palhaço" (2007) aborda muito sobre a construção deste pautadas na singularidade do sujeito artista e na liberdade de criação e como essa arte tem como potencialidade de transformação da pessoa e do social me assegura a sua fala e sua abordagem histórica sobre, para me reconhecer na construção desse corpo/afeto/potência que é a Nanna Chorona no

espaço da saúde e do encontro dela com os corpos que ocupam aquele território.

Então, lemos na página 18 do livro supracitado:

"Dessa forma, a atividade de criação guiada pela liberdade, tornaria possível a exteriorização não apenas da realidade percebida pelo indivíduo, mas também das potencialidades das quais os indivíduos são portadores. Assim a arte permite vislumbrar a transformação dos indivíduos e/ou sociedade. Nesse sentido, a arte também assumiria seu caráter revolucionário ao sensibilizar o homem para uma mudança real das atuais condições de existência. Libertando-o da reificação que acaba por absorver sua própria subjetividade".

Como boa atriz-palhaça que és vindo de alguma maneira desse lugar da Terapia Ocupacional e agora com pesquisas que direcionam esse olhar para o cuidado de si com imersão na arte, acredito que sabes o que quero dizer.

De algum modo a vida nos encaminha a trilhar um destino, e que esse destino nos é guiado através das escolhas e compreensão de si mesmo. Essa carta, por exemplo, não é só uma mera descrição da aprendizagem cognitiva de um conteúdo, nem somente um compartilhamento dos acontecimentos da vida, mas é também como um corpo pode afetar o outro.

A Larissa me afetou com palavras de incentivo e me encaminhou a ti, e tu me aconselhaste e acalmaste a tempestade que estava em mim.

Naquele dia em que fui falar contigo estava me sentindo cheia de incertezas e com tua calma e empatia, me direcionaste acalmando a tempestade que estava em mim, me afetaste! Logo, encontrei um lugar, para com a arte afetar muitos outros corpos e me permitir afetar por aquelas realidades, lá vi muitas pessoas chorar, crianças por detrás de máquinas de transfusão de sangue sorrir, lá abracei corpos doentes e esguios de desnutrição, olhei nos olhos de mulheres "peladas" de beleza física, escalpeladas tanto da cabeça quanto do coração, vi profissionais frios e desumanizados, também vi profissionais transformadores da realidade que lutam por uma participação efetiva social e que protagonizam sua realidade, vi mulheres e mães abdicarem de sua vida para dar a todo custo saúde aos seus filhos e ainda sorrir com isso, assim também como conheci filhos abandonados pelas mães e que hoje residem naquele lugar e que tem a equipe de enfermagem e o auxílio financeiro do Estado sua única família e possibilidade de viver.

Permitir me afetar porque tudo que está para fora de mim e faz parte do contexto da natureza e do outro de existir no mundo e do qual eu não tenho controle -O espaço hospitalar e aquelas pessoas fizeram eu perceber minha limitação humana, me causou uma alteração no meu modo de comportamento diante da vida, pois, parei

mais de reclamar e comecei a pensar nas possibilidades que estavam ao meu alcance de gerir uma mudança, primeiramente em mim.

Afetar o outro porque com a linguagem da palhaçaria criei potências de pensar a realidade da gestão hospitalar, criei esquetes para falar das realidades do Sistema Único de Saúde de modo bem singular e risível, descobrir o corpo da palhaça Nanna Chorona na saúde e como esse corpo no encontro com o outro podem ser esse dispositivo tecnológico leve para produzir saúde e bem-estar como prevê a PNH.

E isso, tu podes ler tanto no meu relatório de estágio, quanto ver vídeos na minha página nas redes sociais da Nanna Chorona ou em mais um link nas redes sociais do meu trabalho: <https://www.instagram.com/tv/CAghxzwhUrZ/> e <https://www.instagram.com/tv/CEffGdwDRcv/>

Ou simplesmente podes me convidar para com a palhaça mostrar na prática essa vivência e trocar contigo as aprendizagens de um voluntariado de dois anos.

Já é fim de tarde e tenho que ir buscar minhas filhas na creche, cumprir com o meu papel da maternidade e está de corpo presente para os dois pequenos corpos delas, pois como sabes, elas ainda utilizam uma parte das sinapses bem primitiva e que só são ativadas através da afecção do corpo do outro.

Então, como fiz parte da oficina de animalidade do corpo contigo pela Clínica do sensível da professora Wlad Lima quero hoje te dizer que o Teatro e a palhaçaria, assim como a maternidade fazem meu corpo estarem frequentemente em estado de Devir, transformações que são ativadas com a potência de existir no mundo/teatro e que como disse mais acima, me fazem descobrir cada dia potência da minha linguagem teatral, é com Augusto Boal que quero finalizar a escrita dessa carta, porque é nele que se exprime a prática de observar e protagonizar ao mesmo tempo, e é ele que associa a maternidade como o princípio não só da humanidade, mais do Teatro!

Portanto, ele diz no seu livro "jogos para atores e não-atores" (2007) que:

"A teatralidade é essencialmente humana. todo mundo tem dentro de si o ator e espectador. Representar num "espaço estético", seja na rua ou no palco, dá maior capacidade de auto-observação. Por isso é político e terapêutico".

E quero falar mais de Boal porque faço dele a água que alimenta meu corpo de Educadora, mãe, atriz e palhaça e para tanto, posso dizer que também é uma afecção desse corpo e compreendo seu dizer como práticas (potências de agir) para exercer nesse meu mundo/teatro. Logo, ainda no livro "Jogos para atores e não-atores" (2007):

" Creio que o Teatro deve trazer felicidade, deve ajudar-nos a conhecer melhor a nós mesmos e ao nosso tempo. O nosso desejo é o de

melhor conhecer o mundo que habitamos, para que possamos transformá-lo da melhor maneira".

E assim, finalizo essa carta quase em cima da hora de buscar as meninas, mas que não posso deixar de te agradecer pela escuta, por confiar meu trabalho a tua irmã, porque teus sobrinhos participaram das vivências teatrais que eu e a Ana Paula Castro ministramos na Livraria Fox, e foi maravilhoso conhecê-los, conversar com tua irmã e partilhar com ela as vivências maternas que nos são tão comuns, podes também ver as fotos e registro desse dia nesse corpo em construção na carta 1.3, página 49.

Por fim quero cada vez mais, mesmo que de vez em quando poder compartilhar de mais coisas contigo, seja da palhaçaria, da maternidade, da saúde ou simplesmente do cotidiano, te tenho muito apreço e graça.

Com muito amor, riso e empatia da mãe e palhaça,

Paula Barros.

1.7 Ação cretina: construindo relações

Betém, noite de céu estrelado, de um dia que foi atropelado de um ano ainda encharcado quase transbordando de tantos não fatos.

Hoje, escrevo da minha sala bem no meio da madrugada. Início especificamente às 0h19 minutos, estou em um daqueles dias que quero falar demais e nem sei por onde começar, então lembro de ti

Edson, das nossas conversas pelas redes sociais das quais eram cheias de cobranças pela escrita de críticas das quais quase sempre atrasava o prazo de entrega, já era tua bolsista e “pegava no meu pé”, quase como uma assombração, alguns colegas diriam, mas como esperar outra coisa de um cretino, não é mesmo?

Esse ano me declarei dizendo que estava com saudades das tuas “esculhambações” e me vieste com a retruca de que fazes “esculhambações” online.

Como boa Cretina sei que essas “esculhambações” não passam de verdades, sem máscaras, sem rodeios, sem censuras na fala ou no corpo, afinal, acredito teres deixado bem claro a frase de Nelson Rodrigues: “Ao cretino fundamental nem água”, nos periódicos “TRIBUNA DO CRETINO: revista de crítica em teatro e dança”, mais especificamente na revista de nº1, v 1, onde falas sobre o que consideras prática artística cretina de práticas sem fundamentação e sem critérios estabelecidos, apenas utilizando os elementos de encenação e limitados aos elementos da linguagem artísticas e que depois disso como prevenção “da arrogância e da prepotência que possa estar oculta nas entrelinhas” assumes a cretinice.

Digo corpo porque meu primeiro encontro contigo ficou marcado no meu corpo. Devido o despertar, ou o descobrir de uma cicatriz. Era 2014 e as aulas da disciplina “modos de ver”, uma das duas que tinhas de lecionar para minha turma e todos achavam um professor

ruim, chato ou rígido demais já que éramos calouros, esses eram os termos falados por alguns colegas. Hoje percebo que de imaturidade e desconhecimento do mundo. A grande questão era que em uma das aulas nos levaste um documentário do Pink Floyd, tínhamos que assistir e escolher algo que nos chamou atenção e discorrer um artigo sobre.

Escolhi o Muro, um muro que agora não recordo bem, o que lembro é que o muro aparecia em meio a rosas vermelhas ao som de um piano e ruídos de vidros quebrados. Descrevi sobre o que sentia ao ver a imagem e acabou surgindo algo revelador de mim.

O MURO! Este muro que mal sabia eu da existência e negava perceber o muro do pudor do meu corpo, de expô-lo nu diante de uma plateia. Esse foi e é um grande motivo por nunca ter escolhido fazer o curso técnico - e tu foste o mestre, o educador que sem as máscaras viraste e me disseste: "isso não é um muro é um pudor da porra! que decidiste deixar aí, por que não continua o texto? Por que para no muro, no momento, em que precisas revelar? Estás sendo econômica nas palavras".

Confesso que até hoje tenho colocado e preservado os muros e economizado na escrita.

A Cláudia e a Romana coitadas têm sofrido comigo, tenho escondido as feridas e tento colocar curativos nas que estão muito abertas. Tenho sido cretina comigo mesma!

Mas, me sinto livre para te falar, me sinto nua e tudo bem porque um bom Cretino fala - escreve, ou como dizes na apresentação do periódico de volume 1, nº2: "seleciona, quebra, dividi, julga, faz uma análise rigorosa" e completo a partir de sua fruição, de forma contextualizada, da sua vivência de mundo, do lugar da fala!

Então, depois de surgir esse muro, sugeriste o espetáculo: "Santa pocilga de misericórdia" uma dramaturgia de Rodrigo Barata, sendo um projeto de criação/experimentação em Teatro que foi contemplado pelo edital 2014 do Instituto de Artes do Pará (IAP), que teve estreia no porão da Universidade Popular (Unipop). A intenção ao assistir ao espetáculo era principalmente, ver se a obra teria a ver com a nudez dos atores, e qual seria minha reação diante dos corpos despidos.

O espetáculo era feito por homens e falava sobre homossexualidade, havia falos por todos os lados.

O Título do meu texto foi: "ROMPER", e coloquei o significado de acordo com o dicionário online que é: "Desfazer a integridade de algo; fazer cessar (Estado, condição, etc) Desfazer ou desrespeitar (Algum tipo de acordo, Compromisso ou relação com outra pessoa) cessar, terminar; manifestar subitamente (sentimento)". O texto era esse:

Um muro de pudor. Não sou "livre" para fazer a arte com o corpo nu, não sei exatamente como isso surgiu, pode ser por uma questão moral, que não entendo bem que seja, mas é um fato. Ou apenas um PUDOR. O que sei é que para eu fazer isso é romper-me.

Questiono, qual é a forma de teatro que vivo ou defendo? Ao meu modo de ver o teatro me serve como ferramenta (acrescento agora, que tenho ciência de que o Teatro é uma linguagem, para além da ferramenta, no entanto, era o ano de 2016. Hoje posso dizer que o teatro pode ser um dispositivo tecnológico leve, para a garantia da forma e do modo do SER, de viver na natureza e no social), ou seja, pretendo com esse conhecimento que está sendo adquirido ensinar (hoje digo: o educar, trocar, permitir) especialmente as crianças um olhar crítico (e humano) do que estamos vivenciando, para que eles possam fazer um novo amanhã, um projeto que ainda está em construção, (processo criativo do SER EU - eternamente sendo construído) no entanto, sei o quanto todas as expressões são importantes, mesmo aquelas que são apresentadas nuas, porém ao meu olhar hoje me pergunto se isso é exagero, apelação, ou de fato uma representação pensada, para mostrar a sociedade o que ela não quer ver?, em alguns casos sim. E aí, eu? não sei até que ponto seria capaz de tirar a roupa em defesa da minha arte, e expressão, por que será que me representa? ou represento? Ou terei que representar?

Hoje reconheço esse muro sendo MUITO pudor! por dois fatos: o primeiro social. Historicamente violentado por uma colônia do falo. Vidas roubadas no silêncio ensurdecido dos porões. Vidas afectadas por moedas de troca, compra, venda, compra, venda, compra, venda, consumo, vendo, compro, consumo. Após, muita luta e resistência, o GOLPE, tentativa de silenciar o canto, o ato, a estética, a poesia e as

linguagens que falam os corpos e línguas - NÓS. Que quanto causa do existir ecoavam por entre a natureza, se fazendo potência ativa e adequada. E o ciclo parece ainda repetir o passado ao mesmo tempo em que resiste em parte para seguir o futuro.

A segunda: Familiar. Que não está distante da primeira, e é tão oprimida quanto opressora, devido a uma causa histórica e social, e, claro, a ignorância: que posso falar quanto dois significados: o de não conhecer e/ou não estar a par, e o outro, no sentido de não querer e ignorar o fato ocorrido, que só enxerga para o que está próximo, e sim, isso, penso ocorrer na minha família com alguns.

Então, fui silenciada a conhecer meu próprio corpo. Quando pequena me tocar era depravação, recebia olhares de reprovação, e perguntar como nasciam os bebês era um tabu, pois, não era coisa de criança! e se dependesse dos meus avós para falar sobre sexo, com certeza eu viraria freira.

Qualquer coisa que se relacionasse no meu corpo era escondida, me colocavam muito medo para me mostrar, porque as pessoas podiam olhar, digo, que me vestia para os outros e não para mim, fui educada que devia esconder meu corpo. Minha avó reclamava, porque tinha (tenho) o peito grande, ela comprava roupas fechadas demais, para esconder meus peitos, na adolescência isso era muito visível, porque não me vestia como minhas primas, era tudo muito longo e da vontade dela, confesso que até hoje nem sei dizer exatamente qual é o meu

estilo de vestir, porque não passei pelo processo de escolher minha roupa, hoje quando tenho e posso escolher sempre acabo me fechando mais, e medindo o que vestir, amo vermelho e cores, mas acabo por escolher as cores mais monocromáticas, as roupas curtas, só vieram mesmo depois da gravidez.

Biquini, só usava a parte de cima porque tinha vergonha de me mostrar, tinha vergonha de exibir minha barriga e bunda, ficava sempre com shorts de cintura alta e com as pernas até próximo o joelho até meu cabelo era um problema, tinha que prender sempre, porque ela dizia que ficava parece uma "monga" com o cabelo solto.

Ao crescer fui percebendo que na verdade meu cabelo era uma parte de mim que importava e definia meu rosto, era bonito e chamava muita atenção. Por isso, ela preferia que eu escondesse. No mundo em que vivo, aprendi a esconder, a suprimir meus desejos porque sou uma menina! nasci com uma VAGINA e isso é um problema, porque qualquer pedaço de mim que mostro é usado contra mim, PUTA! é o que sou quando revelo qualquer pedaço do meu corpo, porque o homem (e até mulheres) pode nos romper, rasgar, desrespeitar. Pode?

O Teatro que vivo e defendo é o da condição humana! é o de SER, exprimir, sentir, cortar, romper (com os paradigmas, crenças) e tirar a roupa? já tirei! não na concretização do despir as roupas no palco e no Teatro, mas já tirei para o outro, que me lê atriz-palhaça nos espaços da vida, já tirei para sentir prazer e romper com o pudor do

sexo! dos corpos nus e disponíveis um ao outro. já tirei para sentir prazer sozinha no chuveiro, já tirei para homens cuidarem do meu



corpo grávido, tirei e definitivamente me arreganhei para parir, e até fiz um enfermeiro me tocar, para verificar a dilatação, hoje até faço graça disso, mas achei o toque da médica abusivo, ela fez o primeiro toque para verificar os centímetros da dilatação e doeu tanto, que não deixei ela tocar de novo, quando precisei fazer de novo cerca de umas cinco horas depois, disse que

queria que ele(o enfermeiro) fizesse, e ainda disse que era pra ele fazer direito porque nem meu companheiro havia me tocado como ela, então queria que de alguma forma eles me fizessem sentir prazer em está ali "escancarada", nem sei da onde pensei em dizer isso, mas disse.

Já me despi tanto que nem sei mais dizer o que é revelar, desnudar, está nu. aqui neste corpo que construo estou nua, tanto, que nem posso pensar na reverberação da causa disso no eu que existe.

Edson, digo as coisas mesmo sabendo que vais me dá muitos motivos e razões para te odiar depois, vais fazer mil interrogações sobre cada frase que escrevo, vais fazer todas as correções ortográficas do meu texto, vais ser o Edson. E tudo bem porque depois que a tempestade passa a mansidão do oceano faz a gente enxergar o horizonte.

O ano de 2014, a primeira escrita do muro e o encontro contigo foram o despertar de mim mesma. E o início de um afeto e carinho imenso (imenso mesmo! Deixa a porra desse adjetivo aí o texto é meu! Mas se preferir podes colocar imensurável, tá?).

Ou posso dizer que esse afeto extraído dos nossos encontros no espaço da Universidade agiu no meu modo de existir como educadora em formação, aumentando minha potência de existir, a começar pelas publicações nos periódicos da TRIBUNA, que de acordo, com Novikoff e Cavalcante (2015) tu expandiste minha potência da mente por meio das ideias, tornando assim meu corpo Devir um estado ativo.

Ou mesmo através das retóricas muitas vezes me deixando as dúvidas sobre mim mesma ou algo, para jorrar a semente da pesquisa ou da procura por mim nesse lugar do Teatro. Teus caminhos metodológicos posso comparar ao que diz Novikoff e Cavalcante (2015, p.102):

“(...) desenvolveu práticas pedagógicas que favorecem a aprendizagem e o conhecimento, de modo, que os alunos se fortaleçam efetivamente, aprimorando suas relações com o mundo, o que para Spinoza (2009) implica encontros que favorecem ao homem perseverar no seu ser”

A verdade que escrevo para agradecer todas as “esculhambações”, a confiança, o apoio, o aplauso no dia da comunicação no Seminário de pesquisa em Teatro, quando fui fazer a defesa oral do artigo que

fizemos juntos: "CRETINO EM AÇÃO: coleta de dados das duas edições da revista: TRIBUNA DO CRETINO revista de crítica em Teatro e dança".

Quero dizer que foi muito importante para mim teu acolhimento com a Catarina em sala de aula e com a minha gestação da Helena durante a vigência da bolsa. Tuas palavras são um gatilho que reverberam na minha potência de agir diante das situações, sempre penso em ti não só como um educador que quer ver seu educando alcançando voo no céu do conhecimento, mas como aquele ente, familiar querido, que cuida, protege e que quer o melhor para sua cria.

Arrisco a dizer que és um "Pãe" uma mistura da maternidade com a paternidade, pois és homem de uma delicadeza materna, sem ter as neuras específicas dos hormônios femininos, és uma boa mistura dos dois, o carinho, o acolhimento ao mesmo tempo que a sinceridade e a racionalidade das coisas e das situações.

Mesmo afirmando que não sabes lidar com essas situações sentimentais e de relações, sei que te afetas por elas. Te afeta, porque te importa, assim como te importaste comigo desde o momento que me aprovaste para o curso de Crítica em Teatro até o último momento de entrega do relatório final da bolsa de extensão e sei que não é só porque teu nome estava em jogo.

Não poderia deixar de comentar sobre os nossos encontros na tua casa que marcamos para que eu pudesse te entrevistar para a minha

pesquisa de TCC, no fim, aquela entrevista serviu para guardar na memória como um encontro afectivo.

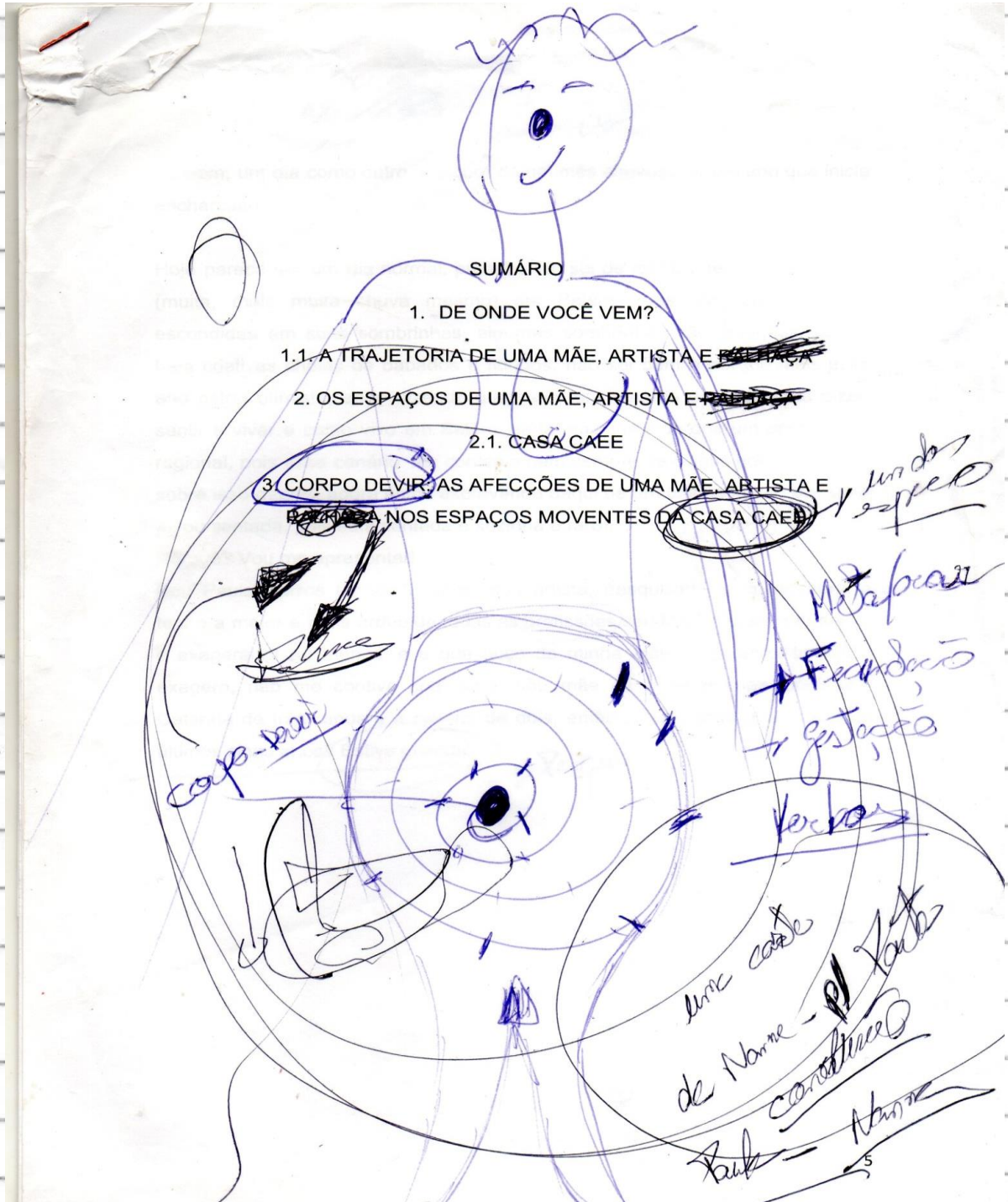
Afectivo porque tenho desenvolvido elas com o conceito de afectão de Espinosa a partir do Devir de Deleuze e Guattari e com as lembranças e marcas deixadas no meu corpo e no meu Ser das vivências no espaço do Teatro, porque dentro do processo de construção da pesquisa, minha escrita mudou, e agora ela se configura assim, na escrita de cartas, no entanto, a ideia das perguntas que fiz na entrevista norteiam o corpo construção que é como nomeio este corpo no formato escrito. Tenho tentado de alguma maneira transferir para a escrita da pesquisa em arte, uma fruição poética do meu corpo para fazer valer meu processo dentro desse espaço do "Cretino".

De todo modo só tenho Gratidão! Seguiremos como "os malditos das quebradas do mundaréu" carregados de cretinices sejam elas jornalísticas, fruidoras, ensaística ou poética sempre teremos esse dever para com nós mesmos e a nossa arte.

Com carinho, da "cretininha"

Paula Barros

PARIR



2.1 CORPO PALHAÇO: Construção de um corpo palhaço.

Paula/Nanna; Nanna/Paula – videoarte

Esta seção é o corpo de encontro com o mundo. São meus corpos de maetriz e palhaço. São três vídeos marcando o tempo de existência e o parir dos corpos/eus presentes na vida.

Esse primeiro é o nascer da Nanna Chorona - a palhaço, onde escrevo uma carta para ela e ela escreve para mim potencializando nossos corpos no encontro com o mundo do corpo em construção exposto ao chão.

Essa construção iniciou no processo da Oficina da Romana Melo na Casa das Artes que se intitulou: "O poder que a palhaço tem" no ano de 2018. Quando estou no chão em posição fetal, é em referência ao criar, entrando em processo de gerar o SER palhaço e um dos exercícios na sala com Romana.

2.2 CORPO AFETO – videoarte

Este é o que considero o “parir” da escrita, onde revela o processo construção do corpo em construção. As páginas no chão revelam os “pródomos” – para gestante é quando começa a sentir as primeiras dores do parto, para o escritor são as primícias da escrita.

Portanto, exponho aqui no espaço de casa o caminho para o parto da pesquisa/eu que existe, potencializando o corpo escrito, no modo ativo do meu corpo/ser.

2.3 CAOS E CORPO -Videoarte

O caos é o estado presente em que vive meu corpo. Nele vocês veem meu corpo (máquina-corpo) em constante desajuste, na tentativa de ajuste consigo mesmo.

Para a ideia do corpo encontro com Jean-Luc Nancy revelando os pedaços, foles, cabeça, e a ideia da ideia do existir/eu.

Configura também o nascer para a vida, pois é no caos presente que se (re)significa e se (re)cria esse corpo.

Para tanto, o que quero revelar é a existência/eu quanto corpo/devir/ideia na potência e ativação do meu SER.

E, antes de ir para o link de acesso aos corpos/eus que existe. Te convido a ler esse fragmento do Livro de Augusto Boal. Que me revela a essência desse SER/eu matriz que existo.

Faço questão de ter a cópia desse prefácio, visto que é um corpo/bricouler, considero neste corpo em construção essencialmente importante a reprodução dessa leitura para um afectar o leitor.

APÊNDICE– Construção do Corpo Devir.

Prefácio

*A belíssima fábula de Xuá-Xuá, a fêmea pré-humana que descobriu o teatro.**

A palavra “teatro” é tão rica de significados diferentes — alguns se complementando, outros se contradizendo! — que nunca sabemos ao certo sobre o que estamos falando quando falamos de teatro. De qual teatro estamos falando?

Antes de mais nada, teatro é um lugar, um edifício, uma construção especialmente projetada para espetáculos, *shows*, representações teatrais. Nesse sentido, o termo “teatro” engloba toda a parafernália da produção teatral — cenografia, luz, figurinos etc. — e todos os seus agentes — autores, atores, diretores e outros.

Teatro pode ser também o lugar onde se passam certos acontecimentos importantes, cômicos ou trágicos, que somos obrigados a assistir de uma certa distância, como espectadores paralisados: o teatro do crime, o teatro da guerra, o teatro das paixões humanas.

Podemos chamar igualmente de teatro aos grandes acontecimentos sociais: a inauguração de um monumento, o batismo de um navio de guerra, a sagração de um rei, uma parada militar, uma missa (especialmente a do papa no Aterro do Flamengo, com direito a *show* musical), um baile (especialmente o da Ilha Fiscal). Essas manifestações podem ser igualmente designadas pela palavra “rito”. Pode-se também dar o nome de “teatro” às ações repetitivas da vida cotidiana: nós encenamos a peça do café da manhã, a cena de ir para o trabalho, o ato de trabalhar,

* Esta fábula me foi contada pelo último descendente de Xuá-Xuá, que, depois disso, morreu. (N. do A.)

o epílogo do jantar, o almoço épico com toda a família no domingo etc. Nestes casos, procedemos como atores numa longa temporada de sucesso, que repetem sempre o mesmo texto, com os mesmos parceiros, executando os mesmos movimentos, nas mesmas horas, por milhares de vezes. A existência humana pode ser uma sucessão de mecanizações tão rígida e desprovida de vida quanto os movimentos de uma máquina. Esse tipo de “teatro” incrustado em nossas vidas pode também ser chamado de “ritual profano”.

Frases como “fazer um drama”, “fazer uma cena” ou, em francês, “faire du théâtre” são usadas para descrever situações onde as pessoas manipulam, exageram ou distorcem a verdade. Neste sentido, teatro e mentira são sinônimos.

No sentido mais arcaico do termo, porém, teatro é a capacidade dos seres humanos (ausente nos animais) de se observarem a si mesmos em ação. Os humanos são capazes de se ver no ato de ver, capazes de pensar suas emoções e de se emocionar com seus pensamentos. Podem se ver aqui e se imaginar adiante, podem se ver como são agora e se imaginar como serão amanhã.

É por isso que os seres humanos são capazes de identificar (a eles mesmos e aos outros) e não somente reconhecer. O gato reconhece seu dono, que o alimenta e afaga, mas não pode identificá-lo como professor, médico, poeta, amante. Identificar é a capacidade de ver além daquilo que os olhos olham, de escutar além daquilo que os ouvidos ouvem, de sentir além daquilo que toca a pele, e de pensar além do significado das palavras.

Posso identificar um amigo por um gesto, um pintor por seu estilo, um político pelas leis que vota. Mesmo na ausência de uma pessoa, posso identificar sua marca, seus traços, suas ações, seus méritos.

Uma fábula chinesa muito antiga — anterior dez mil anos ao nascimento de Cristo — conta a belíssima história de Xuá-Xuá, a fêmea pré-humana que fez a extraordinária descoberta do teatro. Segundo essa antiga fábula, foi uma mulher, e não um homem, quem fez essa descoberta fundamental. Os homens, por sua vez, apoderaram-se desta arte maravilhosa e, em algumas épocas, chegaram a excluir as mulheres como

atrizes — como no tempo de Shakespeare, quando rapazes interpretavam rainhas e princesas. Pior ainda, nas representações das tragédias gregas, as mulheres (algumas vezes) não eram admitidas nem sequer como espectadoras. Por ser o teatro uma arte tão forte e poderosa, os homens inventaram novas maneiras de usar essa descoberta essencialmente feminina. As mulheres inventaram a arte, e os homens, os ardis e artifícios: o edifício teatral, o palco, o cenário, a dramaturgia, a interpretação etc.

Xuá-Xuá viveu há dezenas de milhares de anos, quando as pré-mulheres e os pré-homens ainda vagavam pelas montanhas e pelos vales, à margem dos rios e dos mares, pelos bosques e florestas, matando outros animais para se alimentar, comendo plantas e frutos, protegendo-se do frio, morando em cavernas. Isso foi muito antes de Neandertal e Cro-Magnon, antes do *Homo sapiens* e do *Homo habilis*, que já eram quase humanos na aparência, no tamanho do cérebro e na imensa crueldade.

Esses seres pré-humanos viviam em hordas para melhor se defender dos outros animais, tão selvagens quanto eles. Xuá-Xuá, que evidentemente não se chamava assim, não tinha nem esse nem nenhum outro nome, mesmo porque não se havia ainda inventado nenhuma linguagem falada ou escrita, nem mesmo o *protomundo*, a primeira língua humana, fonte de todas as outras. Xuá-Xuá era a mais bela fêmea de sua horda e Li-Peng, três anos mais velho, o mais forte dos machos. Naturalmente, eles se sentiam atraídos um pelo outro, gostavam de ficar juntos, de nadar juntos, de subir em árvores juntos, sentir os odores mútuos, se lambar, tocar, abraçar, fazer sexo juntos, sem saber ao certo o que estavam fazendo. Era bom estar um com o outro. Juntos.

Eram felizes, tão felizes quanto dois pré-humanos podiam sê-lo.

Um belo dia, Xuá-Xuá sentiu que seu corpo se transformava: seu ventre crescia mais e mais, além da elegância. Ela tornou-se tímida, teve vergonha daquilo que se passava com seu corpo, e decidiu evitar Li-Peng. Ele não compreendia nada do que se passava. Sua Xuá-Xuá não era mais a Xuá-Xuá que ele amava, nem no físico nem no comportamento. Os dois amantes se distanciaram. Xuá-Xuá preferiu ficar só, vendo seu ventre inchar.

Li-Peng, abandonado, decidiu caçar outras fêmeas, mas sem ter a esperança de encontrar nenhuma outra parecida com seu primeiro amor. É triste sina quando o primeiro amor é o mais completo, o mais pleno e total.

Uma noite, Xuá-Xuá sentiu seu ventre se mexer: quando estava prestes a dormir, o ventre começou a balançar da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, sem obedecer à sua vontade. Com o passar do tempo, seu ventre inchava mais e mais, sacudindo, involuntário, por conta dos chutes de pequeninos pés importunos. Li-Peng, de longe, assistia Xuá-Xuá com tristeza e curiosidade. Observava-a imobilizado, como simples e bem-educado espectador daquele comportamento feminino incompreensível.

Dentro do ventre da mãe, Lig-Lig-Lé — assim se chamava o menino, mesmo não tendo esse nome, nem qualquer outro, porque nenhuma linguagem fora inventada (seja como for, trata-se de uma fábula chinesa muito antiga, em que as liberdades e as licenças poéticas são sempre permitidas e bem-vindas) — Lig-Lig-Lé, dizia eu, crescia e se desenvolvia. Não podia, porém, distinguir os limites do seu próprio corpo: seria a superfície da sua pele o limite do seu corpo, que flutuava no líquido amniótico como em uma piscina de água morna? Ou ele se estenderia até os limites do corpo de sua mãe, que o protegia? Seria isso o mundo, o que se estendia além do corpo na mãe?

Seu próprio corpo, sua mãe e o mundo inteiro formavam, para ele, uma só e completa unidade. Ele era eles, e eles eram ele. Eis por que, ainda hoje, quando mergulhamos nossos corpos nus na água, na banheira ou no mar, sentimos novamente as sensações primeiras e confundimos nosso corpo com o mundo inteiro. Terra-mãe!!

E isso acontecia dessa forma porque os sentidos do menino ainda não eram totalmente ativos. Ele não podia ver porque seus olhos estavam fechados. Não sentia odores porque não havia atmosfera no seu pequeno mundo fechado, e, sem ar, não podia respirar. Não sentia gosto porque era alimentado pelo cordão umbilical, e não por sua própria boca e sua língua. Tinha poucas sensações táteis porque sua pele tocava sempre o mesmo líquido amniótico, sempre com a mesma temperatura, e

ele não tinha como comparar. Com efeito, sabemos que toda sensação é uma comparação: podemos entender um som porque somos capazes de escutar o silêncio; sentimos os perfumes porque somos capazes de reconhecer o mau cheiro.

A primeira sensação mais clara que o menino teve foi ouvir. Lig-Lig-Lé era estimulado concretamente pelo ouvido. Entendia perfeitamente bem certos ritmos contínuos, alguns sons periódicos e alguns barulhos aleatórios. Os batimentos cardíacos da mãe e os do seu próprio coração eram ritmos contínuos, ritmos de base, que o guiavam e lhe davam suporte para integrar todos os outros sons e ruídos, assim como numa orquestra o ritmo é essencial. Ele escutava seu sangue e o de sua mãe, correndo em suas veias, como uma música melodiosa — é tão importante a melodia; escutava os ruídos gástricos e algumas vezes vindas do exterior — são inevitáveis. Suas primeiras sensações foram acústicas. E ele era capaz de organizar os sons, orquestrá-los.

A música é a mais arcaica das artes, a mais profundamente enraizada em nós, porque começa quando ainda estamos no útero de nossas mães. Ela nos ajuda a organizar o mundo, embora não nos faça entendê-lo. É uma arte pré-humana, criada antes do nascimento.

Todas as outras artes são posteriores à música e só aparecem quando os outros sentidos se desenvolvem e se plenificam. Com um mês de idade, a criança começa a ver. Inicialmente, sombras, que serão mais nítidas com o passar do tempo. Mas o que é que mesmo nós, os adultos, podemos ver? Vemos uma torrente infinita de imagens em movimento. Eis por que necessitamos das artes plásticas para fixar essas imagens, para imobilizá-las, coisa impossível de fazer no dia-a-dia. A fotografia e o impressionismo vieram posteriormente para imobilizar o próprio movimento em si mesmo, capturá-lo; paradoxo: o movimento imóvel! O cinema veio para submetê-lo, dominá-lo. O cinema ordena o movimento. Estas artes olham a realidade de um ponto de vista externo. A dança, ao contrário, penetra no movimento e o organiza desde o seu interior, usando os sons e os silêncios como suporte para essa estruturação visual: a dança traduz o som em imagens, em movimento: torna o som visível, palpável.

Li-Peng, abandonado, decidiu caçar outras fêmeas, mas sem ter a esperança de encontrar nenhuma outra parecida com seu primeiro amor. É triste sina quando o primeiro amor é o mais completo, o mais pleno e total.

Uma noite, Xuá-Xuá sentiu seu ventre se mexer: quando estava prestes a dormir, o ventre começou a balançar da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, sem obedecer à sua vontade. Com o passar do tempo, seu ventre inchava mais e mais, sacudindo, involuntário, por conta dos chutes de pequeninos pés importunos. Li-Peng, de longe, assistia Xuá-Xuá com tristeza e curiosidade. Observava-a imobilizado, como simples e bem-educado espectador daquele comportamento feminino incompreensível.

Dentro do ventre da mãe, Lig-Lig-Lé — assim se chamava o menino, mesmo não tendo esse nome, nem qualquer outro, porque nenhuma linguagem fora inventada (seja como for, trata-se de uma fábula chinesa muito antiga, em que as liberdades e as licenças poéticas são sempre permitidas e bem-vindas) — Lig-Lig-Lé, dizia eu, crescia e se desenvolvia. Não podia, porém, distinguir os limites do seu próprio corpo: seria a superfície da sua pele o limite do seu corpo, que fluía no líquido amniótico como em uma piscina de água morna? Ou ele se estenderia até os limites do corpo de sua mãe, que o protegia? Seria isso o mundo, o que se estendia além do corpo na mãe?

Seu próprio corpo, sua mãe e o mundo inteiro formavam, para ele, uma só e completa unidade. Ele era eles, e eles eram ele. Eis por que, ainda hoje, quando mergulhamos nossos corpos nus na água, na banheira ou no mar, sentimos novamente as sensações primeiras e confundidas nosso corpo com o mundo inteiro. Terra-mãe!!

E isso acontecia dessa forma porque os sentidos do menino ainda não eram totalmente ativos. Ele não podia ver porque seus olhos estavam fechados. Não sentia odores porque não havia atmosfera no seu pequeno mundo fechado, e, sem ar, não podia respirar. Não sentia gosto porque era alimentado pelo cordão umbilical, e não por sua própria boca e sua língua. Tinha poucas sensações táteis porque sua pele tocava sempre o mesmo líquido amniótico, sempre com a mesma temperatura, e

ele não tinha como comparar. Com efeito, sabemos que toda sensação é uma comparação: podemos entender um som porque somos capazes de escutar o silêncio; sentimos os perfumes porque somos capazes de reconhecer o mau cheiro.

A primeira sensação mais clara que o menino teve foi ouvir. Lig-Lig-Lé era estimulado concretamente pelo ouvido. Entendia perfeitamente bem certos ritmos contínuos, alguns sons periódicos e alguns barulhos aleatórios. Os batimentos cardíacos da mãe e os do seu próprio coração eram ritmos contínuos, ritmos de base, que o guiavam e lhe davam suporte para integrar todos os outros sons e ruídos, assim como numa orquestra o ritmo é essencial. Ele escutava seu sangue e o de sua mãe, correndo em suas veias, como uma música melódica — é tão importante a melodia; escutava os ruídos gástricos e algumas vozes vindas do exterior — são inevitáveis. Suas primeiras sensações foram acústicas. E ele era capaz de organizar os sons, orquestrá-los.

A música é a mais arcaica das artes, a mais profundamente enraizada em nós, porque começa quando ainda estamos no útero de nossas mães. Ela nos ajuda a organizar o mundo, embora não nos faça entendê-lo. É uma arte pré-humana, criada antes do nascimento.

Todas as outras artes são posteriores à música e só aparecem quando os outros sentidos se desenvolvem e se plenificam. Com um mês de idade, a criança começa a ver. Inicialmente, sombras, que serão mais nítidas com o passar do tempo. Mas o que é que mesmo nós, os adultos, podemos ver? Vemos uma torrente infinita de imagens em movimento. Eis por que necessitamos das artes plásticas para fixar essas imagens, para imobilizá-las, coisa impossível de fazer no dia-a-dia. A fotografia e o impressionismo vieram posteriormente para imobilizar o próprio movimento em si mesmo, capturá-lo; paradoxo: o movimento imóvel! O cinema veio para submetê-lo, dominá-lo. O cinema ordena o movimento. Estas artes olham a realidade de um ponto de vista externo. A dança, ao contrário, penetra no movimento e o organiza desde o seu interior, usando os sons e os silêncios como suporte para essa estruturação visual: a dança traduz o som em imagens, em movimento: torna o som visível, palpável.

Ao perder o filho, Xuá-Xuá encontrou-se a si mesma e descobriu o teatro.

Foi nesse momento que se deu a descoberta! Quando Xuá-Xuá renunciou a ter seu filho totalmente para si. Quando aceitou que ele fosse um outro, outra pessoa. Ela se viu separando-se de uma parte de si mesma. Então, ela foi ao mesmo tempo atriz e espectadora. Agia e se observava: era duas pessoas em uma só — ela mesma! Era *espect-atriz*. Como somos todos *espect-atores*. Descobrimo o teatro, o ser se descobre humano.

O teatro é isso: a arte de nos vermos a nós mesmos, a arte de nos vermos vendo!

⊙ fala pessoal

SER

Entusiastas / Perguntas

- trajetória no teatro → de onde veio? • De onde você vem?
- O espaço de encontro → onde se faz teatro? • O trajeto de uma mãe, artista-palhaça
- O quem em questão → teatro / potência • O teatro que transforma

arte do encontro
Espectador quanto
truidor da obra.

Corpo em

Construção

- A arte de AFETAR o outro
- Onde se faz Teatro
- Para quem se faz Teatro!?

Potência da minha arte

O Teatro fala da condição humana:

- BOAL
- DESGRANGES
- FORTIN
- PNH
- DELEUZE
- ESPINOSA
- BACHELARD
- MANOEL DE BARROS
- ANA WVO
- ROBERTO

Pergunta;
Objetivo;
Metodologia.

⊙ matéria prima do SER: pensamento

- ⊙ a arte de afetar o outro; afetar e ser afetado.
- ⊙ xua - xua
- ⊙ maturidade; gostar; olhar; encontrar
- ⊙ verbetes de um corpo

"Tudo na vida é construção, passo a passo, com paciência e perseverança."

"... O melhor modo de saber se estamos certos é ARRISCAR."



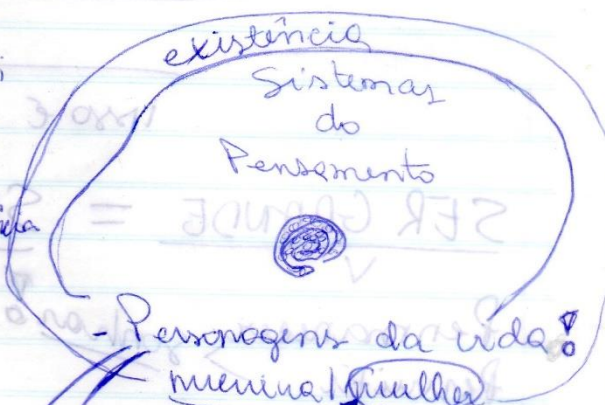
~~Qual a minha arte?~~
~~Qual a arte de aceitar o outro?~~

Qual a **Potência** da minha arte?
 Arte de aceitar o outro. ?



- 1 Embrião;
- 2 Feto;
- 3 Criança;
- 4 Pré-adolescência;
- 5 adolescente;
- 6 jovem;
- 7 adulto;

casa
lar
útero



MENINA

gente grande
 monha → desfrutar as possibilidades da vida ??? desconhece
 ideal do que é vida ???
 bom → Príncipe encantado/real
 conteúdo material
 Dona de si → fazer o que tem vontade

aceitam
 constroem
 outro SER (EU)

transforma
 como?

ARTE

Ser
 palhaço

Perspectiva do que é humano e da condições humanas

MULHER

mido → pensa
 coragem → Real → humana
 aceita → dificuldades sente

Mundo
 AGORA
 AGORA